UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROFLETRAS
Rede Nacional

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS - PROFLETRAS
Bloco do Centro de Pesquisa e Pós-Graduação em Linguagem
Cidade Universitária - Cáceres-MT
Tel. (65) 3224-1307
profletrascaceres@unemat.br

UNEMAT PROFLETRAS MESTRADO

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Carlos Alberto Reyes Maldonado

PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS

PROFLETRAS
Rede Nacional

UNIDADE CÁCERES

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ELIANE PEREIRA DA SILVA

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: INTERVENÇÕES EM PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA A PARTIR DOS CONTOS DE MARINA COLASANTI EM SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Cáceres-MT
2024-2

ELIANE PEREIRA DA SILVA

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: INTERVENÇÕES EM PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA A PARTIR DOS CONTOS DE MARINA COLASANTI EM SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Profissional em Letras Profletras da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus Universitário de Cáceres, como requisito para obtenção de título de Mestre em Letras, sob a orientação da Prof. Dr.ª: Shirlene Rohr de Souza.

Cáceres-MT
2024

Ficha catalográfica elaborada pela Supervisão de Bibliotecas da UNEMAT Catalogação de Publicação na Fonte. UNEMAT Unidade padrão

Silva, Eliane Pereira da.
34 Língua Portuguesa e Literatura: intervenções em práticas de leitura e de escrita a partir dos contos de Marina Colasanti em séries finais do Ensino Fundamenta / Eliane Pereira da Silva. - Cáceres, 2025.
103f.: il.

Universidade do Estado de Mato Grosso "Carlos Alberto Reyes Maldonado", Letras/CAC-PROFLETRAS - Cáceres - Mestrado Profissional, Campus Universitário de Cáceres "Jane Vanini".
Orientadora: Dra. Shirlene Rohr de Souza.

1. Leitura e Escrita. 2. Contos. 3. Marina Colasanti. I. Souza, Shirlene Rohr de, Dra. II. Título.

UNEMAT / MT-SCB CDU 821.134.2(81)

GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS – PROFLETRAS

ELIANE PEREIRA DA SILVA

LÍNGUA PORTUGUESA E LITERATURA: INTERVENÇÕES EM PRÁTICAS DE LEITURA E DE ESCRITA A PARTIR DOS CONTOS DE MARINA COLASANTI EM SÉRIES FINAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade do Estado de Mato Grosso, câmpus universitário de Cáceres, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras, julgada pela Banca composta dos membros:

_____

Orientadora: Profª. Drª. SHIRLENE ROHR DE SOUZA
UNEMAT/Campus Universitário de Alto Araguaia/Núcleo de Rondonópolis

_____

Avaliador Externo – Prof. Dr. DAGOBERTO ROSA DE JESUS
Instituto Federal de Primavera do Leste-MT / IFMT

_____

Avaliador Interno – Prof. Dr. ÉVERTON ALMEIDA BARBOSA
PPGLetras/ UNEMAT – Campus Universitário de Tangará da Serra

Cáceres-MT, 16 de dezembro de 2024.

Dedico este trabalho ao meu amado pai (*in memorian)*, à minha querida mãezinha e aos meus alunos que fizeram parte da minha trajetória, aos que fazem e aos que ainda farão.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, pelo dom da vida, por me conceder vivenciar inúmeras bençãos, por ter me presenteado com o Mestrado e por ter segurado minha mão todas as vezes que pensei em desistir.

Sou grata a minha mãe por sempre cuidar, apoiar e orar por mim.

Agradeço ao meu companheiro de vida por toda paciência, compreensão, por sempre acreditar no meu potencial e me incentivar desde o início dessa jornada.

Agradeço a minha companheira de mestrado Graciele Rosa de Jesus, pela amizade que construímos, pelas trocas de experiências, pelo incentivo e companheirismo durante toda essa jornada.

Agradeço a toda minha família pelo apoio e compreensão.

Sou extremamente grata a minha querida orientadora, Shirlene Rohr de Souza, por todos ensinamentos, paciência, apoio e por toda positividade em sempre me fazer acreditar que tudo iria dar certo.

Agradeço à gestão da escola Deputado Dormevil Faria e a todos colegas de trabalho.

Agradeço ao coordenador do programa Profletras por ser sempre compreensivo e não medir esforços para nos ajudar durante essa caminhada.

Agradeço aos professores do programa Profletras por tantos ensinamentos e ao colegas da turma 9 por todas experiências compartilhadas.

Agradeço aos alunos do 7º F, por ter abraçado o projeto e envolvimento em todas as práticas propostas. Com certeza vocês foram protagonistas nesse trabalho.

Agradeço aos professores da banca de qualificação pelas contribuições dadas a este trabalho.

“A beleza não está nem na luz da manhã nem na sombra da noite, está no crepúsculo, nesse meio tom, nessa incerteza.”

Lygia Fagundes Teles, “Venha ver o pôr-do-sol” (1988)

RESUMO

Esta pesquisa, que foi desenvolvida no âmbito do Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras-Cáceres-MT), trata de leitura e de escrita em seus processos de desenvolvimento, em duas fases: uma de revisão bibliográfica e outra interventiva, realizada com alunos do 7º ano do Ensino Fundamental da escola Deputado Dormevil Faria, localizado na cidade de Pontes e Lacerda-MT. A investigação parte da premissa de que a literatura, além da experiência de fruição, constitui um ambiente dialógico que produz conhecimento e estimula os atos fundamentais da comunicação, ler e escrever e, sendo assim, todo o trabalho de investigação aqui posto pressupõe que a leitura literária é muito significativa para a formação de indivíduos críticos, criativos e autônomos; além disso, a literatura é capaz de ampliar a habilidade de reflexão e de expressão individual ou coletiva. O principal objetivo do exame é aprofundar conceitos relacionados às habilidades de ler e de escrever, promovendo intervenções afirmativas em sala de aula por meio da literatura. A pesquisa é qualitativa, contando com leituras de obras, artigos científicos e análises; delineada pela pesquisa-ação, a investigação também coletou informações nas práticas de ensino, com intervenções temáticas e sequências didáticas; a etapa interventiva se desenvolveu a partir de cinco contos, gênero literário geralmente de curta extensão: "Um espinho de Marfim", "A moça tecelã", "Além do bastidor", "Para que ninguém a quisesse" e "Entre a Espada e a Rosa", todos de Marina Colasanti, presentes na obra intitulada *Mais de 100 histórias maravilhosas* (2015); em todas as narrativas selecionadas, as protagonistas são mulheres que precisam tomar alguma decisão e posteriormente enfrentar as consequências de suas escolhas. A pesquisa apresenta a seguinte estrutura: após as considerações inicias, que apresentam a estrutura da Dissertação, o texto segue contextualizando a cidade, a escola e a turma que participa das atividades de intervenção; na sequência, a pesquisa aprofunda uma discussão conceitual sobre leitura e escrita e as relações que esses processos mantêm com a literatura; em seguida, há uma descrição da intervenção, com indicações de etapas e resultados; dentre estes a apresentação de portfólio e por fim, as considerações finais trazem um olhar retrospectivo sobre o desenvolvimento da pesquisa, com algumas conclusões. Como aporte crítico e teórico, destacam-se: *Estratégia de leitura* (2014), de Isabel Solé, *Reflexões sobre alfabetização* (2011) e *O ingresso na escrita e na cultura do escrito* (2013), de Emília Ferreiro, *Oficina de leitura* (2002), de Angela Kleiman, *Do mundo da leitura para leitura do mundo* (2000), de Marisa Lajolo, Letramento literário (2009), de Rildo Cosson, dentre outros. Os resultados críticos e teóricos da pesquisa justificam sua realização, que provocou reflexões teóricas e estabeleceu relações diretas não apenas com as práticas educativas, mas a vida social, na qual as pressões sobre as mulheres exigem da escola um posicionamento mais atento e crítico.

Palavras-chave: Leitura, escrita, contos, Marina Colasanti.

ABSTRACT

This research, which was developed within the scope of the Professional Master's Program in Literature (ProfLetras-Cáceres-MT), deals with reading and writing in their development processes, in two phases: a bibliographic review and an intervention phase, carried out with 7th grade students of the Deputado Dormevil Faria Elementary School, located in the city of Pontes e Lacerda-MT. The investigation is based on the premise that literature, in addition to the experience of enjoyment, constitutes a dialogical environment that produces knowledge and stimulates the fundamental acts of communication, reading and writing. Therefore, all the research work presented here assumes that literary reading is very significant for the formation of critical, creative and autonomous individuals; in addition, literature is capable of expanding the ability of reflection and individual or collective expression. The main objective of the examination is to deepen concepts related to reading and writing skills, promoting affirmative interventions in the classroom through literature. The research is qualitative, including readings of works, scientific articles and analyses; outlined by action research, the investigation also collected information on teaching practices, with thematic interventions and didactic sequences; the intervention stage was developed based on five short stories, a literary genre generally of short length: “Um espinho de Marfim”, “A moça tecelã”, “Além do bastidor”, “Para que ninguém a querer” and “Entre a Espada e a Rosa”, all by Marina Colasanti, present in the work entitled Mais de 100 histórias maravilhas (More than 100 wonderful stories) (2015); in all the selected narratives, the protagonists are women who need to make a decision and later face the consequences of their choices. The research presents the following structure: after the initial considerations, which present the structure of the Dissertation, the text continues contextualizing the city, the school and the class that participates in the intervention activities; next, the research deepens a conceptual discussion about reading and writing and the relationships that these processes have with literature; then, there is a description of the intervention, with indications of stages and results;including the presentation of the porttfolio Finally, the final considerations provide a retrospective look at the development of the research, with some conclusions. As critical and theoretical contributions, the following stand out: Reading strategy (2014), by Isabel Solé, Reflections on literacy (2011) and Entry into writing and writing culture (2013), by Emília Ferreiro, Reading workshop (2002), by Angela Kleiman, From the world of reading to reading the world (2000), by Marisa Lajolo, Literary literacy (2009), by Rildo Cosson, among others. The critical and theoretical results of the research justify its implementation, which provoked theoretical reflections and established direct relations not only with educational practices, but also with social life, in which pressures on women require schools to adopt a more attentive and critical stance.

Keywords: Reading, writing, short stories, Marina Colasanti.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Muro da Escola Deputado Dormevil Faria 18
Figura 2: Capa do livro 100 histórias maravilhosas de Marina Colasanti 22
Figura 3: Castelo 48
Figura 4: Jardim 48
Figura 5: Princesa 49
Figura 6: Rei 49
Figura 7: Unicórnio 50
Figura 8: Rosas 50
Figura 9: Texto de aluno 53
Figura 10: Texto de aluno 54
Figura 11: Notícia de jornal 56
Figura 12: Notícia de jornal 57
Figura 13: Cartaz elaborado por aluna, contra violência contra a mulher 57
Figura 14: Cartaz elaborado por alunos de denúncia de violência contra a mulher 58
Figura 15: Cartaz produzido por alunas denunciando violência doméstica 59
Figura 16: Atividade sobre “A moça tecelã” 62
Figura 17: Atividade sobre o conto “A moça tecelã” 63
Figura 18: Atividade em sala de aula sobre A moça tecelã 63
Figura 19: Atividade em sala de aula sobre A moça tecelã 64
Figura 20: Texto de aluno 64
Figura 21: Texto de aluno 65
Figura 22: Texto de aluno 66
Figura 23: desenhos produzidos pelos alunos 68
Figura 24: desenho produzido por uma aluna 69
Figura 25: Texto de aluno 73
Figura 26: Texto de aluno 74
Figura 27: Texto de aluno 74
Figura 28: Texto de aluno 76
Figura 29: Texto de aluno 76
Figura 30: Painel de trabalhos dos alunos, entre textos e desenhos 78
Figura 31: Painel de trabalhos dos alunos, entre textos e desenhos 78

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO: A PESQUISA-AÇÃO E SEUS EFEITOS EM SALA DE AULA 10

2 CIDADE, ESCOLA, TURMA: CONTEXTOS E PESSOAS DA PESQUISA-AÇÃO 16

2.1 Pontes e Lacerda- MT 16
2.2 O cenário: Escola Estadual Deputado Dormevil Faria 18
2.3 Público-alvo: alunos do 7º ano 20

3 A LEITURA E A ESCRITA EM SEUS FUNDAMENTOS: BASES TEÓRICAS 24

3.1 Ensino de Língua Portuguesa em séries finais do Ensino Fundamental 25
3.2 A leitura 29
3.3 Ler o mundo, ler a palavra 31
3.4 A escrita 34
3.5 Literatura: leitura e escrita 35
3.6 O mundo maravilhoso de Marina Colasanti 38
3.6.1 “Um espinho de marfim” 39
3.6.2 “A moça tecelã” 41
3.6.3 “Além do bastidor” 42
3.6.4 “Para que ninguém a quisesse” 43
3.6.5 “Entre a espada e a rosa” 44

4 A INTERVENÇÃO: A LITERATURA NA COSTURA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE LEITURA E ESCRITA 46

4.1 Primeiros passos 46
4.2 Leitura e escrita: “Um espinho de marfim” 47
Elaborado pelo aluno T.M.R 1ª versão 54
4.3 Leitura e escrita: “Para que ninguém a quisesse” 55
4.4 Leitura e escrita: “A moça tecelã” 59
4.5 Leitura e escrita: “Além do bastidor” 67
4.6 Leitura e escrita: “Entre a espada e a rosa” 70
4.7 Resultados dos trabalhos 77

5 CONCLUSÃO: TECIDO COM FIOS DE LITERATURA, LEITURA E ESCRITA 80

REFERÊNCIAS 84

APÊNDICES 86

ANEXOS 91

1 INTRODUÇÃO: A PESQUISA-AÇÃO E SEUS EFEITOS EM SALA DE AULA

Em 2022, quando ingressei na carreira docente, um dos primeiros impactos que tive e que me causou grande preocupação foi o fato de os alunos não gostarem de ler; até então meu contato com a sala de aula tinha sido somente no estágio durante a graduação e, por ser um período curto e já passado em torno de 9 anos, não me recordava dessa aversão.

Lembro-me que, antes mesmo de aprender a ler, eu gostava muito de ouvir histórias contadas por meu avô paterno, por meu pai, os famosos “causos”, posteriormente ouvir as histórias que uma de minhas irmãs lia para mim, histórias estas que vinham nas famosas cartilhas e a minha empolgação por elas era tamanha que eu decorava para depois ficar repetindo.

Ainda na infância, assim que aprendi a ler, gostava de ler as narrativas apresentadas nos livros didáticos e, como não tive condições de ter livros em casa, a minha paixão era uma caixa de papelão repleta de livros que ficava no fundo da sala de aula da escola rural onde eu estudei os quatro primeiros anos do Ensino Fundamental. Nos finais de semana, eu podia pegar um livro para ler em casa e isso pra mim era como um troféu.

Depois comecei a estudar na cidade, na antiga *Escola 14 De Fevereiro* e a biblioteca tornou-se meu local favorito. Nessa época, li muitos gibis, romances, entre tantas outras histórias. Durante o Ensino Médio, lembro-me de ter lido o romance *A moreninha*, de Joaquim Manoel de Macedo, para atividades escolares: fazer um resumo da obra como exercício de avaliação; e também tive oportunidade de assistir a um júri simulado de uma turma universitária, não me recordo de qual instituição, que girou em torno da obra *Dom Casmurro*, de Machado de Assis.

Também, nesse período de adolescência, li inúmeros romances das coleções *Júlia, Sabrina e Bianca*, gostava muito de ler, pois apresentavam narrativas lineares, com conflitos amorosos que chegavam a um final feliz; essas coleções alimentavam sonhos de uma menina que começava a compreender a vida e os sentimentos. Gostava dessas coleções (autoras estrangeiras, nomes estranhos ao mundo literário), porém eu não gostava de literatura – a literatura considerada clássica, a literatura erudita. Essa literatura me remetia para tabelas de períodos, com suas principais obras e autores.

Na Graduação de Licenciatura em Letras, minha visão de Literatura mudou completamente: nesse período eu fui apresentada à literatura brasileira, contemporânea, inglesa, portuguesa e africana e só então compreendi o real sentido do que é e o que não é literário.

Assim que iniciei meus trabalhos em sala de aula, trabalhei com turmas de Ensino Médio e com uma turma, como professora substituta, do 3º ano do Ensino Fundamental I, e com isso pude perceber que os alunos dos anos iniciais gostam de ler (claro que existem exceções), mas com o passar dos anos esse prazer pela leitura vai desaparecendo e ao chegar no Ensino Médio a situação é ainda mais crítica, principalmente ao se tratar de leitura literária.

A iniciação dos alunos no universo da leitura e da literatura em si é um desafio complexo, é algo que deve ser aprimorado dia após dia, pois os resultados não virão imediatamente, requerem paciência e persistência. E talvez seja esse um dos motivos pelos quais a leitura acaba sendo trabalhada em sala de aula de maneira equivocada, às vezes apressada demais, às vezes por um viés puramente funcionalista; sem o modo fruição, a literatura provoca ainda mais a aversão do aluno.

Ao iniciar o Mestrado, durante as disciplinas do curso, pude perceber a possibilidade de aproximação entre teoria e prática; percebi que a forma de abordar a literatura nas aulas de língua portuguesa deve ser mais leve e prazerosa, sem a obrigatoriedade de avaliações, despertando o interesse do aluno para a leitura, reflexão e exposição de suas ideias. Esse foi um dos objetivos no processo interventivo proposto: oferecer literatura para fruição e crescimento pessoal, pois demais ganhos, secundários às vezes, serão somados depois. Assim, nesta pesquisa, toma-se o texto literário como uma forma de humanizar, pois sua natureza é dialógica e afetiva; despertar a sensibilidade desses alunos para a leitura e reflexão, uma forma de conhecer a si e compreender o próprio mundo em que vive.

A leitura literária se configura como um pilar fundamental no processo de formação de indivíduos críticos, criativos e autônomos. Além de seu traço humanizador, a literatura contribui para o desenvolvimento pessoal e intelectual da pessoa que lê e, mais ainda, contribui para o desenvolvimento da escrita. No entanto, observa-se com frequência a resistência dos alunos em relação à leitura, muitas vezes vista como uma tarefa monótona e obrigatória.

Diante desse cenário, esta Dissertação, que resulta de uma pesquisa desenvolvida no âmbito do Mestrado Profissional em Letras (ProfLetras-Cáceres-MT), inclina-se para o problema da leitura e da escrita em sala de aula; a literatura não é coadjuvante, ela é central na leitura de fruição e desenvolvimento crítico. Nesse contexto, os contos de Marina Colasanti foram a referência de um trabalho de formação de leitores literários.

Por intermédio de alguns contos (“Um espinho de marfim”, “A moça tecelã”, “Para que ninguém a quisesse”, “Além do bastidor” e “Entre a espada e a rosa”), o projeto interventivo foi desenvolvido em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Deputado Dormevil Faria, visando promover junto a essa turma experiências literárias que possam repercutir na leitura e na escrita. Assim, a pesquisa, tanto em âmbito bibliográfico quanto no âmbito da execução prática, teve o objetivo de ampliar e desenvolver a leitura literária e as práticas de leitura e escrita na escola.

Esta investigação, que envolve literatura, leitura e escrita em ambiente escolar, realizou-se sob os parâmetros de uma pesquisa-ação, em ambiente de ensino, a qual se caracteriza pela utilização de recursos disponíveis na escola, com a participação ativa dos alunos. Na pesquisa-ação, a investigação se desenvolveu em torno de problemas localizados (mas que podem ser gerais), que demandam estudos críticos e teóricos e atividades práticas com alunos. Para Tripp (2005, p. 445), a pesquisa-ação pode ser compreendida como uma “estratégia para o desenvolvimento de professores e pesquisadores de modo que eles possam utilizar suas pesquisas para aprimorar seu ensino e, em decorrência, o aprendizado de seus alunos”.

Intitulada **Língua portuguesa e literatura: intervenções em práticas de leitura e de escrita a partir dos contos de Marina Colasanti em séries finais do Ensino Fundamental**, esta pesquisa teve como objetivo geral ampliar estudos sobre práticas de ensino de língua portuguesa promotoras do desenvolvimento da leitura e da escrita. Quanto aos objetivos específicos, a pesquisa procurou: aprofundar estudos sobre leitura e escrita, cujos pressupostos teóricos possam sustentar atividades práticas em sala de aula; valorizar a literatura em sala de aula; promover ambientes propícios à leitura e à escrita.

A justificativa para a escolha desse tema para uma pesquisa é o fraco desempenho quanto à proficiência nas capacidades de ler e escrever. São notórias as

pesquisas que indicam resultados pouco satisfatórios para leitura e escrita entre jovens estudantes. Neste sentido, esta pesquisa se justifica por não se limitar a estudos teóricos e críticos, ao contrário, ela possui uma conexão com práticas efetivas de sala de aula. Tal conexão resulta da metodologia proposta, a pesquisa-ação, a qual, ao mesmo tempo em que aprofunda conceitos, testa-os, junto aos alunos, em atividades de leitura e de escrita, com atividades que visam estimular leituras críticas e o desenvolvimento da escrita.

A intervenção, como etapa constitutiva deste processo de pesquisa, é de natureza prática e tem como objetivo sistematizar atividades que desafiem os alunos a pensar e a trocar experiências conseguidas com leitura e escrita. Dentre as ações planejadas, constaram atividades dirigidas que, ao mesmo tempo em que buscaram estimular a leitura de literatura entre os alunos da turma de 7º ano do Ensino Fundamental II da Escola Estadual Deputado Dormevil Faria, procuraram ajudar os alunos a melhorarem a expressão escrita e construir leituras mais críticas.

A primeira etapa foi amparada por estudos críticos e teóricos desenvolvidos no interior das disciplinas e, principalmente, por um período dedicado à revisão bibliográfica. Essa fase da investigação recebeu o suporte teórico de obras que tratam desses conceitos e de discussões afins: *Cultura escrita e educação* de Emília Ferreiro (2013), *Ensino de língua portuguesa: oralidade, escrita*, *leitura e educação* de Vanda Maria Elias (2011), *A importância do ato de ler* (1981) de Paulo Freire, e o ensaio “O direito à literatura”, de Antonio Candido. Além dessas obras, outros textos, entre livros e artigos, foram lidos para sustentação crítica e teórica desta fase da pesquisa.

Concomitante ao aprofundamento teórico dos principais conceitos que constituem os eixos desta pesquisa – leitura, escrita e literatura –, outras atividades relacionadas à pesquisa foram realizadas, tais como coletas de informações e de materiais, organização de atividades lúdicas, confecção de cartazes. Por meio dessas atividades, foi possível envolver os alunos em práticas de leitura de literatura e de escrita. Todos esses processos envolvem capacidades cognitivas de compreensão e expressão, além de criatividade.

Assim, uma parte da pesquisa foi de natureza crítica e teórica, com investigações sobre diferentes concepções de leitura e de escrita, bem como sobre a relação entre literatura, leitura e escrita. Uma outra parte da pesquisa foi de natureza interventiva, justificando a pesquisa-ação. Nessa etapa, a literatura foi o grande aporte

das atividades, tendo a obra de Marina Colasanti como referencial literário. O trabalho de intervenção foi desenvolvido a partir dos contos: *Um espinho de marfim*, *A moça tecelã, Para que ninguém a quisesse, Além do bastidor* e *Entre a espada e a rosa*, os quais foram originalmente publicados em livros diversos; posteriormente, eles foram reunidos a outros na obra *Mais de 100 histórias maravilhosas*, de Marina Colasanti, utilizada nesta pesquisa.

A Dissertação *Língua portuguesa e literatura: intervenções em práticas de leitura e de escrita a partir dos contos de Marina Colasanti em séries finais do Ensino Fundamental*, que registra a pesquisa em todas as suas etapas, está dividida em cinco capítulos: a introdução, três capítulos centrais e a conclusão, além das referências.

Neste primeiro capítulo, intitulado "Introdução: a pesquisa-ação e seus efeitos em sala de aula", apresenta-se o contexto da pesquisa, suas motivações, seus objetivos, seus pressupostos e suas estratégias; também apresenta a metodologia de trabalho, o aporte teórico e a estrutura da Dissertação.

O segundo capítulo, "Cidade, escola, turma: contextos e pessoas da pesquisa-ação", apresenta o grande contexto em que se desenvolve esta pesquisa: a cidade de Pontes e Lacerda, a Escola Estadual Deputado Dormevil Faria, os alunos do 7º ano, com suas histórias e expectativas. Trata-se de um capítulo importante, pois situa as motivações da pesquisa.

O terceiro capítulo, "Leitura e escrita em seus fundamentos: bases críticas e teóricas", apresenta as concepções de leitura e de escrita, revisando os principais teóricos, tais como Emília Ferreiro, Paulo Freire, Antonio Candido. O objetivo foi mostrar que cada conceito – leitura e escrita – possui uma estrutura mental distinta, que opera no nível de uma linguagem articulada, a língua materna. Leitura e escrita são processos simbióticos, um processo precisa do outro e um auxilia o outro. Entre a leitura e a escrita, a literatura constitui uma região à parte, que age para a fruição, mas também para a produção de conhecimento. Fizemos também uma apresentação mais pontual da escritora Marina Colasanti e dos contos escolhidos para as atividades de intervenção na turma do 7º ano. O capítulo apresenta uma análise de cada conto, destacando os pontos que foram pautados no processo de intervenção junto à turma.

O quarto capítulo, "A intervenção: A literatura na costura de uma sequência didática de leitura e escrita", descreve a realização do trabalho de intervenção realizado na turma; o capítulo mostra como o trabalho foi realizado e como a leitura,

a escrita e a literatura constituíram fios que teceram uma história especial para os estudantes, que puderam ler e discutir alguns contos de Marina Colasanti.

Finalmente, no último capítulo, “Conclusão: Tecido com fios de literatura, leitura e escrita”, faz-se um apanhado da pesquisa, tomando-a retroativamente, avaliando suas etapas, considerando os resultados obtidos e seu produto final.

2 CIDADE, ESCOLA, TURMA: CONTEXTOS E PESSOAS DA PESQUISA-AÇÃO

Esta pesquisa surge de uma realidade vivenciada por muitos professores e com a qual eu me deparei ao ingressar como professora em uma escola de Ensino Fundamental, a defasagem dos alunos, ano a ano, em suas capacidades de leitura e de escrita. Os déficits na educação são cumulativos, portanto, as lacunas das séries iniciais repercutem no decorrer dos anos. O relatório da Saeb (2023, p. 5) confirma essa situação: “Esses dados indicavam que parcela significativa de crianças concluía os anos iniciais do Ensino Fundamental (EF) com defasagens no processo de alfabetização” (Brasil, Saeb, 2023, p. 05).

Ao ingressar na carreira docente, deparei-me com alunos com pouco interesse pela leitura e pela escrita, situação que me fez colocar esse tema no projeto de pesquisa apresentado ao Programa de Pós-graduação de Mestrado Profissional em Letras. Assim, a pesquisa se inspira na própria sala de aula, que gera perguntas e problematiza as práticas de ensino. Nesse contexto de sala de aula nasce essa investigação, com base na metodologia da pesquisa-ação. Thiollent (1986, p. 14) explica o que vem a ser uma pesquisa-ação:

> A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com urna ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

Para o desenvolvimento da proposta interventiva intitulada **Língua portuguesa e literatura: intervenções em práticas de leitura e de escrita a partir dos contos de Marina Colasanti em séries finais do Ensino Fundamental** temos como cenário a *Escola Estadual Deputado Dormevil Faria*, localizada na região central da cidade de Pontes e Lacerda- MT.

2.1 Pontes e Lacerda- MT

A cidade de Pontes e Lacerda foi fundada em 29 de dezembro de 1979, mas seu aniversário é comemorado em 6 de agosto, em menção de honra à Lei Estadual № 3.813 de 06 de dezembro de 1976, sancionada pelo Governador Garcia Neto. A página da Prefeitura explica a origem do nome da cidade:

> A origem do nome Pontes e Lacerda data de 1784, quando Antonio Pires da Cunha Pontes e Francisco José de Lacerda e Almeida, ilustres cartógrafos e astrônomos, elaboraram a primeira carta geográfica dos rios da região, partindo de Vila Bela da Santíssima Trindade, rumando para o Rio Jauru. Foram descritos, assim, os rios das bacias Amazônica e do Prata. Antonio Pires da Cunha Pontes, mineiro, Francisco José de Lacerda e Almeida, paulista[1].

A cidade de Pontes e Lacerda localiza-se em uma área que inicialmente foi ocupada pelos indígenas Nambikwara. Eles eram denominados pelos paulistas de Cabixi ou Cavixi. Depois vieram os paulistas como os primeiros desbravadores da região. Com a chegada deles, ocorreu o processo de dizimação da tribo por problemas de aculturação, doenças, entre outros. Apesar de tudo disso, ainda hoje uma parte desse povo vive na região, mais precisamente na reserva denominada Sararé.

O desenvolvimento geral do estado de Mato Grosso influenciou no desenvolvimento de Pontes e Lacerda, além das facilidades promovidas pelo estado. Entre elas estava a venda de terras a custo baixo. O Governo Federal desenvolveu planos de arrimo por meio de abertura de estradas e projetos da Superintendência do Desenvolvimento da Amazônia - SUDAM e da Superintendência do Desenvolvimento do Centro-Oeste – SUDECO.

Com o crescimento do pequeno aglomerado urbano, a Lei no 3.813, de 03 de dezembro de 1976, sancionada pelo governador José Garcia Neto, criou o distrito de Pontes e Lacerda, no município de Vila Bela da Santíssima Trindade. O afluxo de migrantes à região foi intenso, de modo especial a partir do momento da descoberta de ouro na região, entre os anos de 1970 e 1980, nos garimpos da Serra de Santa Bárbara e do Caldeirão.

A denominação Pontes e Lacerda é uma homenagem aos astrônomos e cartógrafos Antônio Pires da Silva Pontes Leme (mineiro) e Francisco José de Lacerda e Almeida (paulista) que passaram pela região em 1784, com a missão de elaborar a primeira carta geográfica dos rios da região. Partindo de Vila Bela da Santíssima Trindade, descreveram os rios das bacias Amazônica e do Prata.

Pontes e Lacerda, também conhecida como a princesinha do Guaporé, ou “a cidade do ouro” está localizada a cerca de 450km da capital mato-grossense (Cuiabá), conhecida por se destacar no agronegócio do estado e também pelas áreas de

[1] Coisas de Mato Grosso. Pontes e Lacerda. Disponível em: http://www.coisasdematogrosso.com.br/cidades/cidade.asp?id=68&cidade=Pontes_e_Lacerda

garimpos espalhadas pela região. Possui em torno de 45 mil habitantes, contando com 4 escolas estaduais sendo uma delas militarizada, 5 municipais e 2 da rede particular, sendo uma delas de ensino especial.

2.2 O cenário: Escola Estadual Deputado Dormevil Faria

A Escola Estadual Deputado Dormevil Faria foi criada em 17 de abril de 1957, denominada como “Escola Rural Mista”, ocasião esta em que foi nomeada a primeira professora Senhora Cirila Francisca da Silva, na época a escola ainda era pertencente ao munícipio de Vila Bela da Santíssima Trindade.

No ano de 1974 iniciou-se a primeira construção do primeiro prédio escolar, localizado hoje onde fica a Escola Militar Tenente Carlos Scheifer, antiga *Escola 14 de Fevereiro*. Em 1978 a Escola Rural Mista passou a ser chamada como “Escola Estadual de Primeiro e Segundo graus Pontes e Lacerda” devido a criação do curso de magistério com duração de quatro anos.

Em 1978, começa a construção do novo prédio onde hoje se localiza a escola, e para homenagear um deputado cacerense falecido em novembro de 1957, Dormevil Malhado da Costa e Faria, a escola passou a ser denominada Escola Estadual Deputado Dormevil Faria.

Figura 1: Muro da Escola Deputado Dormevil Faria



Fonte: Imagem da pesquisadora

A Escola Estadual Deputado Dormevil Faria está localizada no centro de Pontes e Lacerda e atualmente atende a alunos do Ensino Fundamental regular com turmas de 6º ao 9º nos períodos matutino e vespertino, Ensino Médio e EJA (Educação de Jovens e Adultos) no período noturno, além de turmas do Ensino Médio com extensão de cursos técnicos em parceria com o IFMT (Instituto Federal de Mato Grosso). No período matutino e vespertino os alunos têm entre 11 e 15 anos, no período noturno os alunos têm idade de 16 e acima, alguns já estão em idade adulta, que são aqueles que não tiveram oportunidades de estudar e estão frequentando turmas do EJA. A escola atende ao todo em torno de 1200 alunos no total.

Os alunos da Escola Estadual Deputado Dormevil Faria são oriundos de vários bairros da cidade e também da zona rural; além disso, como na cidade há sempre pessoas chegando de outras regiões do país, a escola conta atualmente com alunos de vários estados e até mesmo de países vizinhos. O período vespertino possui um público amplo de alunos provenientes da zona rural e que dependem do transporte escolar; isso ocorre nos dois períodos diurnos já que alguns alunos moram em bairros bem distantes e necessitam do transporte que é disponibilizado pelo próprio município. Esses alunos são de realidades socioeconômicas distintas.

Quanto à estrutura física, a Escola Estadual Deputado Dormevil Faria possui 16 salas de aulas climatizadas e recentemente teve televisões instaladas em todas as salas; também possui uma biblioteca, possui em torno de 150 *chromebooks* que são disponibilizados para os alunos utilizarem juntamente com o professor para realizar pesquisas, atividades e cursos em sala de aula, a escola possuí também uma Secretaria anexa à sala da Diretoria, uma sala de professores, uma sala da coordenação e mais: cozinha, refeitório, uma quadra coberta, banheiros femininos e masculinos, um banheiro adaptado, laboratório de ciências (atualmente está sendo usado como depósito de materiais), pátio com jardim e uma horta que faz parte do projeto desenvolvido por equipe docente e alunos, Neste ano também por meio de projeto desenvolvido por uma professora de biologia e alguns alunos está sendo desenvolvido um jardim sensorial com o objetivo de inclusão social dos alunos com deficiência e promover a educação ambiental.

A biblioteca da escola possui alguns acervos literários, em torno de quase 7000 mil livros de vários gêneros, o empréstimo de livros para o aluno é dividido por turmas, com dia e horário marcado para retirada e devolução, alguns dias da semana a

biblioteca permanece fechada em determinados períodos por ter apenas uma pessoa para o atendimento. O que de certa forma vai contra o que prega o PPP (Projeto Político Pedagógico) que visa uma reformulação para diminuir a distância entre as práticas pedagógicas e o que é o ideal em relação ao atendimento na biblioteca tanto para alunos quanto para os profissionais, fazendo com que essa aproximação com os livros e esse ambiente ocorra de forma mais eficiente e eficaz, já que a biblioteca é um ambiente propício para que o aluno desenvolva o hábito e o gosto pela leitura.

Em relação ao quadro de profissionais, a escola possui em seu corpo docente, atualmente, cinco professoras de língua portuguesa efetivas, sendo quatro na ativa. A maioria da equipe é de profissionais contratados, em diversas áreas; a escola possui também 5 professores pedagogos que atuam como professores auxiliares em sala de aula, recentemente a escola foi contemplada com uma equipe psicossocial composta por psicólogo, assistente social e pedagoga atuante no ano de 2024.

É nesse contexto estrutural que proponho o desenvolvimento do projeto **Língua portuguesa e literatura: intervenções em práticas de leitura e de escrita a partir dos contos de Marina Colasanti em séries finais do Ensino Fundamental**, cujo público-alvo é uma turma do 7º ano.

2.3 Público-alvo: alunos do 7º ano

Um dos aspectos que me chamou a atenção durante o trabalho com turmas nessa escola, é a dificuldade que eles apresentam em compreender a própria leitura, sendo necessário, muitas vezes, adotar a prática de oralidade e escuta para uma compreensão eficiente. Outra questão que me chamou, e ainda chama a minha atenção, é a forma como alguns alunos se expressam sem perspectivas ou sonhos, quando é pra tratar de algum assunto relacionado ao seu próprio futuro. O desencantamento ou a falta de entusiasmo é frustrante para um professor. Como professora, vejo a literatura como uma forma de reencantar esses mundos.

Durante as disciplinas do Mestrado Profissional em Letras, o PROFLETRAS podemos perceber a possibilidade da aproximação entre teoria e prática, da forma de se abordar a literatura nas aulas de língua portuguesa de forma mais leve e prazerosa, sem a obrigatoriedade de avaliações, despertando o interesse do aluno para a leitura, reflexão e exposição de suas ideias. É o que vamos nos propor a realizar nesse processo de intervenção, considerando o texto literário como uma forma de despertar

a sensibilidade desses alunos para a leitura e reflexão, uma forma de conhecer a si e compreender o próprio mundo em que vivem.

O projeto interventivo foi desenvolvido na Escola Estadual Deputado Dormevil Faria, em uma turma de 7º ano do Ensino Fundamental II. Composta por 33 alunos, sendo 18 meninas e 15 meninos. A turma possui duas alunas não alfabetizadas, uma delas foi transferida para outra cidade logo no início do projeto e retornou quando já estávamos na etapa final. Em relação à leitura, a maioria lê fluentemente e se dividem entre aqueles que são resistentes em fazer leitura em voz alta e outros que disputam entre si para ler. Esses últimos também são os mais participativos em atividades que envolvem oralidade, demonstram mais facilidade em interpretações e também na escrita.

Em relação à escrita a turma demonstra muita dificuldade em articular as ideias em uma produção textual; em uma atividade de escrita, de uma maneira geral, a turma se preocupa com critérios formais como a quantidade de linhas. Considerando a norma culta, a escrita apresenta singularidades que têm muito a ver com a oralidade, com a fala cotidiana.

Escolhemos trabalhar com a desenvolvimento da leitura literária em sala de aula e produção textual, já que podemos observar que esses são uns dos maiores desafios enfrentados até pela resistência que nossos alunos apresentam quando se trata em adotar o hábito de ler ou produzir um texto, talvez porque a leitura para eles significa apenas decodificação de palavras, leituras monótonas e obrigatórias exigidas por cada disciplina.

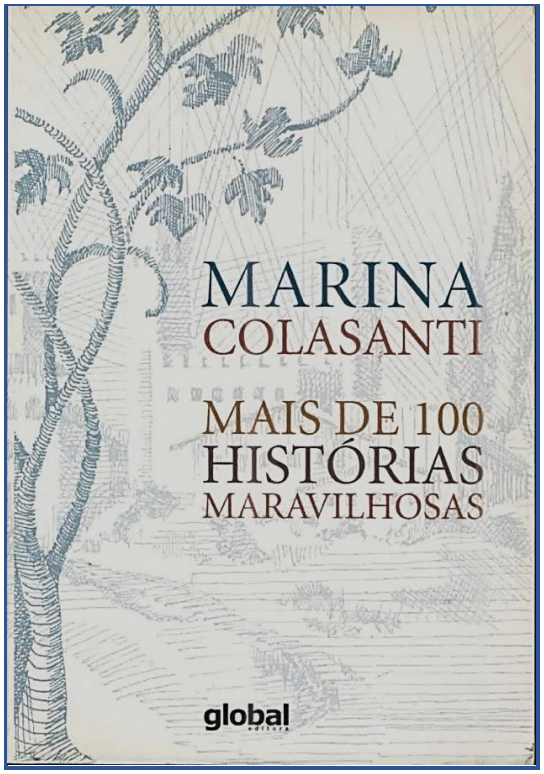
Mortatti (2018, p. 23) ressalta que: “a leitura é um processo de produção de sentidos. Oscilando numa tensão constante entre paráfrase (reprodução de significados) e polissemia (produção de novos significados) ...”, portanto cabe a nós, professores apresentar aos nossos alunos as várias possibilidades de leitura, de forma que possam se sentir envolvidos pelo processo de leitura e letramento e dele participar de maneira espontânea e prazerosa.

Para o desenvolvimento do projeto foram utilizadas algumas obras da autora Marina Colasanti voltados para o público infantojuvenil, com temáticas que retratam diversos aspectos da vida humana de uma forma poética e fazendo intertextualidade com textos já conhecidos pelos nossos alunos, como os clássicos contos de fadas, ressignificando principalmente a figura feminina.

Para o trabalho de intervenção junto à turma do 7º ano, foram selecionados cinco contos de Marina Colasanti: “Um espinho de marfim”, “A moça tecelã”, “Além do bastidor”, “Para que ninguém a quisesse” e “Entre a espada e a rosa”. Esses contos possuem um aspecto em comum: a representação ao mesmo tempo delicada, ao mesmo tempo pulsante da mulher.

Nos contos, Marina Colasanti explora a ocorrência de eventos não naturais, semelhantes ao que ocorre em contos tradicionais, conhecidos como contos de fadas. As narrativas ressignificam a figura da princesa dos contos de fadas tradicionais, mirando a mulher moderna que busca seus objetivos.

Figura 2: Capa do livro 100 histórias maravilhosas de Marina Colasanti



Fonte: Acervo da Pesquisadora

A partir desses contos desenvolvemos várias atividades em sala de aula voltadas para a leitura, escrita e práticas de oralidade. Utilizando imagens, letras de músicas, vídeos e atividades dinâmicas relacionadas às temáticas abordadas para que fossem feitas as devidas reflexões e uma forma de aproximação entre o texto literário e o contexto do nosso aluno, a fim de demonstrar que a atividade literária estimula o debate e ajuda a melhorar a leitura e a escrita dos alunos. Assim como defende Marisa Lajolo (LAJOLO, 1988, p. 69) ao afirmar que:

> É a propósito da literatura que a importância do sentido do texto se manifesta em toda sua plenitude. E é essa plenitude de sentido o começo, o meio e o fim de qualquer trabalho com o texto. Todas as atividades escolares das quais o texto participa precisam ter sentido, para que o texto resguarde seu significado maior.

Diante desta premissa, buscamos mecanismos que fizessem com que o aluno compreendesse o sentido geral de cada texto trabalhado, provocando reflexões, questionamentos e desenvolvimento, embora seja um trabalho que deve ser aprimorado dia após dia em sala de aula, pois trata-se de uma construção e não algo pronto e finalizado, trata-se de um processo contínuo que deve ser colocado em prática para que que invés de nós enquanto professores não sejamos apenas transmissor de informações, mas que proporcione ao aluno momentos de desenvolver seu pensamento crítico e construir seu próprio conhecimento.

3 A LEITURA E A ESCRITA EM SEUS FUNDAMENTOS: BASES TEÓRICAS

Leitura e escrita são dois processos complexos, distintos, mas simbióticos. Ler e escrever são duas atividades culturais, ou seja, são produtos das atividades humanas, profundamente associados à intelectualidade abstrata; essas atividades, ligadas à capacidade cognitiva, ajudam a organizar a vida social no mundo letrado.

Ambos os processos, leitura e escrita, ainda que possam estar associados a práticas sociais mais amplas (leitura de mundo, escrita do corpo), na escola, esses processos estão profundamente ligados à palavra: a leitura da palavra, a escrita da palavra. Também ambos possuem um momento de aprendizagem, a alfabetização, que introduz as crianças ao mundo do texto, texto para ler e texto para escrever. Mas o que é exatamente a leitura? O que é exatamente a escrita? Como uma professora que trabalha nas séries finais do Ensino Fundamental pode lidar com as aulas de Língua Portuguesa, de forma criativa, envolvente, chamando o aluno para o texto? Como despertar o interesse pela leitura e pela escrita?

Tanto a leitura quanto a escrita possuem uma concepção social. Sobre a concepção de leitura, Kleiman (1992, p. 10) destaca seu caráter social, envolvido pelas práticas e valores de um grupo:

> Quanto à concepção de leitura pressuposta neste livro, consideramos esta uma prática social que remete a outros textos e outras leituras. Em outras palavras, ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que fomos criados.

Quanto à escrita, no livro *Práticas de leitura e escrita* (2006), organizado por Maria Angélica Freire de Carvalho e Rosa Helena Mendonça, Maria da Graça Val, no capítulo “O que é ser alfabetizado e letrado?”, também destaca o caráter social da escrita e sua concepção social do processo que envolve um plano maior, o letramento:

> A apropriação da escrita é um processo complexo e multifacetado, que envolve tanto o domínio do sistema alfabético/ortográfico quanto a compreensão e o uso efetivo e autônomo da língua escrita em práticas sociais diversificadas. A partir da compreensão dessa complexidade é que se tem falado em alfabetização e letramento, como fenômenos diferentes e complementares. (Val, 2006, p. 19)

Como práticas sociais, leitura e escrita são processos essenciais na construção de conhecimento. Para compreender esses processos e, assim, lidar com eles na prática de ensino em sala de aula, este capítulo investiga, separadamente, esses dois movimentos, ler e escrever, que terão a literatura como um terceiro movimento catalizador.

Esta etapa da pesquisa se dá por meio de aportes teóricos voltadas para a leitura, escrita e formação do leitor literário. Além de livros e artigos científicos, documentos oficiais amparam as discussões, como a BNCC no ensino de Língua Portuguesa. Quanto a autores e obras, destacam-se, vários autores: Maria Helena Martins (2006), Paulo Freire (2011), Emilia Ferrero (2011), Isabel Solé (2014), Antonio Candido (2006), Tereza Colomer (2003), Marisa Lajolo (1993), Rildo Cosson (2006), Crescitelli e Reis (2008) e outros que tratam do ensino da Língua Materna.

3.1 Ensino de Língua Portuguesa em séries finais do Ensino Fundamental

Marcuschi (2008), ao discutir o ensino da língua, retoma uma questão colocada antes por Batista (1997 *apud* Marcuschi, 2008, p. 50): “Quando se ensina língua, o que se ensina?”. Marcuschi (2008, p. 50) amplia o problema: “Para o autor, trata-se da questão do ensino de língua portuguesa, mas aqui se trata da língua e não do português. E não do ensino da língua como tal, mas de seu estudo. Na realidade, essa indagação pode ser feita de muitas coisas, mas em particular ela se aplica ao caso da língua”.

De fato, quando o professor de Língua Portuguesa entra em uma sala de aula, muitas vezes, faz esse movimento realmente achando que vai “ensinar” a língua, mas essa “língua” é, na verdade, uma variedade engessada por regras da língua materna, conhecida norma culta. Ao longo dos anos, muitas perspectivas orientaram o ensino do português em sala de aula. Mais uma vez, Marcuschi (2008) traz uma longa citação de Batista (1997), para mostrar que essa questão já deu diferentes nomes às aulas de língua portuguesa:

> É a alteração do ponto de vista sobre esses e outros fenômenos que pode, em parte, explicar as mudanças que vem sofrendo o ensino de Português ao longo de sua história, e que se expressam, na alteração de seu nome: Gramática Nacional, Língua Pátria ou Idioma Nacional, Comunicação e Expressão, Português. É também na alteração desses pontos de vista – ou particularmente, a competição entre eles – que

> pode explicar, em certa medida, as polêmicas e as verdadeiras lutas que com frequência se travam para a definição de seu e objetivos: a gramática? A leitura e a escrita? A língua oral? O processo de enunciação de textos orais e escritos? O domínio de uma língua considerada lógica e correta em sua mesma? O domínio de uma variedade linguística prestigiada socialmente? Dependendo das respostas que forem dadas a essas questões, diferentes práticas ensinarão diferentes objetos objetivos. Todas essas práticas, no entanto, poderão ser identificadas pela mesma designação: "Português". Faz sentido, portanto, perguntar o que, ao se ensinar essa disciplina, é ensinado (Batista, 1997, *apud* Marcuschi, 2008, p. 50).

Em meio a essas perspectivas, o professor que ministra aulas de Língua Portuguesa precisa ter consciência de duas coisas importantes: a primeira, metodologicamente, a aula deve visar o texto: o texto deve ser o ponto de partida e o ponto de chegada; a segunda, como questão teórica, todos os alunos estão construindo hipóteses em relação ao texto que lê e em relação ao texto que escreve.

O ensino de Língua Portuguesa em séries finais visa desenvolver e aprimorar as habilidades e competências do aluno, que precisa estar inserido em um processo contínuo de desenvolvimento de leitura e de escrita. De um lado, considerando a leitura, o aluno precisa ler e compreender textos de gêneros variados; por outro lado, considerando a escrita, o aluno precisa escrever textos de forma coesa, clara e coerente, realizar uma comunicação eficaz de forma oral ou escrita.

O movimento de ensino de Língua Portuguesa, em sala de aula, muitas vezes, é afetado pela ideia conservadora de que o "aluno não sabe" (por conseguinte "precisa aprender") porque não domina a "norma culta". Essa postura, cria dificuldades, pois o aluno, sob pressão, coloca-se em atitude defensiva, muitas vezes com aversão às aulas da Língua Materna. Considerando a reflexão de Batista (1997 *apud* Marcuschi, 2008) sobre "o que se ensina", pode-se dizer a norma culta, constituída como objeto de ensino e tomada como única variedade possível dentro da escola, torna-se um espaço de restrição, um espaço onde o aluno não se sente à vontade, muito menos competente para "aprender aquilo que é ensinado".

Mas a norma não é Língua Portuguesa. Então, é possível criar um espaço em que a Língua Portuguesa possa ser motivo de fruição, por meio da leitura de literatura, da escrita criativa, da expressão pessoal das vivências do mundo. As aulas não eliminam o estudo da norma culta, a norma oficial, mas o faz em uma perspectiva inclusiva, não o contrário.

A proficiência na leitura e na escrita do aluno, ainda que seja difícil de alcançar, é a meta de todo professor. As atividades são pensadas e planejadas para o desenvolvimento da expressão oral e escrita e para promover a desenvoltura na leitura e tanto melhor se for leitura de literatura. Para tanto, o trabalho do professor sabe que para alcançar esse ideal, tanto na leitura quanto na escrita, é importante que o aluno mantenha contato regular e constante com os textos, tanto para ler quanto para escrever.

Em uma turma, sempre há muitas diferenças de ritmos de aprendizagem. Antes, isso visto como um problema, pois o que se desejava era a formação de turmas homogêneas. No entanto, diferenças são não problemas, diferenças são apenas diferenças de ritmo. Elas exigem do professor metodologias que consigam estabelecer comunicação estável e de confiança com todos.

Habituados a serem censurados por seus “erros”, muitos alunos inibem sua participação nas aulas, evitando ler em voz alta ou expor suas produções de texto, temerosos de que seus textos sejam alvo de críticas. E ainda: sob o peso de um discurso orientado pela ideia de “certo” e “errado”, acham mesmo que não sabe a Língua Portuguesa. Um dos fatores inibidores do texto escrito é a pressão sobre as marcas da oralidade.

A BNCC (Brasil, p. 65-66) ressalta a importância de experiências inovadoras, em ambiente de ensino, que coloquem os alunos em contatos com diferentes linguagens. Nas vivências da Língua Portuguesa, é fundamental ampliar as possibilidades de exploração do letramento:

> Proporcionar aos estudantes experiências que contribuam para a ampliação dos letramentos, de forma a possibilitar a participação significativa e crítica nas diversas práticas sociais permeadas/ constituídas pela oralidade, pela escrita e por outras linguagens.

A ampliação do processo de letramento passa pela compreensão de e conexão de diferentes linguagens, como associar um poema a uma música, associar um conto a uma pintura, associar uma notícia de jornal a um romance, associar a linguagem de trânsito, por exemplo, a uma canção. Conectar linguagens é ampliar a capacidade de leitura de mundo e, em movimento de retorno, a ampliação da leitura de mundo amplia a capacidade de ler a palavra. Assim, o ensino deve ser inclusivo e interativo: incluir a multiplicidade de linguagens; interagir a diversidade cultural, presente na linguagem.

O ensino de Língua Portuguesa organizado a partir de regras da norma culta, que disciplinam a expressão oral e escrita, não atraem o aluno, pois, nessa direção, o foco é muito forte na ortografia e na gramática, nas regras e nas exceções. Mas se o ensino amplia as possibilidades de leitura e de escrita, o aluno se sentirá participante do processo, por isso a importância do texto em sala de aula.

Em um trabalho com foco no texto, o aluno é levado por outra lógica: não são as regras que dominam o ensino, mas o texto é ponto central, a partir do qual a aula cresce com discussões críticas: a relação com mundo e seus eventos, a relação com as práticas sociais, a relação com as vivências culturais; aspectos funcionais da língua, são introduzidos, mas não ocupam lugar central, não são o motivo da aula: o motivo da aula é o texto.

Com a prática da leitura, os alunos passam a ter mais facilidade para compreender as mensagens explícitas e implícitas em textos de diferentes gêneros. A partir do texto, pode-se estudar as nuances da língua e refletir sobre as informações recebidas; e, ainda, por meio do texto, pode-se expressar ideias, sentimentos, de forma coesa, coerente, criativa, comunicar-se de forma adequada e com fluidez em diversas situações. Marcuschi (2008, pág. 53) ao relacionar a escrita e a comunicação oral explora que:

> É óbvio que se a escola tem como missão primária levar o aluno a bem se desempenhar na escrita, capacitando-o a desenvolver textos em que os aspectos formais e comunicativo estejam bem conjugados, isto não deve servir de motivo para ignorar os processos da comunicação oral. A razão é simples, pois desenvolver um texto escrito é fazer as vezes do falante e do ouvinte simuladamente.

Nesse sentindo compreendemos que, ao escrever, é necessário que o autor organize suas ideias, estruture as frases, escolha as palavras de acordo com seu público-alvo e ao mesmo tempo em que escreve ele antecipa as possíveis dúvidas que o seu leitor pode apresentar, por isso a importância de construir um texto claro e coeso, para que sua mensagem seja compreendida. Dessa forma, a oralidade e a escrita se entrelaçam e o desenvolvimento de uma dessas habilidades, contribui para o aprimoramento da outra. Por isso a relevância de considerar de valorização tanto da escrita como da oralidade nas atividades de sala de aula.

3.2 A leitura

Angela Kleiman (2002, p. 15), em seu livro *Oficina de leitura*, traz uma pergunta que frequentemente ouvia ao final de suas palestras: “por que meu aluno não lê?”. Essa é uma pergunta comum, recorrente entre nós, professores de Língua Portuguesa, principalmente. À pergunta, ela propõe uma reflexão:

> “Os meus alunos não gostam de ler” é, sem dúvida, a queixa mais comumente ouvida entre professores. É um dos primeiros comentários a serem feitos quando, ao terminar uma palestra sobre leitura, abre-se a sessão para perguntas e esclarecimentos.
>
> Por que essa realidade? Essa é a questão a ser explorada neste capítulo, focalizando os aspectos relativos ao funcionamento de sala de aula que podem contribuir para o problema. Aspectos macroestruturais que também influem no fracasso da escola quanto à formação de leitores não serão aqui discutidos. Referimo-nos, por exemplo, ao lugar cada vez menos que a leitura tem no cotidiano do brasileiro, à pobreza no seu ambiente de letramento (o material escrito com o qual ele entra em contato, tanto dentro como fora da escola), ou ainda, à própria formação precária de um grande número de profissionais da escrita que não são leitores, tendo, no entanto, que ensinar a ler e a gostar de ler.
>
> Para formar leitores, devemos ter paixão pela leitura.

A reflexão de Kleiman (2002) distribui, em certa medida, as responsabilidades, pois trata-se de uma questão macroestrutural, como ela diz, ou seja, não se trata de um problema pontual, de uma turma, de uma geração: dificuldades de leitura e escrita atravessam gerações, classes socias. Trata-se de uma realidade: os alunos são pouco afeitos à leitura de textos que exigem mais atenção, como literatura.

Maria Helena Martins (2006, pág. 23) ressalta que, ainda hoje, a leitura é trabalhada de forma isolada do contexto do estudante, ou seja:

> Prevalece a pedagogia do sacrifício, do aprender por aprender, sem se colocar *o porquê, como e para quê*, impossibilitando compreender verdadeiramente a função da leitura, o seu papel na vida do indivíduo e da sociedade.

Essa é a questão: a leitura não pode ser sacrifício. É necessário que o aluno perceba que a leitura é algo significativo, importante para sua vida social; o aluno

precisa se sentir motivado a embarcar na experiência da leitura de forma prazerosa, compreendendo os vários caminhos que a leitura permite percorrer.

A leitura é a experiência que permite conexões entre um texto e outro. Angela Kleiman (2002, p. 10) afirma sobre a leitura: “[...] ao lermos um texto, qualquer texto, colocamos em ação todo o nosso sistema de valores, crenças e atitudes que refletem o grupo social em que se deu nossa sociabilização primária, isto é, o grupo social em que formos criados”.

De uma maneira geral, as pessoas têm uma concepção funcional da leitura, ou seja, uma ideia de que a leitura serve para alguma coisa e essa coisa é do mundo prático: ler manual, mensagens, placas e rótulos etc. A leitura funcional está associada às atividades cotidianas, comuns em uma sociedade letrada, na qual as pessoas se movimentam entre letreiros e embalagens que organizam os espaços e a vida; a leitura funcional está muito ligada, portanto, à resolução de problemas cotidianos. Vera Teixeira Aguiar (2011) afirma, ao falar da leitura de textos literários:

> As outras leituras, aquelas que fazemos diariamente, por necessidade e até curiosidade, acontecem quase automaticamente e valem apenas por sua utilidade imediata. São necessárias, é claro, para as atividades cotidianas, mas carecem dos profundos conteúdos humanos de que a literatura se constrói. (Aguiar, 2011, p. 104)

A leitura, porém, é muito mais que isso, como explica Aguiar (2011, p. 104): “Quando nos ocupamos da formação do leitor, temos em vista o leitor literário, aquele que dispensa seu tempo, espontaneamente, com livros de literatura, fruídos com atenção e prazer”. Sob essa forma de ler, a leitura é significativa, associada à fruição, à compreensão do mundo, à crítica. A leitura, nesse contexto, é emancipadora.

O leitor crítico é capaz de relacionar o texto com o contexto, associar um texto a outros textos, construir relações entre texto e eventos que acontecem no mundo, enfim, a leitura dá novos significados à compreensão do mundo e das pessoas, desenvolvendo sensibilidades e ampliando o conhecimento. Nesse sentido, a leitura é crucial para que haja de fato uma interação profunda, um processo em que o leitor ocupe a posição de protagonista ativo tendo o texto como um guia nesse trajeto em que irá mergulhar e desvendar diferentes realidades, preenchendo suas lacunas. Marisa Lajolo (1998, p. 07) ao tratar da leitura salienta que:

> Lê-se para entender o mundo, para viver melhor. Em nossa cultura, quanto mais abrangente a concepção de mundo e de vida, mais intensamente se lê, numa espiral quase sem fim, que pode e deve começar na escola, mas não pode (nem costuma) encerrar-se nela.

A leitura consiste em um processo dinâmico e contínuo de aprendizado que vai para além da sala de aula, de forma que a leitura e a compreensão de mundo estão sempre em uma conexão bilateral: quanto mais se lê, mais conhecimento é adquirido e mais o mundo se esclarece.

Lajolo (1993) ainda enfatiza que vivemos em uma sociedade desigual quando se trata de rendas e lucros e isso também não é diferente ao falarmos sobre a habilidade de leitura, já que alguns não tiveram alcance desta e muitas vezes nem mesmo os que frequentam a escola tem um domínio eficaz dessa habilidade e destaca o quanto a leitura é essencial:

> [...] para quem quer ou precisa ler jornais, assinar contratos de trabalho, procurar emprego através de anúncios, solicitar documentos na polícia, enfim para todos aqueles que participam, mesmo que à revelia, dos circuitos da sociedade moderna, que fez da escrita seu código oficial. (Lajolo, 1998, p. 106).

A autora também defende a importância da leitura literária para que o cidadão se constitua de valores, desenvolva sensibilidades e empatias e postura crítica frente aos eventos do mundo. Assim, considerando que é isso que desejamos para nossos alunos, esperamos que com a leitura eles possam exercitar atividades críticas como refletir, discutir e defender suas ideias, utopias, manifestar seus desejos de forma coerente para a sociedade, tomando decisões conscientes e responsáveis seja para si ou seja coletivamente.

3.3 Ler o mundo, ler a palavra

A leitura, embora em sua essência possa ser considerada como a habilidade de decodificação e compreensão da palavra escrita, vai muito além, consistindo na interação entre leitor e texto por meio de conhecimentos prévios, considerando o contexto para produzir significados. Isabel Solé (1998) salienta que essa interação se faz necessária e é preciso que o leitor encontre na leitura uma finalidade, seja para entretenimento, para buscar informações, aprender sobre algo novo, aprimorar conhecimentos, ou seja, a leitura precisa ser significativa. A autora destaca ainda que:

> Para ler necessitamos, simultaneamente, manejar com destreza as habilidades de decodificação e aportar ao texto nossos objetivos, ideias e experiências prévias; precisamos nos envolver em um processo de previsão e inferência contínua, que se apoia na informação proporcionada pelo texto e nossa própria bagagem, e em processo que permita encontrar evidência ou rejeitar as previsões e inferências antes mencionadas. (Solé, 1998, p. 31)

A leitura consiste então em um processo ativo de construção de significados em que decodificação, conhecimentos prévios, evidências encontradas no próprio texto estão mutuamente interligadas, sendo ampliada também por meio da intertextualidade, que consiste no diálogo entre textos, sendo possível quando o leitor já tenha adquirido uma bagagem de leitura e mantenha esse hábito sempre ativo.

É sabido que não existe um método considerado “o correto” para se ensinar a ler, ou envolver o aluno no universo da leitura, todavia algumas estratégias e metodologias podem ser adotadas como facilitadoras nesses processos. Ao falarmos de estratégias nos referimos em encontrar o caminho mais adequado a ser seguido, algo que cada leitor irá desenvolver de forma individual aprimorando assim sua competência leitora.

Solé (1998) enfatiza ainda que, como estratégias de leitura, é primordial instigar o aluno a buscar as pistas para a compreensão e formulação de significados de um texto, observar as nuances apresentadas, ao invés de ensiná-los a diferença de um gênero textual ou outro, considerando a amplitude de possibilidades de textos que este aluno pode ter acesso e que fazem parte de seu contexto. Além disso outro ponto crucial é que este aluno se sinta motivado a ler, que encontre sentido e propósito na ação que está sendo executada, pois quando percebem essa prática como algo relevante e significativa eles são mais propensos ao envolvimento mais profundo e crítico com o hábito de leitura.

Na obra *Leitura e Revelia da escola* (2003), Mafra discorre sobre a forma que a leitura é abordada em muitas escolas, o autor assevera que a leitura ainda é muito restrita a um conjunto rígido de regras e normas, enfatizando a criação de um ambiente que pode levar a exclusão daqueles alunos que não se encaixam nos padrões estabelecidos: Ele ressalta que:

> Para o mundo da educação escolar, a leitura tende a permanecer uma prática excessivamente regrada segundo a melhor e inquestionável tradição. Neste paradigma delineiam-se separações e exclusões: entre os que aprendem e os que não conseguem aprender; os que

> gostam de ler e os que não gostam; entre os que leem bem e os que são sofríveis em seu desempenho. Pois para a escola a leitura continua sendo uma questão simples de ter ou não ter um bom desempenho. (Mafra, 2003 pág. 15)

Considerando o fato que a escola muitas vezes foca apenas no desempenho, os alunos que não se sentem à vontade pela leitura ou apresentam dificuldades na aprendizagem podem sentir-se desmotivados, já que não conseguem visualizar a leitura como uma forma de construir significados e desenvolver o pensamento crítico.

A leitura de mundo difere, em parte, da leitura da palavra. Ler o mundo é a primeira leitura que se faz: o mundo e seus signos não-verbais. Para Paulo Freire (1982, p. 9), o processo de leitura envolve uma "compreensão crítica do ato de ler, que não se esgota na decodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas que se antecipa e se alonga na inteligência do mundo", ou seja, a leitura exige uma conexão entre texto e o mundo real, o leitor não irá apenas decodificar os signos, mas construir sentidos para os signos.

Faz-se necessário a leitura de mundo e, quando tratamos da leitura de textos literários é válido salientar que os alunos apresentam resistência até porque algumas vezes por não compreender a rica diversidade de formas e gêneros que o texto literário é capaz de nos apresentar, além de transcender a mera leitura obrigatória ou apenas por entretenimento, pois este apresenta ao leitor um universo de possibilidades e perspectivas em relação a própria construção da natureza humana.

A leitura de mundo nos permite compreender a realidade ao nosso redor, buscar diferentes perspectivas e formar opiniões, é um processo contínuo em que estamos sempre aprendendo a interpretar. Essa leitura pode ocorrer a partir de interação com as pessoas, de vivências em situações diversas, observando o próprio mundo e também a partir dos próprios textos. Esta deve ser tomada como base para a leitura da palavra, ou seja, antes de adentrar no processo de leitura e escrita, o sujeito precisa ter uma compreensão voltada para o mundo ao seu redor. Ao ler o mundo o indivíduo é capaz de ter uma maior percepção da sociedade e também de transformação.

Em um artigo intitulado: *A importância do letramento literário para a formação do leitor,* Soares (2024) defende que:

> A leitura não começa na escola. Pode até começar em casa, porém em um contexto diferente das palavras e livros. As primeiras leituras

> são leituras de mundo. Desde o nascimento o bebê sente o cheiro da mãe, vê a luz, começam as interações com o ambiente. Desde já o bebê está aprendendo a ler a partir de seu contexto.

Seguindo esta linha de pensamento entendemos que a leitura já faz parte do nosso cotidiano desde os primeiros meses de vida, seja pelas canções de ninar, pelas brincadeiras, pelas histórias contadas por pessoas de nossa família, pelas interações que vão nos permitindo construir significados. A escola irá complementar este processo oferecendo mecanismo e estratégias para que seja possível a decodificação das letras e palavras e assimilem ao conhecimento que o aluno já tem imbricado, desenvolvimento assim uma visão crítica e engajada.

3.4 A escrita

A escrita é tratada como uma habilidade que pode ser adquirida. Emília Ferreiro (2011) estuda o processo de escrita pela perspectiva da aquisição e, sob essa perspectiva, ela afirma:

> A escrita pode ser concebida de duas formas muito diferentes e conforme o modo de considerá-la as consequências pedagógicas mudam drasticamente. A escrita pode ser considerada como uma *representação* da linguagem ou como um código de transcrição gráfica das unidades sonoras (Ferreiro, *Reflexões sobre Alfabetização*, 2011, p. 10).

A escrita consiste em uma habilidade que envolve uma capacidade: a capacidade de aprender e desenvolver o que foi aprendido para esferas ainda mais amplas, ou seja, a criança desenvolve a habilidade de escrever; adquirida, essa habilidade passa a ser um dispositivo de novas aprendizagens.

A escrita, como a leitura, pode ser funcional, trazendo soluções para o cotidiano. Porém, a escrita pode ser criativa e ensaística, associada a uma capacidade criadora e às atividades emancipatórias do espírito. Dessa forma, saber escrever é muito mais que a capacidade de escrever o que alguém dita (na antiga escola, havia uma atividade que se chamava “ditado”, uma espécie de teste de escrita); escrever é também invenção e criação.

Para Emília Ferreiro (2011), a criança ao entrar na escola para ‘aprender a ler e a escrever’, já traz consigo conhecimentos prévios, profundamente guardados em

sua memória, em seus costumes, em seu olhar. Como já alertava Paulo Freire (1982), antes de ler a palavra, lê-se o mundo. Emília Ferreiro (2011, p. 44) afirma:

> A escrita não é um processo escolar, mas sim um objeto cultural, resultado do esforço coletivo da humanidade. Como objeto cultural, a escrita cumpre diversas funções sociais e tem meios concretos de existência (especialmente nas concentrações urbanas).

Assim, é preciso compreender a escrita como um processo que pode ser adquirido, mas essa aquisição possui etapas, a que Emília Ferreiro chama de "psicogênese da escrita". O professor, no seu cotidiano escolar, precisa compreender os processos que o aluno atravessa, perceber as hipóteses que ele desenvolve no processo de escrita.

Nesse processo é preciso que o professor fomente a autonomia do aluno e não se baseie apenas em transmitir regras de gramática e ortografia, estimulando-o e propondo atividades que o desafie a buscar por conta própria soluções para suas dúvidas, não apenas transmitindo respostas prontas, esses são mecanismos que ajudam o aluno desenvolver a autoconfiança e ter uma visão mais crítica em relação ao que lhe é posto, evidenciando também seu senso criativo, refletindo assim sobre o mundo ao seu redor, suas experiências e sobre si mesmo, ou seja, esse processo vai além dos muros da escola.

3.5 Literatura: leitura e escrita

Trabalhar a literatura em sala de aula é de suma importância para o desenvolvimento integral dos alunos, tanto em termos cognitivos quanto socioemocionais, proporcionando a estes um vasto mundo de conhecimentos e permitindo a expansão de seus horizontes. Além de contribuir para o aprimoramento da leitura, escrita, criatividade e possibilidades de maior compreensão de si e do mundo em que está inserido.

Em seu ensaio "O direito a literatura" Antonio Candido enfatiza a importância do papel da literatura na sociedade, como um direito para todos e não apenas aos intelectuais ou críticos literários, mas que deve estar acessível para todos, justamente por ela funcionar como uma ferramenta de que nos permite compreender a vida e a sociedade em toda sua riqueza e complexidade. Diante dessa perspectiva consideramos que quanto antes o aluno tiver contato com os textos literários, maior

terá facilidade de adotar hábitos de leituras e maior será a interação entre o sujeito leitor e o texto, permitindo a compreensão de que existem outros sentidos além daqueles já expostos no texto.

Tereza Colomer (2002, pág. 96)) ao dialogar com o pensamento de Humberto Eco (1979) afirma que o texto apresenta vários elementos não ditos, ou seja, lacunas que serão preenchidas pelo leitor, porém essa não é uma interpretação subjetiva, pois o texto já apresenta um modelo de leitor ideal que será capaz de desvendar as pistas deixadas ao longo da narrativa, a interpretação nos permite alcançar vários sentidos dentro do texto, mas este deve apresentar uma coerência, e é importante que o aluno compreenda esse mecanismo, que não se trata de uma leitura arbitrária e individual, mas também um diálogo com o texto e com o mundo, assim há possibilidades de não apenas construir sentidos, como também organizá-los de forma significativa e enriquecedora.

Magda Soares (2011) enfatiza que a literatura em sala de aula geralmente é trabalhada de forma fragmentada, apresentando apenas trechos de uma obra no material didático em que o aluno deve realizar a leitura, interpretar e compreender, porém, sabemos que esta leitura é muito superficial e não será efetiva para o real papel da literatura, muitas vezes esses fragmentos não são utilizados com o objetivo principal de leitura, mas como parte do ensino gramatical, “o texto literário deixa de ser um texto para emocionar, para divertir, para dar prazer, torna-se um texto para ser estudado” (Soares, 2011, p. 28).

A leitura literária é primordial no processo de ensino-aprendizagem e para o próprio conhecimento humano, no entanto a forma como esta é abordada em sala de aula exige uma certa cautela, pois não deve ser posta como algo obrigatório para o aluno, na forma de uma avaliação ou resolução de exercícios mecanicamente, é preciso despertar no indivíduo a motivação pela leitura prazerosa, considerando que o público que buscamos abranger está vivendo uma fase de imediatismo com todos os avanços tecnológicos, a ansiedade e tantos outros conflitos enfrentados, o trabalho da leitura literária tem sido um desafio para nós professores em sala de aula, inserir os alunos no universo singular que a leitura é capaz de proporcionar. A leitura literária realizada de forma eficaz exige tempo, questionamentos, reflexões, se reconhecer dentro do próprio texto, não é algo pronto e acabado.

Na busca de superar esses desafios é imprescindível engendrar nos alunos a paixão pela leitura literária, guiando-os em um caminho de descobertas e aprendizados. Através de uma metodologia engajadora e contextualizada, podendo transformar a leitura em um processo prazeroso e significativo.

Transversalmente a leitura e a escrita literária configuram-se como uma forma de incentivo à expressão do mundo através de nós mesmo, assim como destaca Rildo Cosson (2009), a experiência literária permite ir além do conhecimento da experiência do outro, é possível vivenciá-la também e mesmo assim sem perder a própria identidade, para o autor:

> ler implica a troca de sentidos, não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (Cosson, 2009, p. 27).

Seguindo essa linha de pensamento é que o autor reforça a ideia de que a leitura mesmo sendo considerada um ato solitário, sua interpretação consiste em um ato solidário, já que ela se configura em um amplo universo de troca de experiências, entre texto, leitor e com o próprio mundo, o que se aplica também a leitura do texto literário, um mesmo livro, lido em épocas diferentes, pode provocar sentidos diferentes. Nesse quesito o aluno ao conseguir atribuir sentido ao que leu, seja capaz de refletir sobre suas atitudes e do outro, compreenda os aspectos humanizadores que o texto literário apresenta pode desenvolver o desejo pelo universo da leitura relacionando-as com seus próprios saberes e experiências. Orlandi (1996, pág. 138) salienta que:

> Ler, como temos dito, é saber que o sentido pode ser outro. Mesmo porque entender o funcionamento do texto enquanto objeto simbólico é entender o funcionamento da ideologia, vendo em todo texto a presença de um outro texto necessariamente excluído dele, mas que o constitui. Não havendo univocidade entre pensamento/mundo e linguagem haverá sempre o espaço da interpretação e do equívoco.

Dessa forma, compreendemos que a leitura vai muito além da compreensão literal das palavras, o significado de um texto não é fixo, ele apresenta uma multiplicidade de sentidos, sentidos estes que são construídos a partir da interação entre leitor, texto e contexto, diante disso o equívoco não deve ser considerado um

erro, já que cada leitor pode apresentar uma interpretação distinta e a partir desses dois elementos é que podemos obter a construção do conhecimento.

A escrita literária também é um mecanismo do aluno expressar seus pensamentos, explorando a linguagem de forma criativa, buscando transmitir ao leitor o que há de mais complexo no ser humano, fazendo o se emocionar, refletir e questionar sobre seus comportamentos, essa escrita não se detém apenas em transmitir os fatos, vale ressaltar que leitura e escrita estão sempre entrelaçadas, dessa forma se ao ler é possível se identificar e criar sentidos para o texto, ao escrever de forma literária é possível também que o indivíduo seja capaz por meio da palavra se autoconhecer, transcender suas próprias limitações, refletir sobre suas crenças, valores e sobre o próprio ser humano, uma escrita que também pode ser transformadora e imprescindível para o autoconhecimento e formação do cidadão.

É na escola que o aluno tem a oportunidade de adquirir e irá desenvolver ao longo de sua trajetória as habilidades de leitura e escrita, assim como a leitura, a escrita também envolve um pensamento crítico reflexivo, pois aquele que escreve precisa compreender que esse ato não é apenas a reprodução de frases prontas, é uma criação que envolve criatividade, imaginação, clareza de pensamentos, articulações de ideias e domínio da língua. Ao professor enquanto mediador nesse processo cabe utilizar métodos diversificados de forma que despertem o interesse do aluno pela leitura e escrita, focando em correções construtivas, não apenas buscando identificar os erros o que pode gerar bloqueios e desmotivar o aluno a desenvolver e aprimorar suas habilidades.

3.6 O mundo maravilhoso de Marina Colasanti

A autora Marina Colasanti nasceu em Asmara, capital da Eritreia,região norte do continente africano em 1937. Veio para o Brasil em 1948 onde permanece até os dias atuais. Seu primeiro livro intitulado *Eu sozinha* foi publicado em 1968. Graduada em Artes Plásticas, Marina Colasanti além de escritora atuou também como jornalista, editora, apresentadora de programas culturais na televisão, publicitária e tradutora de diversas obras da literatura universal.

A autora conta com uma vasta produção literária de mais de cinquenta títulos entre poesias, contos e crônicas, publicados no Brasil e traduzidos em diversas outras línguas.Os temas que Colasanti busca reflexões em suas obras são diversos, e vão

desde o amor, o papel da mulher na sociedade, os relacionamentos interpessoais, entre tantos outros. A autora também é ilustradora da maioria de suas obras. Atualmente, participa muito de congressos, simpósios, cursos e feiras literárias no Brasil e em outros países, falando, especialmente, sobre sua obra.

O livro utilizado como base no desenvolvimento desse projeto *Mais de 100 histórias maravilhosas* de Marina Colasanti , publicado em 2015 pela editora Global, é um convite ao deleite por um mundo de imaginação e fantasia. Este livro reúne todos os contos da autora, considerados como contos de fadas contemporâneos, com personagens típicos dos contos de fadas tradicionais e também alguns inusitados. De uma forma leve e mágica, Colasanti traz em seus contos temas da realidade que se mesclam a um mundo de fantasias, como a descoberta do amor, a busca pela própria identidade, a superação, e principalmente a autonomia feminina, em que a figura da mulher deixa de ser vista como a princesa que espera pelo príncipe que irá resgatá-la e proporcionar um final feliz,ocupam sempre a posição de passividade, enquanto nos contos de Colasanti a personagem feminina é ressignificada e vai em busca de seus objetivos e ideais, desafiando regras e imposições.

Por meio de metáforas e simbologias é que Marina Colasanti nos convida a refletir sobre as infinitas possibilidades que a leitura pode nos proporcionar, saindo do óbvio e percorrendo os vários caminhos que a narrativa pode nos conduzir.

Um dos aspectos que podemos destacar presentes em alguns dos contos que iremos trabalhar é o ato de tecer, que nos remete muito a uma metáfora da própria vida, da tomada de decisões, principalmente da figura feminina, muito destacada pela autora, por sua força, determinação e a capacidade de ser protagonistas de seu próprio destino,algumas dessas personagens necessitam passar por um momento de transição, de amadurecimento. A seguir apresentaremos a análise de cada um dos contos que serão utilizados para o desenvolvimento do nosso projeto interventivo.

3.6.1 “Um espinho de marfim”

O conto “Um espinho de marfim” publicado em 1978, traz um resgate de elementos dos contos de fadas tradicionais, como a figura do rei, sua filha a princesa, tendo como espaços o castelo, o jardim ao redor e a floresta. A narrativa inicia-se em um clima harmonioso, porém observamos na sequência que há nessa narrativa um elemento “intruso”, a figura do unicórnio, pertencente a mitologia cristã da Idade

Média. A partir disso, percebemos uma quebra de expectativas diante do que é esperado de um conto de fadas.

O conto retrata um amor platônico entre a princesa e o unicórnio, pois vimos que todos os dias antes de raiar o sol o unicórnio já se punha ao jardim da princesa para observá-la da janela do seu quarto seguindo assim por vários dias sem nunca ser notado. Até que um dia o rei, indo visitar a princesa em seus aposentos, viu o animal e decidiu que o que queria pra si, ordenando imediatamente a caçada, com isso vimos a imagem do patriarca, autoritário, que com seu poder conseguia tudo o que queria, porém mesmo após vários dias de caçada sua tropa não teve sucesso na captura do misterioso animal.

Ao ver o fracasso do pai, a princesa imediatamente promete que irá capturar o animal e entregar a ele, essa atitude já nos remete a uma mudança de comportamento do que era esperado, a personagem tem uma atitude ousada, promete ao rei, algo que nem seus melhores caçadores havia conseguido. E ela consegue capturar o animal dentro do prazo prometido com uma rede que teceu com seus próprios cabelos.

Porém ao capturar o animal ocorre uma mudança de sentimentos, “Quanto tempo demorou a princesa para conhecer o unicórnio? Quantos dias foram precisos para amá-lo?” (Colasanti,2015, pág. 20), então a princesa começa enfrentar um conflito entre a promessa que fez ao pai e os sentimentos despertados pelo unicórnio. Ao mesmo tempo que ela deseja manter esse amor proibido, ela sabe que também deve obediência ao seu pai. E o rei veio lhe cobrar a promessa, a princesa, esconde o unicórnio no armário, porém, seu pai, muito decidido, afirma, categoricamente, que voltará na manhã seguinte e levará o animal.

Esse é um momento decisivo na vida da personagem, ela passa a noite cantando suas angústias e na manhã seguinte quando o pai retorna ao quarto para levar o animal o que encontra é apenas uma rosa de sangue e um feixe de lírios. Uma metáfora que a autora utiliza para a morte dos protagonistas. Vimos que a princesa precisa tomar uma decisão e ela opta por seguir seus sentimentos, aquilo que ela acredita, simbolicamente a morte foi a forma de eternizar o amor proibido entre os dois, o enfrentamento patriarcal não era algo esperado de uma princesa, então começa aí o rompimento com os padrões sociais impostos para a figura feminina.

Já no título dessa obra podemos observar um contraste dos fatos que irão se desenrolar no decorrer do conto, “o espinho” aquele que fere, que machuca, que irá causar dor contrastando com a o “marfim” que é um material duro e branco das presas dos elefantes, simbolicamente podendo representar a pureza dos sentimentos e a resistência.

3.6.2 “A moça tecelã”

No conto “A moça tecelã”, a protagonista é quem dá o título à narrativa, uma jovem que dedica todo seu tempo fazendo aquilo que mais gosta, tecer, de uma forma bastante habilidosa como é descrito a tecelã tece todas suas necessidades básicas, conforme cada momento do dia, usando linha clara para começar o dia, linhas vivas e quentes para desenhar o horizonte, acompanhando assim para cada momento do dia cores determinadas.

O ato de tecer tudo o que desejava nos aponta a independência dessa moça, mas em determinado momento ela é visitada pela solidão e resolve que é o momento de tecer para si um companheiro e assim o faz. Logo em seguida ela começa almejar mais conquistas que o casamento poderia lhe trazer, possíveis filhos, um lar harmonioso, porém suas expectativas não duram muito. Para Cordeiro(2018.pág.2) em seu artigo que analisa as metáforas do bordado nos contos de Marina Colasanti refere que:

> Nas narrativas, o bordado torna-se metáfora para a tessitura das relações entre mulheres, que, ao passo que bordam, elaboram, também, a relação entre elas, e a configuram de diferentes maneiras. Essas relações, nem sempre de harmonia, são, não raro, de tensão, pois a convivência entre mulheres é marcada por uma gama de enfrentamentos.

O marido ao descobrir o poder que a mulher possuía em tear, não demorou em expor sua ambição e começar exigir várias coisas, como uma casa melhor, depois não achando suficiente quis um palácio, estrebarias, cavalos e tantos outros caprichos, escolhendo para a moça e seu tear a torre mais alta do tear, a esposa tecia e tecia sem nenhum descanso. Nesse momento vimos que a personagem assume um papel oposto ao que ela exercia anteriormente, ela agora ocupa uma posição de submissão ao marido e isso não a deixa feliz e a faz pensar como seria bom estar sozinha

novamente, o ato de tecer torna-se para ela não mais uma atividade prazerosa, mas algo subjugado.

Neste cenário em que a personagem feminina se encontra podemos ver a posição da mulher enquanto aquela que serve ao marido, sendo vista apenas como objeto, submissa ao marido, obedecendo todas suas vontades, em uma visão machista que atualmente embora que em uma escala menor ainda possa existir.

A personagem de Marina Colasanti com a força, determinação e autonomia que apresentou inicialmente em traçar seu destino, não excita em se desfazer daquilo que está lhe causando tristeza e lhe roubando a paz, e então sem pestanejar ela começa a desfazer o marido que ela própria criara e tudo que ele havia pedido. E finalmente pôde voltar sorrir novamente. O final da narrativa se assemelha ao clima harmonioso inicial: “Então, como se ouvisse a chegada do sol, a moça escolheu uma linha clara. E foi passando-a devagar entre os fios, delicado traço de luz, que a manhã repetiu na linha do horizonte” (2015, p. 40).

Aquele que a moça desejou e teceu, quebrou suas expectativas de felicidades, ela idealizou um casamento feliz, parceria, harmonia e companheirismo, porém ao perceber que sua felicidade estava comprometida ela se desfez daquilo que criou o que simbolicamente pode representar o divórcio, a autonomia feminina em colocar sua felicidade e bem estar em primeiro lugar, pois a personagem precisou tomar uma decisão, deludindo ao que talvez fosse o esperado mesmo nos dias atuais.

3.6.3 “Além do bastidor”

O conto “Além do bastidor” inicia-se com uma dúvida rondando uma das personagens, o que bordar? Só existe uma certeza, a cor verde. Aos poucos o bordado vai tomando forma sem ser planejado e evoluindo gradativamente, de um simples capim, para um jardim, com flores, pássaros, algo que a menina se dispõe a fazer diariamente de forma espontânea e prazerosa, pois se sente satisfeita ao ver o resultado de seu trabalho e vive em função disso, esquecendo até mesmo o mundo ao seu redor.

Em determinado momento a menina se vê tão envolta com o bordado que os mundos se mesclam, de uma forma que ela própria não consegue explicar como isso acontece. E atribui a possibilidade desse fato à linha que utiliza no bordado, a relação entre aquilo que real e aquilo que é ideal.

A personagem vai adentrando um mundo mágico que ela própria constrói, o bastidor é um objeto circular e fechado que serve para prender o bordado, o título nos remete que essa personagem foi além desse círculo, ela ultrapassa os limites esperados, encontrando uma outra visão de mundo até então desconhecida por ela. Deduzimos que esta personagem irá sofrer transformações no decorrer da narrativa

Essa passagem da menina para além do bastidor pode significar também a transformação da menina para a mulher, o momento de várias mudanças, descobertas, “A menina não soube como aconteceu. Quando viu, já estava a cavalo do galho mais alto da árvore, catando as frutas e limpando o caldo que lhe escorria da boca” (Colasanti, 2015, p.16).

Quando a irmã da protagonista a vê presa no bordado, decide finalizar e cortar a linha deixando a ali pra sempre, o rosto dela não é visto, então não fica evidente se neste momento ela está feliz, pois o rosto está escondido pela sombra.

3.6.4 “Para que ninguém a quisesse”

No conto “Para que ninguém a quisesse”, Colasanti explora uma temática mais polêmica e impactante que é a anulação da própria identidade feminina devido a manipulação e violência psicológica que a personagem sofre.

A personagem que não possui um nome e é referenciada apenas como “sua mulher”, indicando sua invisibilidade e vivendo totalmente submissa ao seu parceiro. Já desde o início da narrativa vimos que a protagonista é vítima de um relacionamento tóxico e abusivo, o impõe suas regras e vontades e ela passivamente obedece, é pouco a pouco silenciada e se vê apagada, por viver sob tantas críticas e atitudes possessivas.

Com toda a situação que a personagem vivencia ela perde sua identidade, não reconhece mais o seu valor, vive como se fosse apenas uma sombra do companheiro, tanto que no final da narrativa o homem sente saudades do desejo que um dia nutriu por ela e resolve tentar lhe resgatar: “Então lhe trouxe um batom. No outro dia um corte de seda. À noite tirou do bolso uma rosa de cetim para enfeitar-lhe o que restava dos cabelos” (Colasanti, 2009. p. 80), porém ela própria já não se reconhece mais.

De certa forma essa obra nos chama a atenção para uma denúncia de algo vivenciado por tantas mulheres na sociedade contemporânea, as várias formas de violência que as mulheres podem sofrer, os relacionamentos abusivos, as

consequências geradas por violências psicológicas, a importância do autocuidado e da autonomia individual e também nos faz refletir que mesmo hoje com todo o avanço social, o papel que a mulher exerce na sociedade ainda há casos recorrentes que são necessários combater.

3.6.5 “Entre a espada e a rosa”

O conto “Entre a espada e a rosa” já se inicia com um questionamento levantado pelo próprio narrador: “Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz “quero”?”, porém já na situação inicial da narrativa podemos ver que a protagonista não tem o poder dessa escolha; seu pai, o rei, pouco se importa com os sentimentos ou escolha da filha, casar a princesa para ele significa aumentar suas riquezas, é apenas uma mera negociação. Mais uma vez vemos uma sociedade em que o homem é o centro das atenções tendo suas vontades e caprichos atendidos, enquanto a opinião feminina fica ofuscada.

Quando o rei anuncia a princesa sobre o casamento, ela mesmo insatisfeita não demonstra qualquer reação direta contra seu pai, ela se põe a chorar e tentar encontrar uma solução para o conflito que está enfrentando. Na manhã seguinte ao acordar a princesa nota algo estranho em seu rosto:

> Com quanto espanto viu cachos ruivos rodeando-lhe o queixo! Não podia acreditar, mas era verdade. Em seu rosto, uma barba havia crescido. Passou os dedos lentamente entre os fios sedosos. E já estendia a mão procurando a tesoura, quando afinal compreendeu. Aquela era a sua resposta (Colasanti, 2015, p. 99)

A nova aparência a deixa de certa forma aliviada, pois sabia que nenhum noivo a iria aceita-la daquele jeito, mas por outro lado precisa enfrentar um novo desafio, seu pai a expulsa de casa e com isso a princesa sai em busca de emprego para mulher nas vilas próximas, mas rejeitada por sua barba, na tentativa de conseguir emprego para homem também não é aceita por ter corpo de mulher. Então ela decide cortar a barba, livrar se do que a salvou em um primeiro momento, mas que agora tornou-se um empecilho, porém a barba cresce novamente.

A partir disso, a princesa resolve usar uma armadura de guerreiro para esconder seu rosto e vive assim até encontrar um rei por quem ela verdadeiramente se apaixona, porém não pode revelar seu rosto, a barba que antes a livrou de um

casamento indesejado, agora é visto como um empecilho para ela viver um sentimento verdadeiro. Simbolicamente podemos ver a representação da barba como o poder, a masculinidade, a coragem, representando assim o enfrentamento que a princesa precisa passar, lidar com seus conflitos internos e de certa forma não aceitar aquilo que é imposto pelo seu pai, o rei.

Quando a princesa se apaixona pelo rei e percebe que esse sentimento é correspondido, novamente ela recorre a sua mente para conseguir resolver aquele conflito, e na manhã seguinte no lugar da barba o que ela vê é o desabrochar de lindas rosas rubras, simbolizando a delicadeza, a feminilidade e o amor, até que seu rosto é totalmente descoberto deixando transparecer sua beleza.

O conto nos apresenta várias metáforas, já partindo do título, o contraste entre a espada simbolizando a força, elemento utilizado pelos guerreiros e a rosa representando a delicadeza, a figura feminina, a personagem mesmo em meio a todos conflitos enfrentados, ela mantém sua essência. Ela é forte, luta pelos seus direitos, seus ideais o que se assemelha a mulher da sociedade contemporânea.

4 A INTERVENÇÃO: A LITERATURA NA COSTURA DE UMA SEQUÊNCIA DIDÁTICA DE LEITURA E ESCRITA

Neste capítulo apresentamos a metodologia utilizada no projeto de intervenção com os alunos do 7º ano. O capítulo detalha as atividades, os procedimentos, os diálogos. O capítulo também apresenta alguns textos que foram produzidos a partir da leitura e dos debates que se constituíram em torno dos contos de Marina Colasanti. A intervenção foi realizada em 6 etapas, nas aulas de Língua Portuguesa.

4.1 Primeiros passos

Após a qualificação, realizada no mês de junho, realizado os pequenos ajustes sugeridos pela banca, iniciamos a aplicação do projeto interventivo na turma de 7º ano, explicando para eles como seria desenvolvido o projeto, os objetivos e quão importante seria a participação deles.

Vera Teixeira de Aguiar, em seu texto “A Formação do leitor”, sugere que, idealmente, os alunos a partir do 7º ano o estudante está no processo de iniciação à leitura crítica:

> **Iniciação à leitura crítica:** em torno da 6a e 7a séries, o estudante atinge o estágio do desenvolvimento que Piaget (1973) denomina das operações intelectuais abstratas, da formação da personalidade e da inserção afetiva e intelectual na sociedade dos adultos. A capacidade de discernimento do real e a maior experiência de leitura favorecem o exercício de habilidades críticas e permitem ao leitor não só interpretar os dados fornecidos pelo texto, como também se posicionar diante deles, organizando seus referenciais éticos e morais. As preferências por livros de aventuras, em que os problemas são resolvidos por grupos de jovens, vêm preencher as necessidades do leitor de iniciar-se no questionamento da realidade, ampliando sua dimensão social (Aguiar, 2011, p. 113).

Considerando essas caracterísiticas, pode-se dizer que o trabalho de leitura com jovens é promissor, pois esses estudantes conseguem construir hipóteses e analisar diferentes perspectivas em um texto, os valores pessoais estão sendo construídos como também o início da busca por autonomia e neste momento cabe ao professor o papel oferecer diferentes textos, gêneros,temas de forma que amplie o repertório dos alunos, alem de proporcionar atividades que estimulem o pensamento crítico.

Começamos explicando que iríamos trabalhar com alguns contos selecionados da autora Marina Colasanti e que cada um desses contos culminaria em produções que seriam reunidas por meio de um portifólio ao final do projeto interventivo, este portfólio iria reunir todas as atividades produzidas por eles apresentando os pontos positivos e os que poderiam ser melhorados,um feedback para que os próprios alunos se autoavaliassem e posteriormente apresentado também aos pais.

Alguns alunos questionaram se valeria nota, expliquei que o objetivo não era avaliá-los por meio de nota, mas que seria extremamente importante a participação de todos. Na sequência apresentei brevemente um pouco sobre quem é a autora, Marina Colasanti, explanei um pouco sobre suas escritas e o conto escolhido para a abertura do processo interventivo foi “Um espinho de marfim”.

4.2 Leitura e escrita: “Um espinho de marfim”

O conto “Um espinho de marfim” abriu a sequência didática com atividades organizadas e planejadas para promover a leitura literária e a escrita. Comecei perguntando a eles se já haviam lido ou se conheciam algum conto de fadas, a maioria disseram que sim e citaram *Cinderela*, *A bela adormecida*, *Branca de Neve*, entre outros. Então perguntei como eles identificam um conto de fadas e então eles responderam: *Ah, professora o princípe sempre aparece para salvar a princesa e termina sempre com felizes para sempre*, outros disseram: *É um texto que sempre começa com “Era uma vez”*. Perguntei se eles gostavam de ler esses textos e algumas meninas respoderam que quando criança sim, pois sempre se imaginava no lugar da princesa, mas que agora não achava mais tanta graça, pois todos terminam iguais.

Alguns alunos comentaram também sobre algumas adaptações de contos de fadas feitas para o cinema e que em alguns nem sempre a princesa fica esperando o princípe encantado, as vezes ela é guerreira, luta por seus objetivos, de certa forma já era uma antecipção do que iríamos trabalhar nos nossos contos, mas preferi deixar que eles percebessem isso no decorrer das leituras e discussões.

Em seguida apresentei por meio de slides na TV, algumas imagens referentes ao conto que iriamos trabalhar e pedi para que eles tecessem comentários a respeito do que seria o assunto do conto. Alguns comentaram que poderia ser um conto de fadas, mas com um final trágico, já que a última imagem não estava “compatível” com as demais.

A primeira imagem representa um castelo, signo muito presente nas histórias de contos de fadas tradicionais e também nos contos de Marina Colasanti. No conto “Um espinho de marfim”, a princesa reside em um castelo.

Figura 3: Castelo



Imagem da internet

Nesta outra figura, há a imagem de um jardim, outro signo muito presente nos contos de fadas. Os jardins rodeiam os castelos e muitas vezes são espaços privilegiados da ação, como ocorre em vários contos populares e em vários contos de fadas, como “O jardim de inverno e de verão”, dos irmãos Grimm (2018, p. 269). No conto “Um espinho de marfim”, um animal exótico habitava o jardim, de onde podia todos os dias apreciar a princesa que habitava o castelo.

Figura 4: Jardim



Imagem da internet

A outra figura traz a imagem de uma princesa típica dos contos popularizados nas mídias. Ressalte-se que a intenção foi provocar os alunos com a imagem da princesa midiática, para que pudessem compreender que a história teria uma princesa no conto “Um espinho de marfim”, de Marina Colasanti:

Figura 5: Princesa



A figura seguinte, assim como a figura da princesa, traz a imagem de um rei; no conto “Um espinho de marfim” o pai da princesa, vaidoso e autoritário, desejou possuir o animal que viu no jardim. A imagem traz signos que indicam o poder real, como a coroa.

Figura 6: Rei



A outra figura apresentada aos alunos foi a imagem de um animal mitológico, o unicórnio. No conto “um espinho de marfim”, um unicórnio torna-se objeto de cobiça de um rei autoritário, que perde o animal e a filha.

Figura 7: Unicórnio



Por fim, a última imagem apresentado traz duas rosas, uma branca, outra vermelha, com fortes signos de sofrimentos ligados à paixão: das rosas escoam dois filetes de sangue que se juntam e formam um coração. Esta foi a imagem que levou um aluno a comentar que talvez a história não fosse exatamente um conto de fadas.

Figura 8: Rosas



Para este conto, escolhi realizar a leitura protocolada, ou seja, dando algumas pausas na leitura e questionando-os sobre o que eles imaginavam que iria acontecer na sequência. Eles foram bem participativos, alguns foram bem criativos em suas colocações, outros percebi que levavam um pouco na brincadeira, falando coisas aleatórias, apesar de ficarem curiosos em saber quem iria acertar no final.

Após finalizada a leitura, solicitei que um por vez, eles falassem suas considerações em relação ao conto. Alguns apresentaram dificuldades em compreender toda a simbologia explorada no conto, foi preciso algumas intervenções minhas para que eles visualizassem que o texto vai além daquilo que está sendo dito. Retomamos também alguns elementos da narrativa que eles já haviam estudado anteriormente. Sobre o ensino de literatura em sala de aula Mafra afirma que:

> Conceituar literatura implica pois, para nós, colocá-la sob tensão. Tensão que não desestabiliza o ato criador do artista nem serve obrigatoriamente de confronto à crítica literária. Interessa-nos prioritariamente a tensão referencialmente situada no espaço escolar, cúmplice desta tradição. Sabedores desta cumplicidade, faz-se necessário traçar o desenho teórico deste embate. (Mafra, 2003, p. 31).

A literatura é uma das ferramentas utilizadas como transmissora de cultura e conhecimento, e por esse viés cabe à escola encontrar formas de tornar essa transmissão relevante e significativa para o aluno. considerando a pluralidade de leitura e interpretação, e compreender essa pluralidade implica também em uma leitura mais crítica e assertiva da literatura, tanto por parte dos alunos, quanto por parte dos professores.

Realizada as discussões e os apontamentos, solicitei que eles recriassem esse conto em uma nova versão, e poderia utilizar outro gênero também como histórias em quadrinhos, notícia, dramatização, cartas. Assim como discorre Geraldi: “O texto deverá servir de pretexto para a prática de produção de novos textos pelos alunos.” (pág. 30), apenas vale ressaltar que esta não deve ser sua única e exclusiva função. A princípio alguns alunos mencionaram não ter criatividade para produzir textos, queriam apenas fazer resumo ou reescrever o conto da forma original. Outro ponto que podemos destacar é a preocupação que eles demonstram não tanto como irá organizar as ideias, o assunto que irá escrever, mas principalmente com a quantidade de linhas.

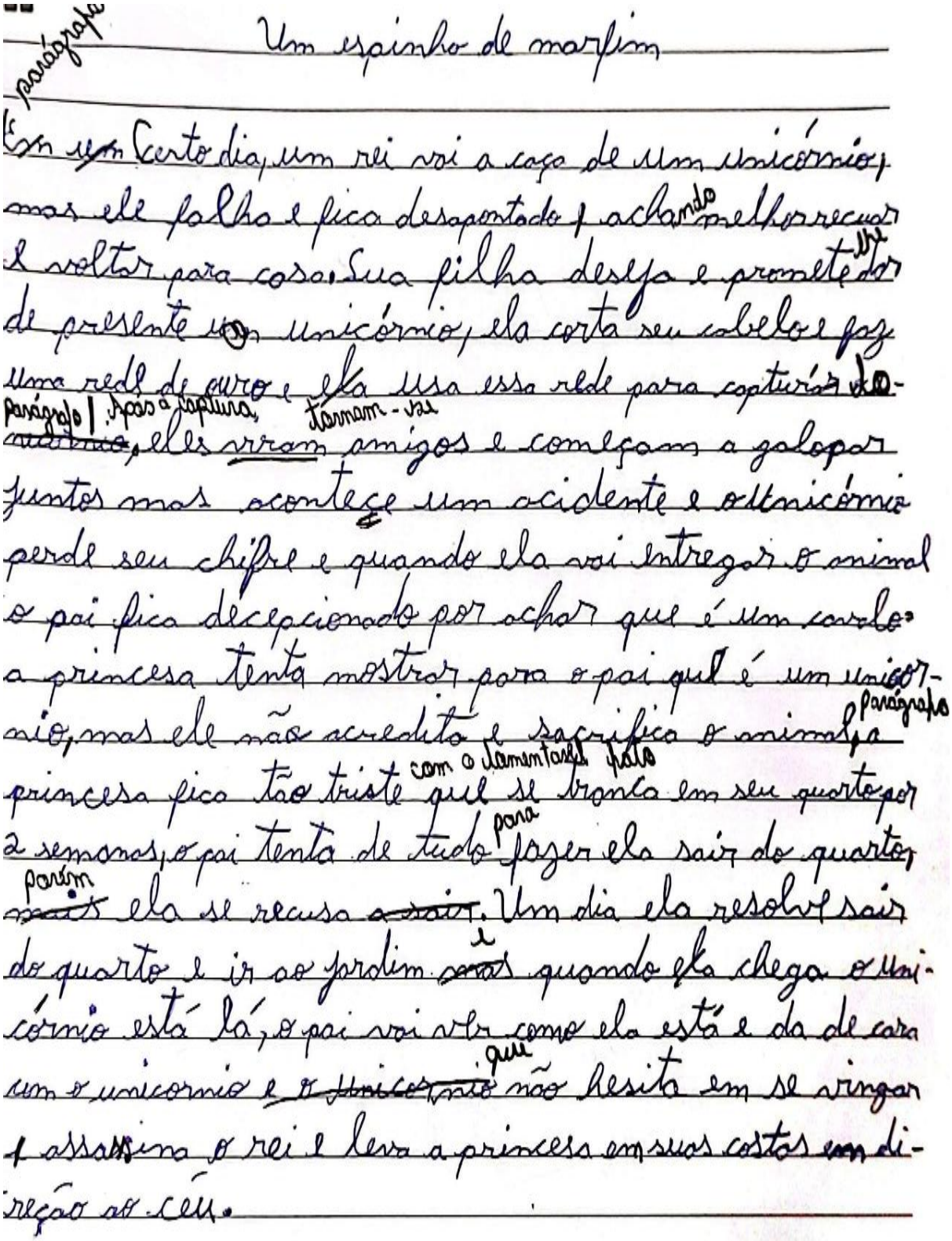
Busquei estimulá-los a usar a imaginação e criatividade, incentivando-os a escrever livremente, apenas que mantivessem os personagens principais, mas que poderia incluir outros. No final todos entregaram o texto, cada um com suas particularidades. Após a correção, tivemos uma aula em que eles trabalharam a reescrita, reformulando seus textos. Pedi para que eles relessem suas escritas na primeira versão e depois na reescrita. Alguns demonstraram surpresa na sua própria escrita "*Puxa, como foi que eu escrevi isso, não tem nada a ver"*, ressaltou um deles. A atividade de reescrita, embora desafiadora revela-se uma ferramenta eficaz para o desenvolvimento da escrita, já que os alunos não tem o hábito de revisar e aprimorar seus textos.

A seguir temos a recriação do do conto, realizada por um dos alunos que optou manter o mesmo gênero. Nessa primeira versão é possivel perceber que a divisão de paragráfos é algo que alguns alunos não dominam tão bem. Ocorre também alguns erros ortográficos, como a repetição de algumas palavras e a falta de pontuação . Este aluno na primeira versão de seu texto, manteve o título do conto original. O texto mantem uma coerência e as ideias estão organizadas de forma lógica, mesmo com alguns erros de coesão, é possivel compreender a essência do que está sendo dito.

O aluno T. M.R. manteve os personagens clássicos do conto, como também o conflito da narrativa em o desejo de posse do rei e a compaixão da princesa, que desencadeia para um final trágico só que nesta versão para o rei e não para a princesa, pois o rei morre, já a princesa e o unicórnio vão viver o amor deles metaforicamente em outro plano pois ele diz em direção ao céu, então cria-se toda essa simbologia.Essa vingança do unicórnio contra o rei poderia simbolizar também a própria natureza contra o ser humano, que precisa de compaixão representada na figura da princesa, enquanto o rei já simboliza a destruição.

Após correção o texto foi devolvido com algumas marcações e com o feedback do que poderia ser feito para melhorar, solicitei para que o aluno fizesse a reescrita e pedi para que fosse criado um título próprio. A etapa da reescrita é sempre um desafio em sala de aula, pois alguns alunos não querem fazer. Chegam até mesmo considerar "um trabalho perdido", mas quando vêem o quando eles podem melhorar se sentem mais motivados a desenvolver melhor o que escrevem, principalmente ao saber que alguém irá ler suas produções. Abaixo segue a 1ª e 2ª versão dos textos do aluno T.M.R:

Figura 9: Texto de aluno

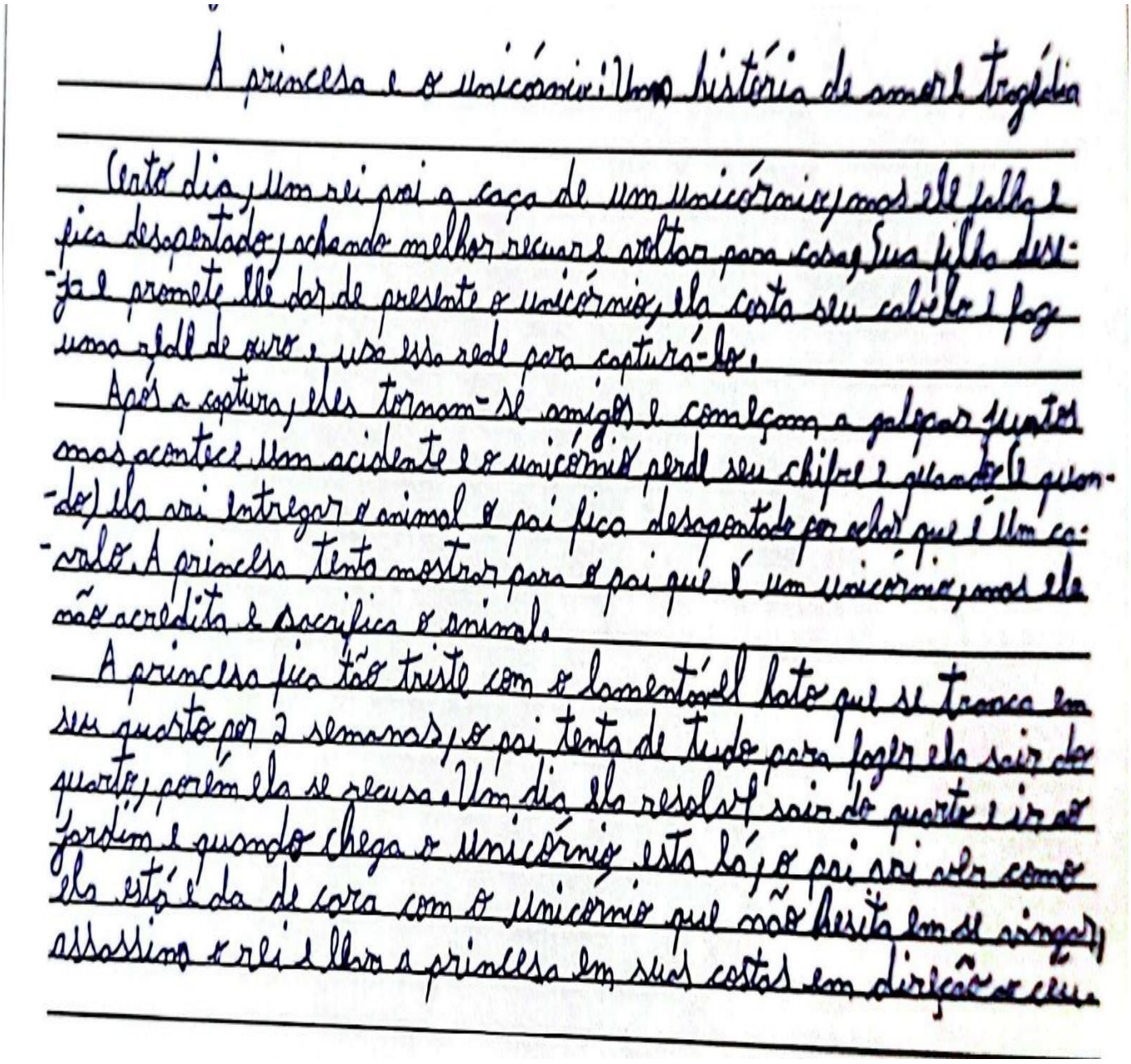


Um espinho de marfim

Certo dia, um rei vai a caça de um unicórnio, mas ele falha e fica desapontado, achando melhor recuar e voltar para casa. Sua filha deseja e promete dar de presente um unicórnio, ela corta seu cabelo e faz uma rede de ouro e ela usa essa rede para capturá-lo. Após a captura, tornam-se amigos e começam a galopar juntos mas acontece um acidente e o unicórnio perde seu chifre e quando ela vai entregar o animal o pai fica decepcionado por achar que é um cavalo. a princesa tenta mostrar para o pai que é um unicórnio, mas ele não acredita e sacrifica o animal. A princesa fica tão triste com o lamentável fato que se tranca em seu quarto por 2 semanas, o pai tenta de tudo para fazer ela sair do quarto, porém ela se recusa. Um dia ela resolve sair do quarto e ir ao jardim e quando ela chega o unicórnio está lá, o pai vai ver como ela está e da de cara com o unicornio que não hesita em se vingar e assassina o rei e leva a princesa em suas costas em direção ao céu.

A seguir, o aluno T. M. R. apresentou outra versão da história:

Figura 10: Texto de aluno



A princesa e o unicórnio! Uma história de amor trágica

Certo dia, um rei foi a caça de um unicórnio, mas ele falha e fica desapontado, achando melhor recuar e voltar para casa. Sua filha desiste e promete lhe dar de presente o unicórnio, ela conta seu caso e faz uma rede de ouro e usa essa rede para capturá-lo.

Após a captura, eles tornam-se amigos e começam a passear juntos mas acontece um acidente e o unicórnio perde seu chifre e quando (e quando) ela vai entregar o animal o pai fica desapontado por achar que é um cavalo. A princesa tenta mostrar para o pai que é um unicórnio, mas ele não acredita e sacrifica o animal.

A princesa fica tão triste com o lamentável fato que se tranca em seu quarto por 2 semanas, o pai tenta de tudo para fazer ela sair do quarto, porém ela se recusa. Um dia ela resolve sair do quarto e ir ao jardim e quando chega o unicórnio está lá, o pai vai ver como ele está e da de cara com o unicórnio que não hesita em se vingar, assassina o rei e leva a princesa em suas costas em direção ao céu.

Observa-se que houve um trabalho escrita e de reescrita de texto, configurando um processo que permite ao aluno retornar ao próprio texto, corrigindo e fazendo novas alterações. Trata-se de um processo que pressupõe observação. Este texto é um apenas um exemplo do que foi realizado em sala de aula.

“Um espinho de marfim” foi a primeira experiência do projeto de intervenção; a etapa foi encerrada com sucesso.

4.3 Leitura e escrita: “Para que ninguém a quisesse”

Na segunda etapa do nosso trabalho escolhemos trabalhar com o conto “Para que ninguém a quisesse”. Para provocar os alunos, a aula foi iniciada com uma apresentação audiovisual: por meio da TV, passei o videoclipe da música “Amor que dói”[2], de uma dupla apreciada pelos alunos, conhecida pelo nome artístico Simone e Simaria.

Após a apresentação, pedi para que os alunos falassem um pouco sobre o vídeo. Eles logo já identificaram que a temática era a violência contra a mulher, o abuso sofrido em relacionamentos, citaram que aparecem no vídeo mulheres de diferentes raças e classes sociais, ou seja, a violência contra mulher pode ocupar qualquer espaço e a música é como um grito de todas essas mulheres.

Eles destacaram também a linguagem visual que aparece no videoclipe como o número do apartamento 180, referindo-se ao número em que as vítimas devem ligar; outro ponto que também chamou a atenção deles é que enquanto a cantora está cantando, ela circula por vários espaços e as pessoas seguem suas vidas normalmente, o que podemos associar ao que muitas vítimas passam, pois enquanto pedem socorro, muitas pessoas são omissas, as vezes até as próprias leis não as protegem como deveriam.

Um ponto que me chamou atenção foi que a maioria dos alunos entendiam o termo “violência” apenas como agressão física e desconheciam as demais formas que também se configuram como violência, seja ela psicológica, patrimonial e moral, o ciúmes, a proibição de algo, a invasão de privacidade e com isso percebemos o quanto essa temática é importante ser trabalhada em sala de aula.

Mesmo diante dos notáveis progressos em direção à igualdade de gênero, os significativos avanços sociais e da crescente autonomia feminina quando analisamos os dados apresentados em diversos meios de comunicação, vimos que a violência e a desvalorização da mulher ainda permanecem como uma sombra persistente em nossa sociedade. Conforme afirma Colomer (2007, pág. 122): “A literatura cumpre distintas funções educativas que confluem para a formação de um leitor cada vez mais competente.”. Além disso, a literatura também permite o estímulo do pensamento crítico e a formação de valores. E a partir dessa leitura, buscamos oportunizar

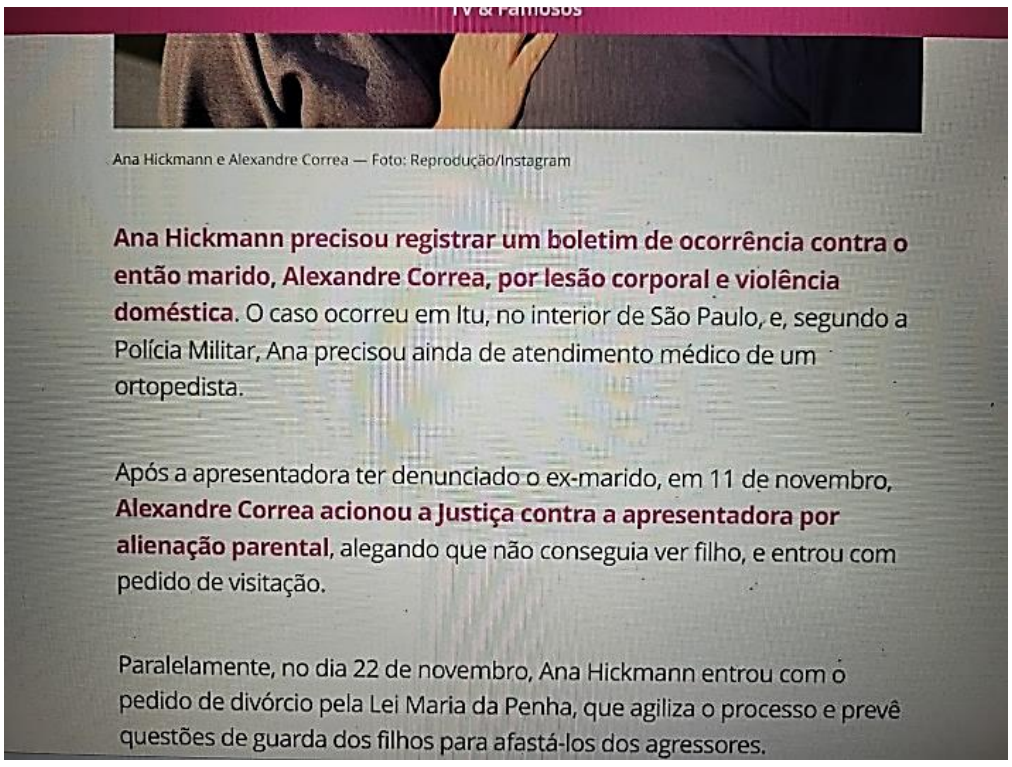
[2] Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=6JDaygqls3k.

reflexões a respeito da nossa própria realidade, pois a literatura revela-se como um poderoso instrumento para amplificar as vozes femininas, nos fazendo questionar alguns padrões culturais e desafiar estereótipos.

Após as discussões, citei o título do conto que iriamos ler e perguntei se eles imaginavam qual seria a temática, personagens envolvidos nesse enredo. A maioria disse que poderia ser alguém que estivesse em um relacionamento tóxico, sofrendo abusos e violências. Optamos por trabalhar a leitura compartilhada, solicitei que uma aluna realizasse a leitura em voz alta e os demais acompanhassem nas cópias que lhes foram entregue. Após a leitura, alguns alunos prontamente já se propuseram a falar sobre o conto, alguns relataram sobre a violência doméstica, outros perguntaram porque o nome era “violência doméstica”, alguns também falaram sobre relacionamentos tóxicos, e outros descreveram situações que já vivenciaram semelhantes ao da personagem do conto.

Na aula seguinte com o auxílio dos chromebooks, pedi que os alunos pesquisassem sobre a violência contra a mulher, em diversos cenários, no mundo, no Brasil e na nossa própria cidade. Alguns comentaram sobre casos conhecidos, tanto em nível nacional quanto os casos que acontecem com frequência em nossa cidade.

Figura 11: Notícia de jornal


TV & Famosos

Ana Hickmann e Alexandre Correa — Foto: Reprodução/Instagram

Ana Hickmann precisou registrar um boletim de ocorrência contra o então marido, Alexandre Correa, por lesão corporal e violência doméstica. O caso ocorreu em Itu, no interior de São Paulo, e, segundo a Polícia Militar, Ana precisou ainda de atendimento médico de um ortopedista.

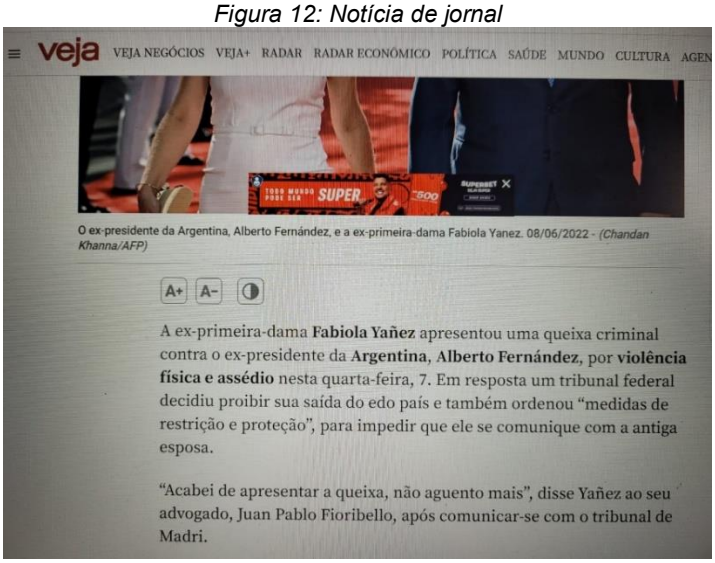
Após a apresentadora ter denunciado o ex-marido, em 11 de novembro, **Alexandre Correa acionou a Justiça contra a apresentadora por alienação parental**, alegando que não conseguia ver filho, e entrou com pedido de visitação.

Paralelamente, no dia 22 de novembro, Ana Hickmann entrou com o pedido de divórcio pela Lei Maria da Penha, que agiliza o processo e prevê questões de guarda dos filhos para afastá-los dos agressores.

Fonte: site da internet :Trecho da reportagem pesquisado por um dos alunos

Outros textos foram pesquisados, como mostra a figura 12:

Figura 12: Notícia de jornal



veja VEJA NEGÓCIOS VEJA+ RADAR RADAR ECONÔMICO POLÍTICA SAÚDE MUNDO CULTURA AGEN

O ex-presidente da Argentina, Alberto Fernández, e a ex-primeira-dama Fabiola Yanez. 08/06/2022 - *(Chandan Khanna/AFP)*

A+ A-

A ex-primeira-dama **Fabiola Yañez** apresentou uma queixa criminal contra o ex-presidente da **Argentina**, **Alberto Fernández**, por **violência física e assédio** nesta quarta-feira, 7. Em resposta um tribunal federal decidiu proibir sua saída do edo país e também ordenou "medidas de restrição e proteção", para impedir que ele se comunique com a antiga esposa.

"Acabei de apresentar a queixa, não aguento mais", disse Yañez ao seu advogado, Juan Pablo Fioribello, após comunicar-se com o tribunal de Madri.

Fonte: site da internet: Trecho da reportagem pesquisado por um dos alunos

Após as pesquisas e discussões, solicitei que neste momento iríamos criar alguns cartazes voltados para a conscientização e prevenção da violência doméstica utilizando o aplicativo Canva, alguns gostaram da ideia pois já tinham realizados atividades utilizando esse aplicativo, outros tiveram um pouco de dificuldade, mas com o meu auxílio e dos colegas conseguiram desenvolver, mesmo que de forma simples transmitir alguma mensagem com o intuito de chamar a atenção para a ação de prevenção e o não silenciamento de tantas mulheres que sofrem ou até mesmo por pessoas que conhecem casos e por alguma razão são omissas.

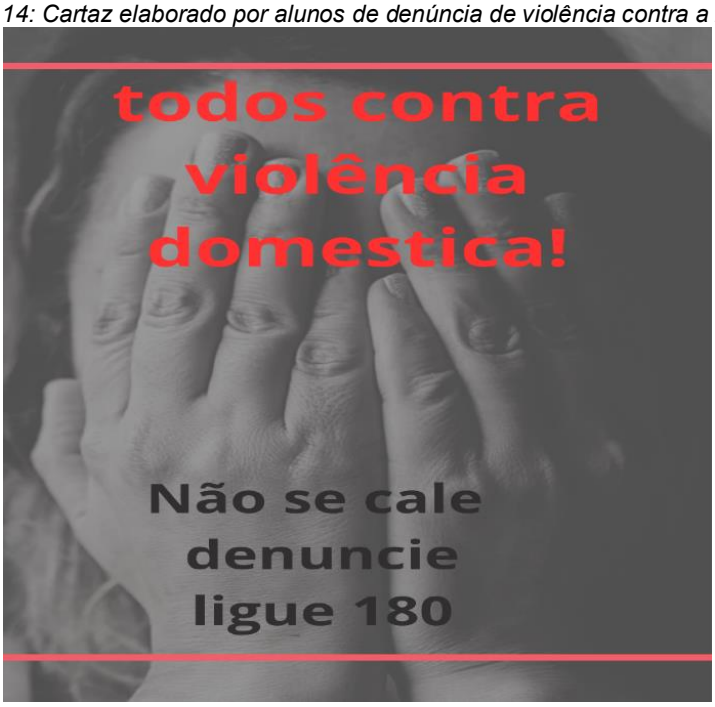
Figura 13: Cartaz elaborado por aluna, contra violência contra a mulher



Elaborado pelas alunas G. A. A e D. G.N

As alunas G.A.A e D.G.N produziram o cartaz de forma simples, mas transmitindo uma mensagem significativa, utilizou o desenho da mão simbolizando algo no sentido de pare, basta, a cor vermelha simbolizando o contraste entre a paixão e a violência, realidade de muitas mulheres, utilizando os elementos textuais e visuais é possível perceber a busca pela conscientização e mobilização da sociedade para combater esse problema que ainda é muito presente em nosso meio, uma busca pela quebra do silêncio de muitas mulheres. Assim como algumas das personagens de Marina Colasanti que são protagonizadas pela busca de sua voz e seu espaço.

Figura 14: Cartaz elaborado por alunos de denúncia de violência contra a mulher



Elaborado pelos alunos M.E.M e M. V.S

Já os alunos M.E.M e M.V.S construíram o cartaz buscando chamar a atenção para a conscientização da própria população e incentivar quem sofre ou conhece casos a denunciar, ao utilizar a imagem de uma mulher com o rosto coberto com as mãos nos remete ao medo, a angústia, a vergonha que acometem muitas vezes essas vítimas. Destacamos também a foto em preto e branco que nos transmite a gravidade de situações como essa, e que as vezes sofrem um apagamento, contrastando com as letras vermelhas da mensagem que reporta a urgência desse alerta. Ao utilizar o pronome “todos” compreendemos que essa não é uma luta apenas da vítima, mas sim de toda sociedade.

Figura 15: Cartaz produzido por alunas denunciando violência doméstica



Cartaz produzido pelas alunas Y. P. L e M.E.S

As alunas Y.P.L e M.E. S escolheram confeccionar o cartaz manualmente, pois queriam colocar no mural da escola. Elas imprimiram uma imagem da internet em que aparece uma mulher com a palma da mão estendida com a escrita em inglês “stop”, ou seja, simbolizando que este é um pedido em todas as línguas. Podemos ver o destaque em letras maiúsculas nas palavras “violência doméstica” tema central do anúncio, a frase é um chamado para a ação de denunciar esse tipo de crime, sem nenhuma desculpa.

Podemos destacar também as marcas de mão feitas com tinta na cor vermelha, que pode simbolizar as marcas deixadas pela violência tanto física quanto emocionais. Mesmo que de forma simples, essas alunas conseguiram transmitir a mensagem de alerta para a sociedade, mostrar às vítimas que elas não estão sozinhas e incentivar a denúncia em caso de violência.

4.4 Leitura e escrita: “A moça tecelã”

Para o trabalho dessa aula, solicitei na aula anterior que os alunos trouxessem alguma peça que tivessem em casa confeccionada em tricô ou crochê e novelos de linhas. Eles ficaram bem curiosos com o que seria feito com esses materiais. No dia da aula poucos levaram os materiais solicitados, mas mantemos a atividade.

Montamos um pequeno cenário em um espaço da sala com os objetos, solicitei que uma aluna escrevesse na lousa o título do conto que iríamos trabalhar “A moça tecelã”, logo alguns já questionaram o que era tecelã. Perguntei para turma o que eles

imaginavam que fosse. As respostas foram: *“uma pessoa que faz crochê, mas é uma senhora”, “uma costureira”, “alguém que faz bordado”.* Alguns associaram os objetos ao título, já que tinha a toalha de crochê, as linhas e agulha, então seria alguém que trabalhava com isso. Após explicar o que era uma tecelã, alguns alunos comentaram sobre suas avós e mães que fazem trabalhos manuais, como crochê e bordados.

Em seguida, distribui cópias do conto para que os alunos realizassem em primeiro momento uma leitura silenciosa, logo após pedi que eles comentassem o que tinham compreendido do conto. Alguns em primeiro momento ficaram impressionados com a ação da personagem em tecer tudo o que desejava. Após a leitura abrimos espaço para as discussões.

Uma aluna relatou que enquanto lia o conto lembrou do outro trabalhado anteriormente “para que ninguém a quisesse” e complementou que diferente da personagem deste a moça tecelã toma uma atitude quando não se sente feliz. Outra aluna, disse que lembrou da personagem “Rapunzel” quando o marido trancou a moça na torre. Como já tinha comentado antes com a turma sobre essas relações dos contos de Marina Colasanti com os contos de fadas tradicionais, foi interessante perceber que eles buscaram enxergar esses aspectos e então instiguei os a falar sobre o que eles percebiam de diferente nas atitudes dessas personagens, como “Rapunzel” e a “A moça tecelã” e alguns disseram que hoje a mulher busca pela independência, justamente por não aceitar que alguém diga o que elas devem ou não fazer e acrescentaram que gostaram mais da moça tecelã por ela ser esperta, ter uma visão de uma mulher moderna. Assim como Vera Aguiar Teixieira (pág, 114) enfatiza que:

> O ato de ler significa diálogo com o texto, descoberta de sentidos não-ditos e alargamentos dos horizontes do leitor para realidades ainda não visitadas. Por isso, quanto mais contato com a literatura e com o universo dos livros tanto maior a chance de formarmos leitores competentes...

Dessa forma, entendemos que a leitura não se constitui passivamente, esse é um processo dinâmico entre leitor e texto em que o autor apresenta um universo que será preenchido pelo leitor mediante suas experiências e conhecimentos prévios, construindo assim significados. Foi possível observar que a cada conto trabalhado, os alunos demonstravam mais maturidade no processo de interpretação e análise até

mesmo do que estava nas entrelinhas do texto. Marisa Lajolo (1988. Pág. 59) ao falar sobre o ato de ler salienta que:

> Ler não é decifrar, como num jogo de adivinhações, o sentido de um texto. É, a partir do texto, ser capaz de atribuir-lhe significação, conseguir relacioná-los a todos os outros textos significativos para cada um, reconhecer nele o tipo de leitura que seu autor pretendia e, dono da própria vontade, entregar-se a esta leitura, ou rebelar-se contra ela, propondo outra não prevista.

Entendemos que o leitor não apenas recebe a mensagem transmitida pelo autor, como também tem um papel ativo de criar e recriar significados, até mesmo pelo fato de o texto ser considerado mutável dependendo de quem e da época em que ele é lido. Essa interação entre leitor e autor é que permite uma leitura intertextual e possíveis novas interpretações e reflexões.

Dando continuidade ao nosso trabalho, explorei com eles as metáforas que são trabalhadas no conto, e como estávamos trabalhando sobre essa figura de linguagem no material estruturado, logo alguns associaram que tudo que a personagem tecia era simbólico, e com isso aproveitei para trabalhar essa simbologia do tecer dentro do conto. Foi uma discussão muito produtiva, quando falamos que tecer poderia ter o sentido de construir algo e eles comentaram que o destecer então seria corrigir alguma coisa que não deu certo, uma aluna disse : *"Professora, quando minha mãe erra um pontinho no crochê, ela desmancha e começa tudo de novo, porque se continuar lá no final o trabalho vai ficar feio"* e um colega complementou *"É por isso que quando a gente faz alguma coisa errada, tem que corrigir logo".* Rildo Cosson (2009, pág. 17) ao falar sobre a leitura e escrita literária discorre que:

> Na leitura e na escritura do texto literário encontramos o senso de nós mesmos e da comunidade a que pertencemos. A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. No exercício da literatura, podemos ser outros, podemos viver como os outros, podemos romper os limites do tempo e do espaço de nossa experiência, e ainda assim sermos nós mesmo.

Para complementar propus uma dinâmica em que cada um pensasse o que eles gostariam de tecer e de destecer da vida deles e voluntariamente sentasse na cadeira que estava posicionada a frente e falasse para a turma. A princípio alguns

ficaram com vergonha, mas conforme viram os colegas participando quiseram também falar. Para Joan Gould (2007,pág. 19) o ato de tecer funciona como uma metáfora representando transformações de algo simples para o complexo, o que simboliza as mudanças na nossa própria vida, espelhando as evoluções em que cada final de ciclo origina a outro, simbolizando também o crescimento interior, o emponderamento pela capacidade da mulher em criar, transformar, gerar. A moça tecelã ela tece sua própria realidade, não é apenas o bordado em si que está configurado no conto e com isso ela demonstra que a felicidade é uma construção e nos faz refletir e questionar nossas próprias escolhas. Logo abaixo temos alguns registros do momento da atividade, momento este que foi marcado por descontração, emoção e muitas reflexões.

Figura 16: Atividade sobre "A moça tecelã"



Fonte: arquivo pessoal da autora

A imagem mostra um dos momentos em que os alunos estão envolvidos em atividade relativa ao conto "A moça tecelã", assim como a figura seguinte, a figura 17:

Figura 17: Atividade sobre o conto "A moça tecelã"



Fonte: arquivo pessoal da autora

A maioria falou sobre tecer sonhos futuros, profissões, construir família, realizar sonhos e desteceria alguns erros, algumas atitudes que tiveram no passado e que hoje não teria mais. Fiquei bastante impressionada com as falas deles, já que no geral quando comentavámos sobre algo voltado a sonhos, perspectivas de futuro, eles pareciam muito desmotivados, sem expectativas e isso sempre foi algo incômodo para mim, já que vejo uma fase em que eles deveriam estar cultivando uma bagagem de sonhos e desejos para serem realizados. Foi um momento descontraído, apesar de bastante agitação durante a atividade, a maioria participou e pôde falar um pouco sobre si. E mesmo depois de vários dias de ter realizado essa atividade eles ainda comentavam sobre "A moça tecelã".

Figura 18: Atividade em sala de aula sobre A moça tecelã



Fonte: arquivo pessoal da autora

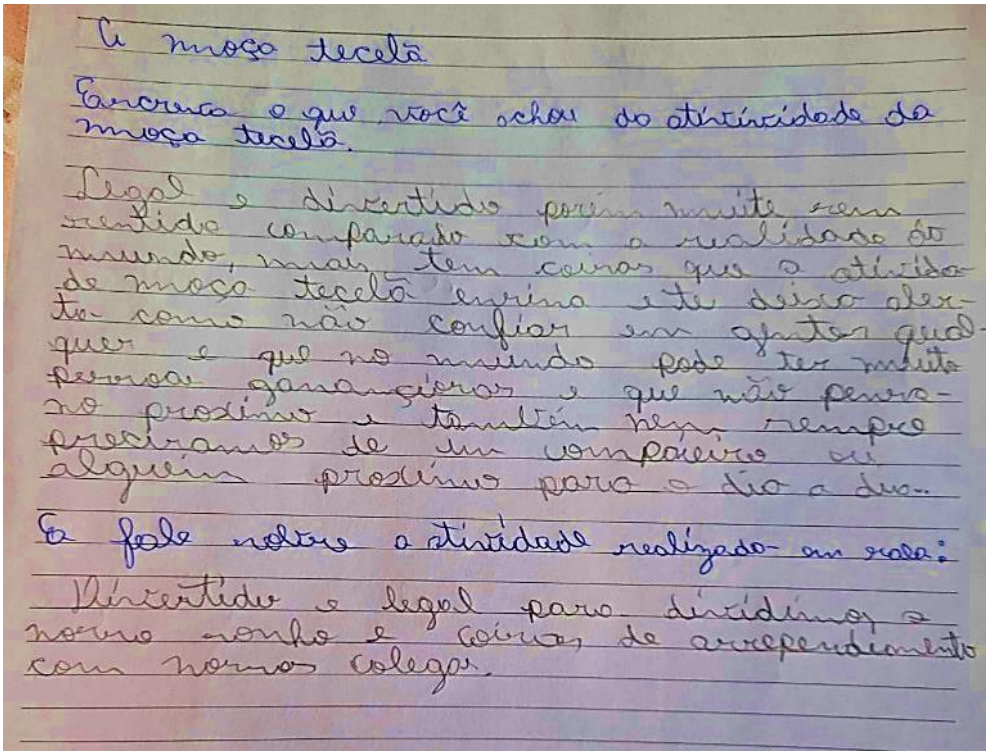
Figura 19: Atividade em sala de aula sobre A moça tecelã



Fonte: arquivo pessoal da autora

Após a dinâmica, decidi propor que eles refletissem sobre a atitude da protagonista no clímax do conto e que eles escrevessem sobre o que acharam de tal atitude, já que alguns ainda tem uma certa resistência ou timidez em participar das atividades orais e também pedi que escrevessem em poucas linhas o que tinha achado da atividade dinâmica. O objeti'vo dessa atividade foi não apenas avaliar a compreensão do conto, mas que todos se sentissem de alguma forma seguro para se expressar.Na sequência podemos acompanhar os relatos de dois alunos que selecionamos para esta análise:

Figura 20: Texto de aluno



A moça tecelã

Escreva o que você achou da atividade da moça tecelã.

Legal e divertido porém muito sem sentido comparado com a realidade do mundo, mas tem coisas que a atividade moça tecelã ensina e te deixa alerta como não confiar em gentes qualquer e que no mundo pode ter muito pessoas ganançiosas e que não pensa no proximo e também nem sempre precisamos de um compareiro ou alguém proximo para o dia a dia.

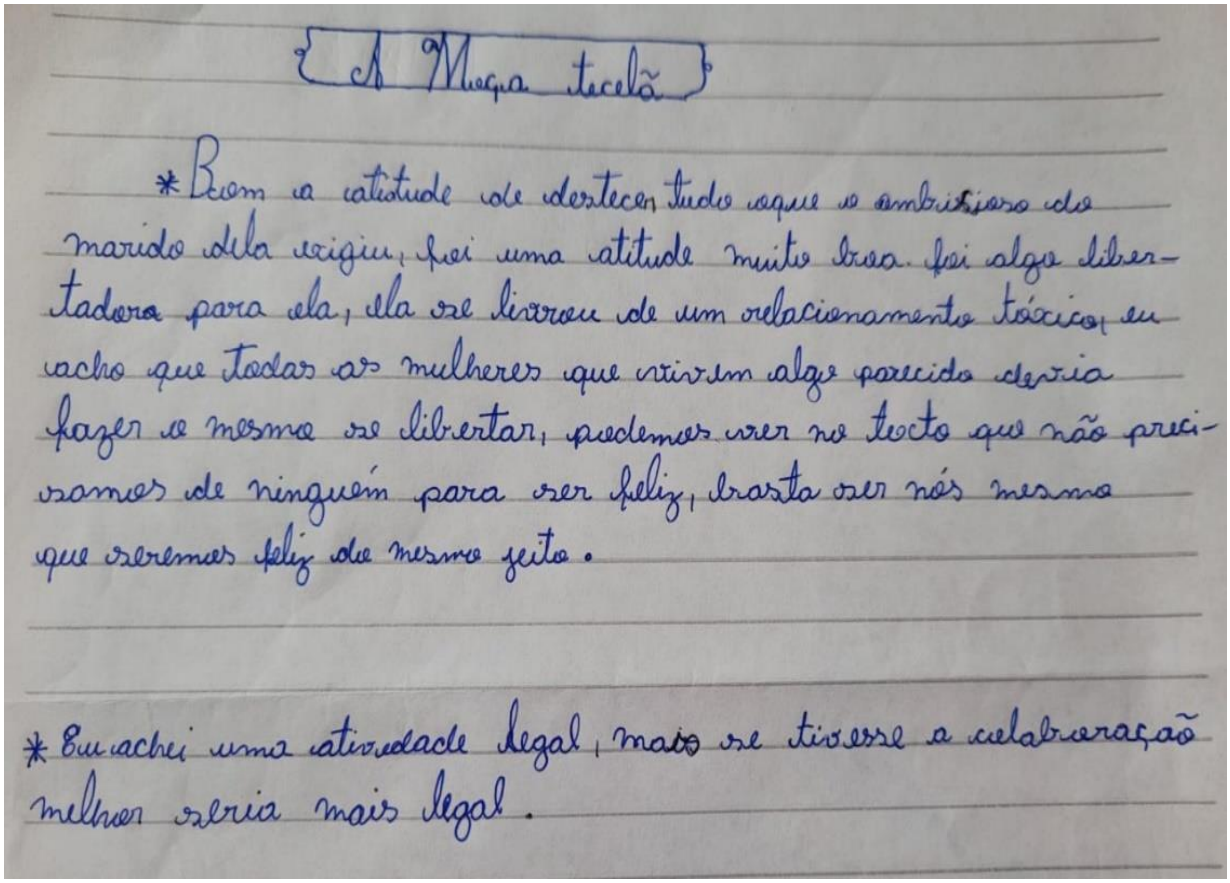
E fale sobre a atividade realizada em sala:

Divertido e legal para dividimos o nosso sonho e coisas de arrependimento com nossos colegas.

Elaborada pelo aluno O. V.M.S

Este aluno começa falando que achou legal a atitude da moça tecelã em destecer o marido que tornou-se tóxico para ela, porém ele relata também que é algo sem muito sentido ao comparar com a realidade, pois durante as discussões ele relatou que no conto parece tudo muito simples, mas na realidade a pessoa pode enfrentar dificuldades, desafios para se libertar de algo que a faz mal, e traz para a realidade a questão de não poder confiar em qualquer pessoa, pois muitos pensam apenas em si como é o caso do personagem masculino do conto e ainda enfatiza que nem sempre uma companhia é sinônimo de felicidade. A escrita do aluno demonstra uma compreensão do conto e a capacidade de fazer uma relação com a realidade, ele reconhece a atitude de coragem da personagem em se libertar do marido ambicioso, identifica o caráter egoísta do marido e relaciona com a importância de não idealizar o relacionamento "perfeito" na espera que esta seja motivo de felicidade como também destaca que as vezes se libertar de situações complexas não seja tão simples como é nas narrativas ficcionais.

Figura 21: Texto de aluno


A Moça tecelã

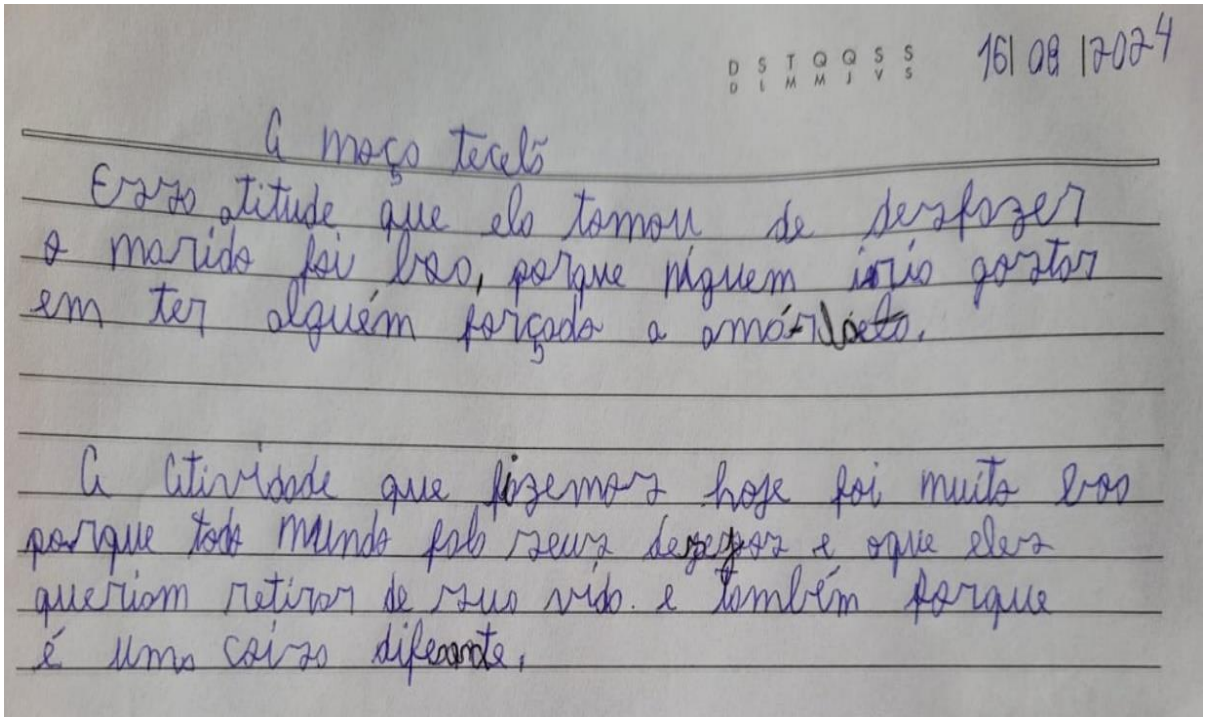
* Bem a atitude de destecer tudo aque o ambicioso do marido dela exigiu, foi uma atitude muito boa. foi algo libertadora para ela, ela se livrou de um relacionamento tóxico, eu acho que todas as mulheres que vivem algo parecido deveria fazer o mesma se libertar, podemos ver no texto que não precisamos de ninguém para ser feliz, basta ser nós mesma que seremos feliz do mesmo jeito.

* Eu achei uma atividade legal, mais se tivesse a colaboração melhor seria mais legal.

Elaborado pela aluna T. S.A. A

A aluna T.S.A.A relata que a moça tecelã teve uma atitude que foi libertadora para ela, destecendo tudo que o marido ambicioso exigiu e livrou-se de um relacionamento tóxico, além disso ela expressa sua opinião dizendo que todas as mulheres que vivem algo parecido deveria ter a atitude de se libertar e ressalta que no conto é possível ver que basta sermos nós mesmo para encontrar a felicidade sem a necessidade de projetar essa felicidade em outra pessoa. Percebemos que a aluna extraiu a essência do texto e soube mesmo que em poucas palavras estabelecer conexões relevantes com temas tais como o empoderamento feminino, relacionamentos tóxicos e a busca pela felicidade autêntica, além de demonstrar consciência que existem muitas mulheres que passam situações semelhantes a da personagem.

Figura 22: Texto de aluno



Elaborado pelo aluno D. L.M

De acordo com o documento de referência curricular para para Mato Grosso Ensino Fundamental anos finais DRC/MT (2007):

> ...todas as crianças, adolescentes, jovens e adultos têm a capacidade de pensar e raciocinar. A variação está em compreender até que ponto eles conseguem comunicar esses pensamentos, o que não significa supor que eles sejam incapazes de se desenvolver se incentivados adequadamente.(pág. 12)

Durante as atividades pude perceber que cada aluno tem suas particularidades em se expressar, alguns apresentam mais facilidade em se expor oralmente, outros pela escrita, alguns sentem-se mais a vontade em falar algo sobre a atividade ou o texto em particular, somente com o professor e isso ocorreu durante o horário do lanche e dos intervalos, dessa forma busquei ouvi-los e depois compartilhar suas opiniões com os colegas, incentivando-os a interagir mais durante as atividades propostas. Outro ponto que posso destacar é o amadurecimento para as leituras a cada conto que ia sendo trabalhado, percebi a busca deles de encontrar algo que estava além do texto, a forma como eles conseguiam realcionar com as leituras anteriores vi como algo bastante significativo.

4.5 Leitura e escrita: "Além do bastidor"

O conto seguinte foi *Além do bastidor,* comecei perguntando sobre o que eles entendiam sobre um bastidor, alguns citaram que seriam pessoas que fazem parte de um filme, ou série mas que não estão atuando, que ficam nos bastidores. Apresentei para eles uma imagem projetada na TV de um bastidor utilizado para bordados, a maioria desconhecia esse objeto, mas alguns falaram que já tinham visto. Fizemos a leitura coletiva do conto, com a ajuda de uma aluna, que pediu para ler em voz alta. Após a leitura, alguns alunos disseram que a personagem era parecida com a moça tecelã, mas é ainda uma menina que não consegue se libertar, pelo contrário ela se prende ao bordado como se este fosse a própria vida dela. Uma outra aluna levantou a hipótese de que esta menina poderia estar "entediada" com sua vida e usava o bordado como forma de fugir e criar uma vida paralela.

Foi uma discussão bem agradável em que vários alunos quiseram opinar. Pude perceber o quanto eles estavam demonstrando maturidade na leitura do texto literário. Entendemos que é por intermédio da leitura literária que é possível oportunizar a formação de um leitor competente e que seja capaz de reconhecer o seu papel na sociedade. Ao tratar da leitura literária, Cosson (2009) defende que:

> A expressão 'leitura literária' recobre duas práticas de leitura imbricadas e muitas vezes inextrincáveis que acompanham a história da escrita. Uma dessas práticas, que atende ao seu significado mais amplo e geral, é a leitura de textos, os quais cumprem uma função estética ou que são considerados literários, feita para divertimento do leitor ou ouvinte, isto é, uma leitura destinada ao prazer de ler... A outra

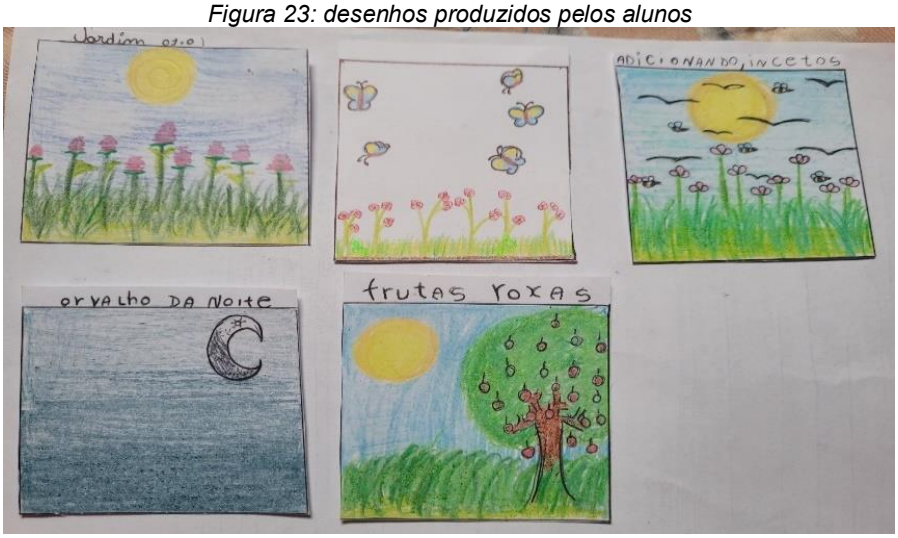
> prática, que responde por um significado mais específico, é a leitura que reconhece a especificidade dos textos literários, a leitura literária dos textos literários, que vai da relação de empatia até os estudos da crítica especializada em teorias sobre a literatura (Cosson, 2009, p. 81).

Nessa primeira dimensão o autor afirma que esta é um tipo de leitura por puro prazer, funcionando para o leitor como uma fuga da realidade e momento de divagar por outros universos imaginários, e esta não deve ser excluída daquela leitura em que é realizado reflexões, que busca o questionamento e o significados ocultos da obra, as duas se complementam, pois a leitura literária mesmo sendo realizada para o entretenimento pode levar o leitor a uma análise e um olhar mais crítico.

Cosson (2009) ainda enfatiza que a escola exerce um papel primordial mesmo que distinto nessas duas práticas de leitura, pois se o aluno na aprendizagem inicial aprende a ler de uma forma prazerosa, este continuará a ler como forma de entretenimento, porém também possivelmente irá desenvolver um senso mais crítico ao realizá-la, desenvolvendo assim habilidades para sua formação leitora.

Após as discussões em relação ao conto solicitei que a atividade realizada seria que eles pensassem sobre o bordado que a personagem estava realizando e por meio dos elementos que aparecem na obra eles criassem o cenário apresentado por meio de um desenho. O documento de referência curricular para para Mato Grosso Ensino Fundamental anos finais DRC/MT (2007) ressalta que: “O desenho é uma forma de expressão de como a criança e/ou o jovem veem o mundo e suas particularidades” (DRC/MT 2007, pág.54). Abaixo temos algumas produções realizadas por eles:

Figura 23: desenhos produzidos pelos alunos

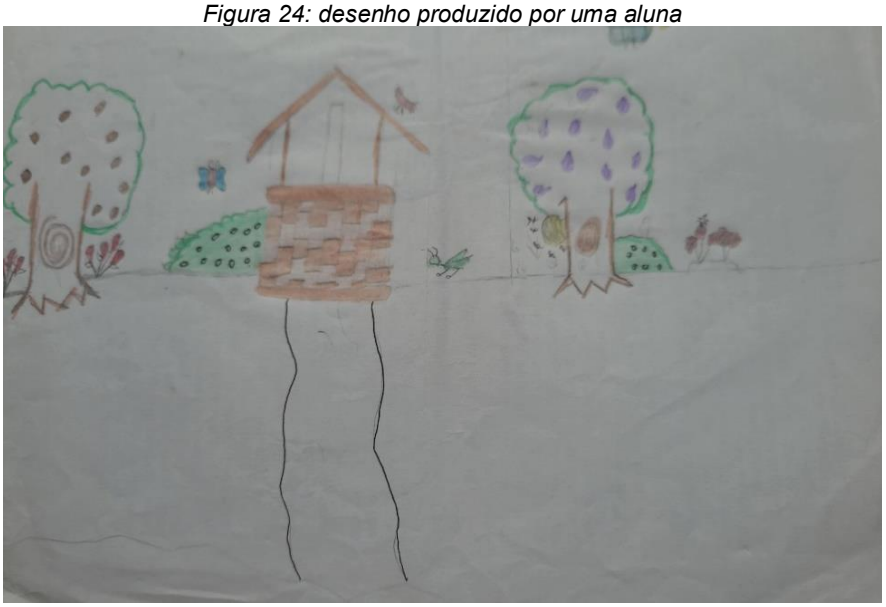


Produção da aluna M. C.O

Esta aluna dividiu o cenário em quadros, no primeiro quadro ela utilizou cores, o jardim, capim verde, a representação do sol nascendo que poderia nos remeter a ideia de um novo começo, até porque a personagem do conto já inicia o bordado utilizando esses elementos, no segundo quadro é apresentado várias borboletas pelo jardim que também pode simbolizar transformação, liberdade. No terceiro quadro que ela intitula “adicionado insetos” é possível ver o jardim, céu azul, o sol brilhante, pássaros e insetos espalhados pelo ar, demonstrando toda a beleza da vida. Na sequência temos o quadro que leva o título de “orvalho” da noite, apenas um céu escuro e a lua, essa transição do dia colorido para a noite pode nos fazer pensar sobre as próprias fases da vida. E no último quadro temos o pé de árvore com frutas roxas conforme é citado no conto, essas frutas pode simbolizar o amadurecimento, a transição que a personagem está passando.

Os elementos da natureza é algo muito recorrente e simbólico nas obras de Colasanti, a personagem do conto utiliza o bordado como uma forma de se expressar, mostrar seu verdadeiro eu, o bastidor pode representar as limitações, barreiras, por ela enfrentada. A fruta roxa por sua vez, pode representar o desejo de ultrapassar essas barreiras e quando a personagem consegue entrar no próprio bordado que ela criou, podemos imaginar que é o momento que ela se liberta, ela está em um mundo idealizado e criado por ela. Por meio dessa criação artística o aluno também tem a liberdade de usar a imaginação e criar o cenário, cada um com suas particularidades.

Figura 24: desenho produzido por uma aluna



Produção da aluna T.S.A.A

Na produção da aluna T. podemos observar que ela inseriu alguns elementos da natureza, como as árvores, os insetos, flores e gramas, e no centro da imagem inseriu o desenho de um poço, elemento que não aparece no conto, e duas linhas que são conectadas a esse poço como se fosse um caminho, o poço poderia representar o mistério, a transformação, a fuga da realidade, como acontece no conto, a personagem vai além do bastidor, que pode simbolizar um novo mundo repleto de descobertas. A representação de duas árvores, sendo que a que está do lado esquerdo do poço apresenta frutos marrons e um espiral no tronco, como se fosse o caminho que a personagem irá percorrer para chegar ao outro lado e já na imagem da esquerda a árvore já apresenta as frutas roxas como descritas no conto, momento em que ela sente o desejo de experimentar algo novo. Como podemos ver no seguinte trecho: *"bordou uma fruta roxa, brilhante, como ela mesma nunca tinha visto. E outra, e outra, até a árvore ficar carregada, até a árvore ficar rica, e sua boca se encher do desejo daquela fruta nunca provada."* (COLASANTI, pág. 17).

4.6 Leitura e escrita: "Entre a espada e a rosa"

O nosso último conto trabalhado foi "Entre a espada e a rosa" e antes de iniciar a leitura, projetei na TV duas imagens que compõe o título da obra, espada e rosa, pedi para que eles relatassem sobre o que essas imagens remeteria sobre o conto, afim de instigar a imaginação deles, alguns disseram que teria um herói, já que eles que usam a espada, teria luta e alguém poderia morrer, outros já disseram que a rosa simboliza o amor e então talvez não houvesse morte, disseram que provavelmente esse conto teria um final feliz, outros discordaram. Dessa forma eles fizeram uma primeira aproximação com a obra, antecipando as possíveis temáticas.

Apresentei o título do conto e indaguei se eles ainda mantinham a mesma percepção, uma aluna disse: *"Professora, com certeza vai ter uma princesa guerreira nesse conto, já que essa autora transforma as princesas em mulheres fortes e destemidas".* muitos ficaram curiosos para saber logo o enredo da narrativa, falei para eles que esse conto iria apresentar várias metáforas, assim como outros antes lidos e que eles prestassem a atenção nesses detalhes durante a leitura. Por ser um conto um pouco mais longo, optamos por realizar a leitura protocolada e a cada pausa os

alunos iam criando mais expectativas e levantando hipóteses sobre o que aconteceria em seguida.

O início do conto já causou um impacto no seguinte trecho: “Qual é a hora de casar, senão aquela em que o coração diz "quero"? A hora que o pai escolhe.”. Algumas alunas questionaram se realmente existiam casamentos arranjados e se a mulher era obrigada a aceitar e ficaram indignadas ao saberem que até hoje em alguns países, algumas culturas ainda mantêm essa tradição, embora seja algo que venha se modernizando conforme aponta pesquisas mais recentes.

Após a leitura exploramos bem a questão da simbologia presente nessa narrativa colasantiana, partindo já do título a questão do contraste entre a espada que simboliza a força, as lutas com a delicadeza e fragilidade da rosa e a forma como a princesa ela toma parte desses dois elementos representa como ao mesmo tempo a mulher pode ser forte sem perder sua essência.

Destacamos como também nesse conto a autora retoma os elementos dos contos de fadas, como a princesa, o rei, o castelo, o casamento arranjado, a expectativa de que essa princesa seja a filha submissa e obediente ao pai, porém ela vai demonstrar algo que não era esperado para o tempo dela, a princesa quer criar sua própria identidade, ela rompe com essa imposição e começa a questionar os papéis tradicionais para a mulher.

Em seu artigo intitulado *A representação da menina e da mulher no conto de fada moderno: novos destinos em “Além do bastidor” e “A moça tecelã” de Marina Colasanti* os autores Carvalho e Soares (2015.pág. 77) vão delegar que:

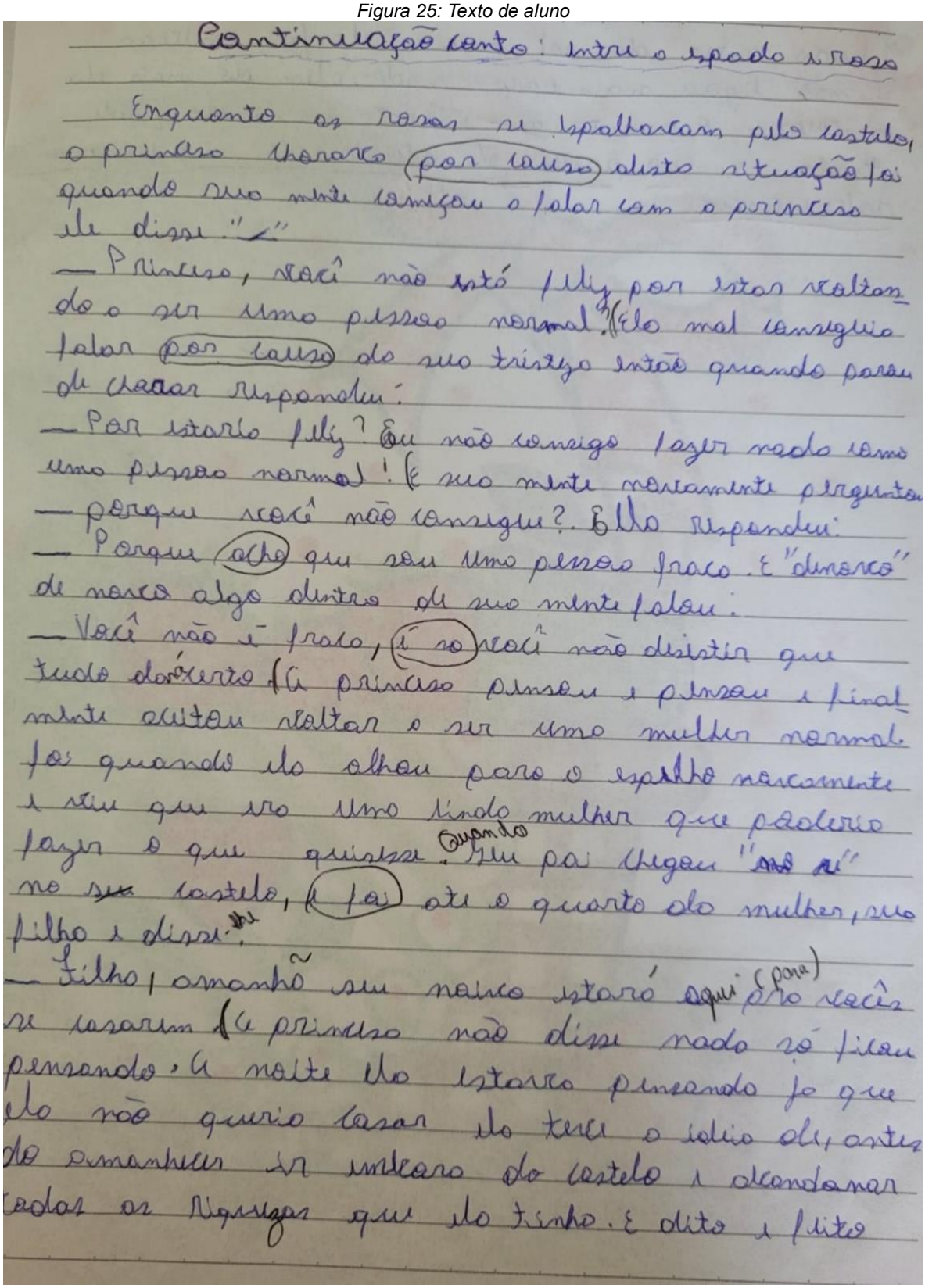
> Considerando-se que a representação feminina é uma temática bastante recorrente nas obras de Marina Colasanti voltadas também para crianças e jovens, faz-se necessário ressaltar aspectos relativos à crítica feminista que alcançou maior notoriedade a partir da década de 1960 do século XX. A partir dessa época, importantes estudos enfatizam a necessidade de repensar as coexistências de sujeitos sociais no mundo contemporâneo.

Nesse viés, é notório que a autora resgata elementos da tradição oral e dos contos de fadas, ao mesmo tempo em que ela os reinventa, oferecendo aos seus leitores novas interpretações e desafiando os papéis tradicionais que são oferecidos às mulheres, já que a literatura infanto juvenil por muito tempo reforçou esses estereótipos de gênero, faz-se necessário esse rompimento e oferecer as mais diversas e complexas representações da mulher na literatura.

Em seguida abordamos também o preconceito que essa personagem enfrenta ao resolver tecer seu próprio caminho, mas mesmo assim ela foi persistente, em nenhum momento em cogitou retomar e ceder a vontade de seu pai. Alguns alunos destacaram o quanto seria difícil se hoje ainda vivêssemos essa época em que a mulher não tinha liberdade de escolha. Após o debate pedi que os alunos escrevessem um final para o conto já que este a autora deixa uma lacuna para que o leitor preencha com sua imaginação. Depois de muitas viagens, enfrentar muitas lutas, preconceitos, não ser aceita em vários lugares por conta de sua aparência, a princesa finalmente chega em um reino de um jovem rei que nutre por ela uma grande amizade, mas o fato desse guerreiro misterioso nunca retirar o elmo começa a intrigar o rei e então exigiu que dentre cinco dias seu rosto deveria ser revelado, a princesa que ainda mantinha seu rosto coberto pela barba planejou fugir, chorou durante toda a noite, implorando por uma solução, durante todo o dia ficou trancada em seu quarto e quando finalmente olhou-se, a barba tinha desaparecido e no lugar dela surgiam rosas, o que ainda a incomodava, porém até a noite as rosas já haviam murchado e sua rósea pele revelada.

Então era chegado ao quinto dia, então a princesa solta os cabelos, coloca seu vestido cor de sangue e desce as escadarias ao encontro do rei, a partir daí a autora deixa que o leitor imagine o desfecho dessa história. A maioria dos alunos sentiram-se de certa forma “decepcionados” por terem suas expectativas quebradas, pois já esperavam um final pronto, queriam saber o que tinha acontecido a partir daí e quando falei que eles iriam criar construir o final do conto, eles disseram que gostariam muito de saber o final da Marina Colasanti e se haveria segunda parte desse conto. Para esta atividade a primeira versão foi escrita manualmente, e após a correção eles fizeram a digitação do texto com o uso dos *chromebooks* em sala de aula, mesmo sabendo que a tecnologia é algo muito presente no nosso dia a dia e principalmente na vida de nossos alunos, alguns apresentam muita dificuldade em digitar um texto, encontrar as letras e como colocar os sinais de pontuação, portanto foi necessário o auxílio quase constante para o desenvolvimento dessa atividade e levou até mais tempo do que era esperado.

Figura 25: Texto de aluno



Continuação conto: entre a espada e rosa

Enquanto as rosas se espalhavam pelo castelo, a princesa chorava por causa desta situação foi quando sua mente começou a falar com a princesa ele disse: "<"

— Princesa, você não está feliz por estar voltando a ser uma pessoa normal? (Ela mal conseguia falar por causa da sua tristeza então quando parou de chorar respondeu:

— Por estaria feliz? Eu não consigo fazer nada como uma pessoa normal! (E sua mente novamente perguntou

— porque você não consegue?. Ella respondeu:

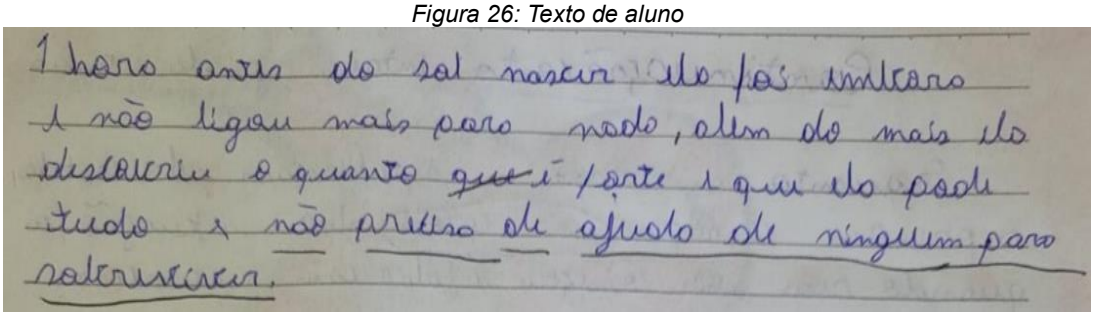
— Porque acho que sou uma pessoa fraca. E "denovo" de novo algo dentro de sua mente falou:

— Você não é fraca, é só você não desistir que tudo dará certo (A princesa pensou e pensou e finalmente aceitou voltar a ser uma mulher normal. foi quando ela olhou para o espelho novamente e viu que era uma linda mulher que poderia fazer o que quisesse. Quando seu pai chegou "~~no~~ ~~a~~" no ~~seu~~ castelo, e foi até o quarto da mulher, sua filha e disse:

— Filha, amanhã seu noivo estará aqui (para) pra vocês se casarem (A princesa não disse nada só ficou pensando. A noite ela estava pensando já que ela não queria casar ela teve a ideia de, antes do amanhecer ir embora do castelo e abandonar todas as riquezas que ela tinha. E dito e feito

O texto do aluno, como se pode perceber, demonstra seu conhecimento de língua escrita. Ainda que no processo de interação comigo tenha deixado marcas no texto, em forma de círculos, o fato é o autor do texto consegue construir de forma bem sucedida suas hipóteses de escrita e de produção de texto mais longo.

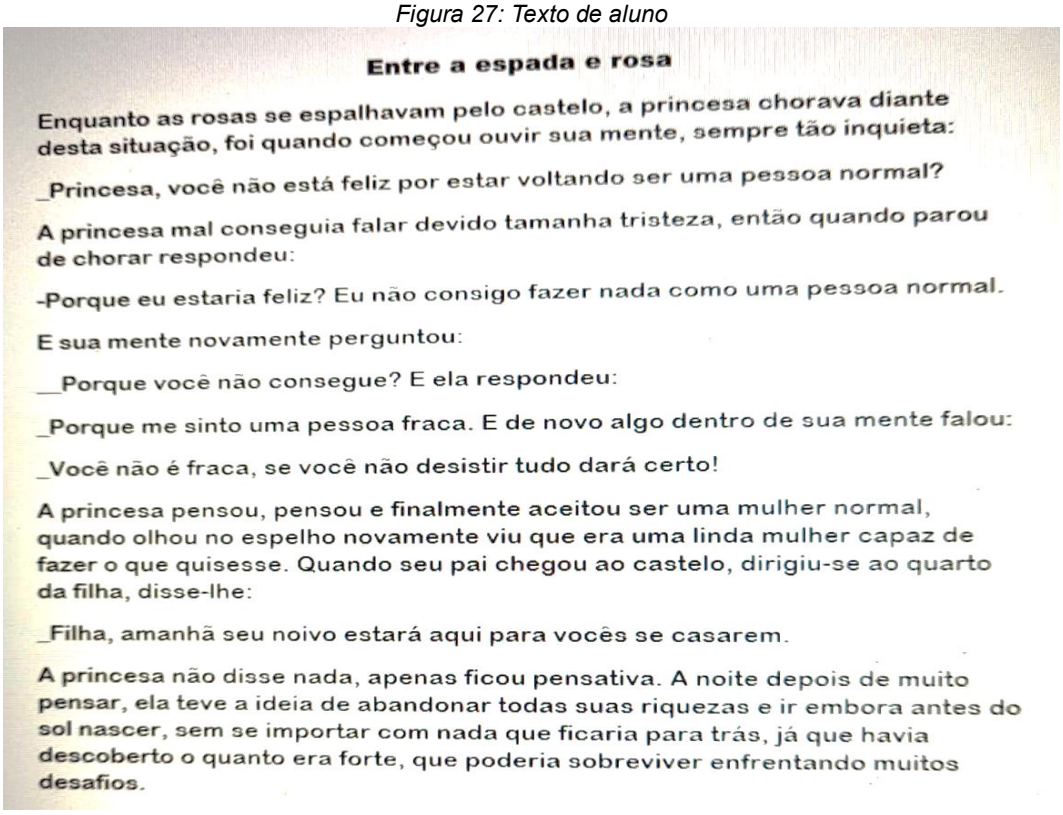
Figura 26: Texto de aluno



1ª versão do texto do aluno E. A.S

A figura 26 mostra o trecho de um texto. O texto mostra que o aluno consegue se expressar por meio da escrita de forma satisfatória. Pode-se perceber algumas construções condenadas pela norma culta, como ocorre na primeira linha, onde se percebe um sujeito preposicionado (“antes **do** sol nascer”), deveria ser “antes de o sol nascer”.

Figura 27: Texto de aluno



Entre a espada e rosa

Enquanto as rosas se espalhavam pelo castelo, a princesa chorava diante desta situação, foi quando começou ouvir sua mente, sempre tão inquieta:

_Princesa, você não está feliz por estar voltando ser uma pessoa normal?

A princesa mal conseguia falar devido tamanha tristeza, então quando parou de chorar respondeu:

-Porque eu estaria feliz? Eu não consigo fazer nada como uma pessoa normal.

E sua mente novamente perguntou:

__Porque você não consegue? E ela respondeu:

_Porque me sinto uma pessoa fraca. E de novo algo dentro de sua mente falou:

_Você não é fraca, se você não desistir tudo dará certo!

A princesa pensou, pensou e finalmente aceitou ser uma mulher normal, quando olhou no espelho novamente viu que era uma linda mulher capaz de fazer o que quisesse. Quando seu pai chegou ao castelo, dirigiu-se ao quarto da filha, disse-lhe:

_Filha, amanhã seu noivo estará aqui para vocês se casarem.

A princesa não disse nada, apenas ficou pensativa. A noite depois de muito pensar, ela teve a ideia de abandonar todas suas riquezas e ir embora antes do sol nascer, sem se importar com nada que ficaria para trás, já que havia descoberto o quanto era forte, que poderia sobreviver enfrentando muitos desafios.

2ª versão do texto do aluno E. A.S

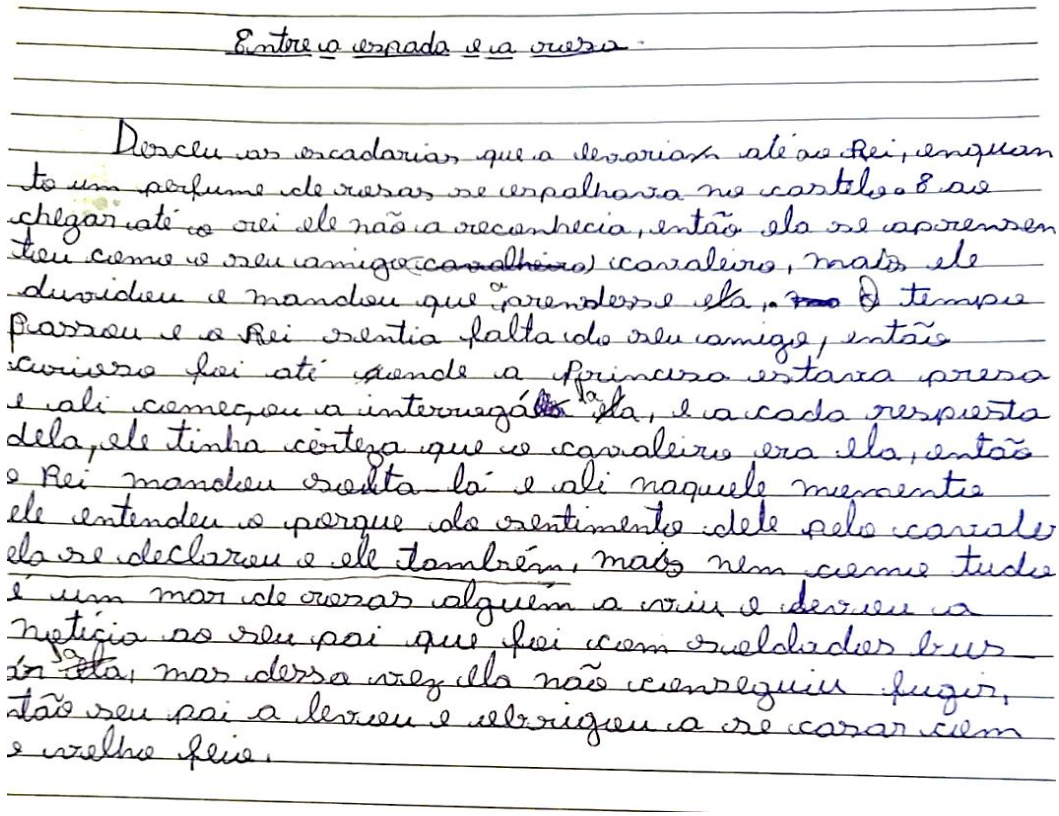
Como é possível observar o aluno apresenta em sua escrita alguns “erros” ortográficos, utiliza frases curtas e simples até mesmo por se tratar de um diálogo, em alguns pontos não utiliza a pontuação adequada e não acentua algumas palavras. Embora seja um “erro” falar em “erro”, é preciso fazer intervenções para que o aluno tenha experiências que o levem a escrever o mais próximo possível da noram culta, pois isso será cobrado dele em suas práticas sociais.

A oralidade está bem marcada no texto e nos textos dos colegas também. De maneira geral, os alunos tendem a transferir para o papel a forma dele falar, sem distinguir estilos mais comuns à oralidade e estilos mais formais, mais apropriados à escrita. Esta é a razão pela qual é muito comum encontrarmos em seus textos marcas de oralidade e uma escrita mais informal, algo que sempre devemos estarmos trabalhando em sala de aula, não excluindo uma ou outra forma, mas tentando fazer com que o aluno compreenda a importância do aprendizado de uma linguagem formal e onde utilizá-la.

Podemos observar que o aluno E. A.S apresenta uma nova perspectiva do conto original, é possível perceber que ele atribui voz a princesa, revelando um conflito entre ela e sua mente, ou seu eu interior na busca de sua verdadeira identidade. Esta personagem luta para se aceitar, se sente incapaz e encontra sua força interior capaz de desafiar as expectativas da sociedade, na figura de seu pai, aparentemente autoritário que já tem um caminho pré-determinado para a filha seguir.

Esse diálogo que a princesa tem com sua mente pode simbolizar a autodescoberta, a confiança, a força e é guiada por essa voz que ela deixa de ser uma figura passiva e submissa e toma o controle de sua vida e traça um novo significado ao seu destino, há uma quebra de expectativas em relação aos contos de fadas tradicionais em que a princesa espera encontrar seu tão esperado “feliz para sempre” no casamento, a protagonista rejeita esta ideia e vai em busca de sua realização pessoal, demostrando capacidade para tomar suas próprias decisões como também sua força para enfrentar os obstáculos que poderiam surgir a partir dessa mudança. Notamos que mesmo que este aluno tenha recriado todo o texto e não apenas apresentado somente o final, ele compreendeu a temática trabalhada no conto de Marina Colasanti, apresentou a ideia da evolução da personagem, seus conflitos internos, a autodescoberta, o empoderamento feminino e a quebra de expectativas sociais.

Figura 28: Texto de aluno



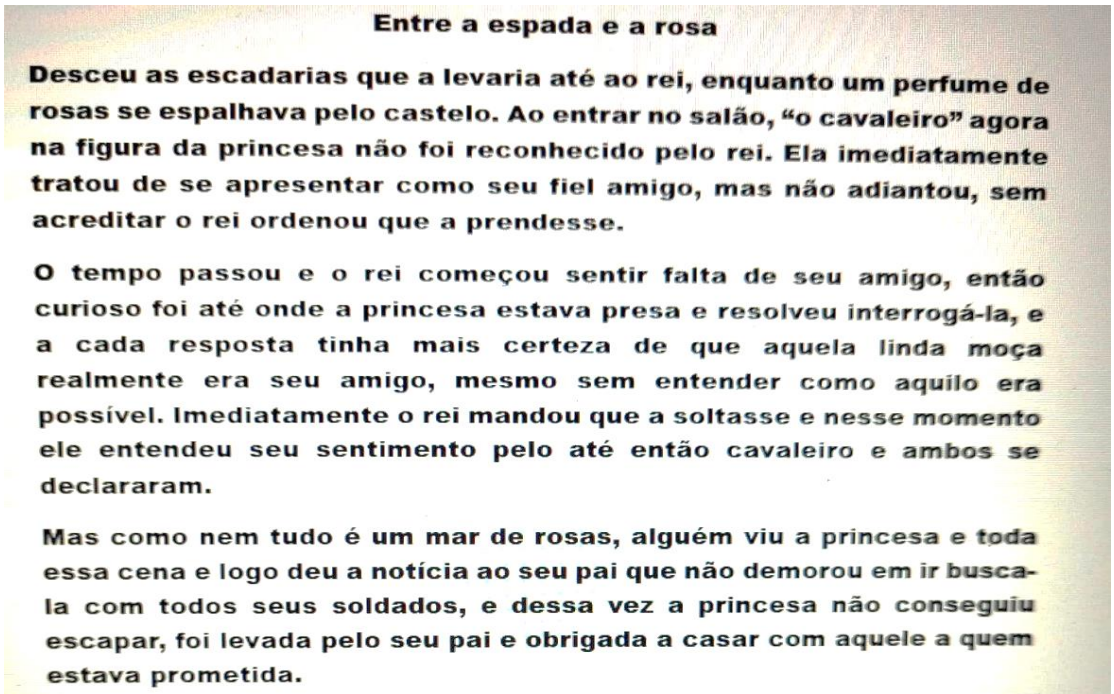
Entre a espada e a rosa.

Desceu as escadarias que a levaria até ao Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo. E ao chegar até o rei ele não a reconhecia, então ela se apresentou como o seu amigo (cavalheiro) cavaleiro, mais ele duvidou e mandou que prendesse ela. O tempo passou e o Rei sentia falta do seu amigo, então curioso foi até onde a Princesa estava presa e ali começou a interrogá-la, e a cada resposta dela, ele tinha certeza que o cavaleiro era ela, então o Rei mandou soltá-la e ali naquele momento ele entendeu o porque do sentimento dele pelo cavaleiro ela se declarou e ele também, mais nem sempre tudo é um mar de rosas alguém a viu e deu a notícia ao seu pai que foi com soldados bruscá-la, mas dessa vez ela não conseguiu fugir, então seu pai a levou e obrigou a se casar com o velho feio.

1ª versão do texto da aluna D. L.M

A figura 29 também mostra um texto escrito.

Figura 29: Texto de aluno



Entre a espada e a rosa

Desceu as escadarias que a levaria até ao rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava pelo castelo. Ao entrar no salão, "o cavaleiro" agora na figura da princesa não foi reconhecido pelo rei. Ela imediatamente tratou de se apresentar como seu fiel amigo, mas não adiantou, sem acreditar o rei ordenou que a prendesse.

O tempo passou e o rei começou sentir falta de seu amigo, então curioso foi até onde a princesa estava presa e resolveu interrogá-la, e a cada resposta tinha mais certeza de que aquela linda moça realmente era seu amigo, mesmo sem entender como aquilo era possível. Imediatamente o rei mandou que a soltasse e nesse momento ele entendeu seu sentimento pelo até então cavaleiro e ambos se declararam.

Mas como nem tudo é um mar de rosas, alguém viu a princesa e toda essa cena e logo deu a notícia ao seu pai que não demorou em ir busca-la com todos seus soldados, e dessa vez a princesa não conseguiu escapar, foi levada pelo seu pai e obrigada a casar com aquele a quem estava prometida.

2ª versão do texto da aluna D.L.M

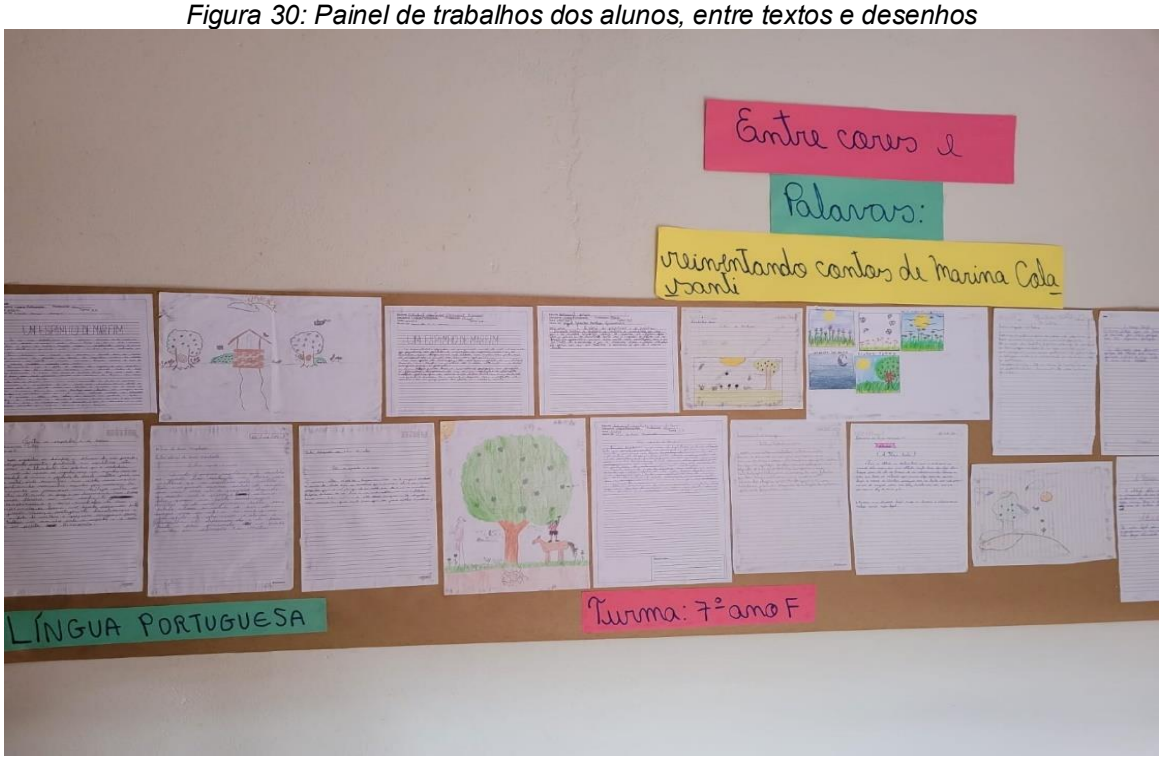
O texto da aluna D.L.M em sua primeira versão apresenta alguns erros ortográficos, alguns equívocos nas colocações pronominais, é notável as marcas de oralidade, algo que é corriqueiro nas produções textuais de nossos alunos, em sua essência o texto nos mostra que a aluna de certa forma quis quebrar a expectativa de seu leitor atual, pois o esperado é que todos produzissem um final em que a princesa iria continuar sendo a mulher determinada, autoconfiante e destemida que é apresentada no início do conto, a personagem se vê obrigada a cumprir seus deveres com a família, em sua narrativa a aluna apenas diz que dessa vez ela não conseguiu escapar, mas será que ela tentou? Será que dessa vez ela queria escapar? Ou os deveres com a família, com a sociedade falou mais alto? E isso nos faz questionar, porque hoje mesmo que a mulher seja empoderada, independente, guerreira e dona de seu destino, a cobrança social e familiar ainda é muito grande diante de suas escolhas e a realidade de uma, nem sempre será a mesma de outra.

4.7 Resultados dos trabalhos

Decidimos que apresentaríamos o resultado do trabalho desenvolvido pelos alunos no formato de portifólio no dia da reunião bimestral de pais, já que a maioria não são tão presentes na escola, os que compareceram puderam prestigiar e reconheceram o quão significativo é ver o resultado do que o filho produziu mesmo que em um curto espaço de tempo, já que estão muito habituados somente receber os boletins com as notas.

Logo após foi o momento de selecionar algumas produções para serem colocadas no painel que iríamos confeccionar e expor no mural da escola, a turma é bastante extensa, então não caberia todos, já que o trabalho culminou em recriação, construção, expressão criativa, resolvemos selecionar alguns títulos que o nomearia e o escolhido foi “Entre cores e palavras, reinventando contos de Marina Colasanti”. As cores com a representatividade das emoções, a evocação à natureza, os elementos utilizados nos contos colasantianos que transmite todo esse universo visual ao leitor, no caso nossos alunos e as palavras que desencadeia toda a construção da narrativa, representando também a forma como os alunos se expressaram em suas produções tanto escritas quanto ilustradas. O painel segue representado na figura 30 e 31 como podemos ver logo abaixo:

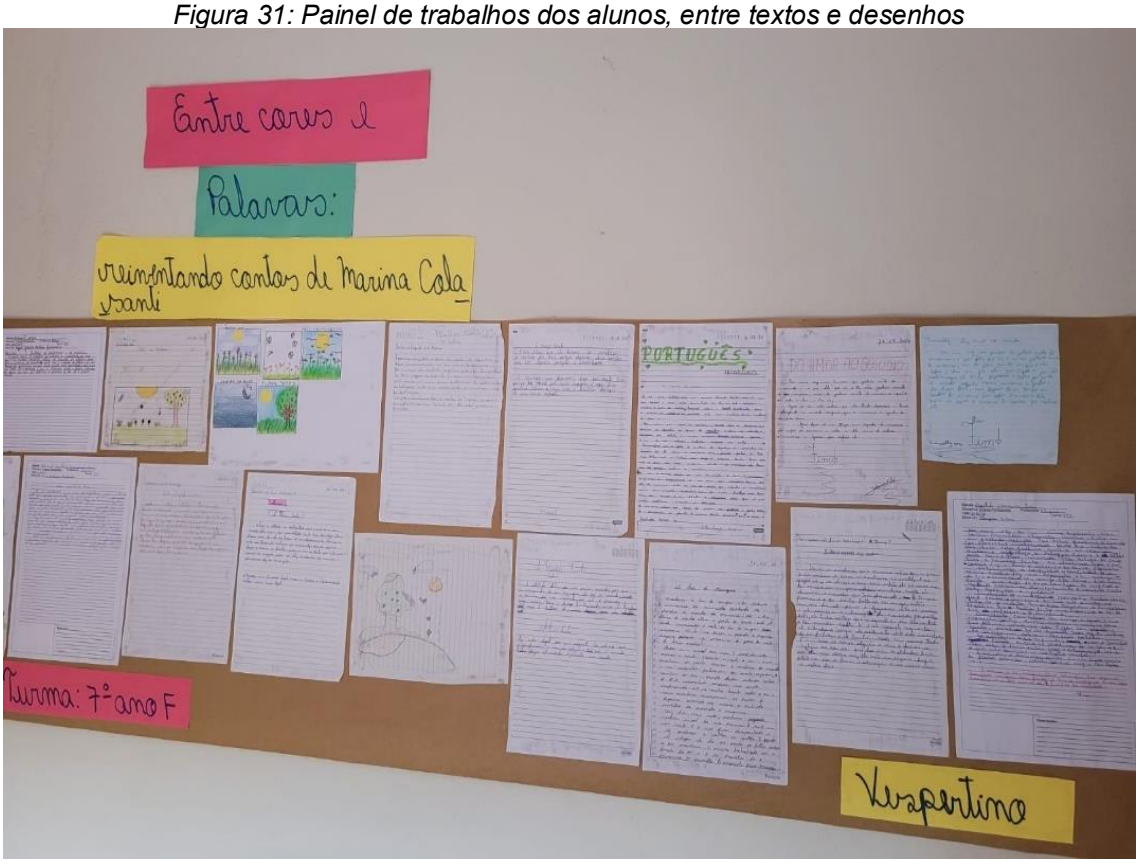
Figura 30: Painel de trabalhos dos alunos, entre textos e desenhos



Painel: Entre cores e palavras: Reinventando contos de Marina Colasanti

Outra imagem do painel construído como atividade da intervenção.

Figura 31: Painel de trabalhos dos alunos, entre textos e desenhos



Painel: Entre cores e palavras: Reinventando contos de Marina Colasanti

A empolgação deles em ver seus textos expostos e mostrar para os colegas era visível, a ideia de saber que eles escreveram não apenas por uma nota, ou como alguns pensam que seus textos nunca serão lidos e infelizmente é algo que acontece, acredito que assim eles possam entender a relevância do que estão aprendendo e consequentemente se sintam motivados a se expressarem melhor.

5 CONCLUSÃO: TECIDO COM FIOS DE LITERATURA, LEITURA E ESCRITA

Finalizando esta pesquisa, trago uma afirmação de Paulo Freire (1982, p. 17):

> Só educadoras e educadores autoritários negam a solidariedade entre o ato de educar e o ato de serem educados pelos educandos; só eles separam o ato de ensinar do de aprender, de tal modo que ensina quem se supõe sabendo e aprende quem é tido como quem nada sabe.

Durante o processo de pesquisa teórica e durante a intervenção, posso afirmar, aprendi o tempo todo, em cada etapa. O aprendizado é de fato uma estrada de duas mãos: nós, professores, ensinamos aos alunos, nós, professores, aprendemos com os alunos.

Ao escolher trabalhar com o texto literário em sala de aula, sabemos por experiência própria que este é um desafio que a escola vem enfrentando ano após ano, pelo fato que os alunos não tem hábito e nem interesse pela leitura e justamente por este motivo muitas vezes o texto literário acaba sendo utilizado apenas como pretexto para trabalhar regras gramaticais ou apenas fragmentados, não explorando assim todo potencial que a literatura oferece. Para nós docentes, que enfrentamos a pressão por resultados em avaliações padronizadas, materiais a serem cumpridos dentro de um determinado prazo, até mesmo a falta de tempo pode ser que pecamos em não desenvolver atividades que direcionem o aluno para esse caminho da leitura tão mágico e instigante, algo que precisamos corrigir, porque somos nós os mediadores nesse processo em despertar no aluno o prazer pela leitura e instigar os novos horizontes que eles poderão desvendar.

Quando iniciei este trabalho interventivo tive a preocupação de não obter êxito, pois a turma é bastante agitada, a maioria não demonstrava interesse em realizar atividades propostas, principalmente se não for de cunho avaliativo e também por experiências em anos anteriores com trabalhos de leituras e escrita que é sempre um desafio, demanda tempo e muita persistência, mas quando não desistimos por menor que pareça o resultado alcançado é extremamente significativo e nos faz pensar que é sim possível fazer da sala de aula um espaço onde a leitura seja vista como fonte de prazer e conhecimento e não como algo obrigatório e monótono. Durante algumas etapas foi necessário fazer algumas adaptações diante do que tínhamos planejado,

devido ao tempo e outras atividades que deveriam ser cumpridas dentro do calendário escolar.

A cada leitura, a cada produção, os alunos foram demonstrando amadurecimento na compreensão daquilo que estava além do texto e ver que eles sempre buscavam por isso, encontrar as nuances em cada palavra, em cada simbologia, só me fez perceber a importância do contato deles com a literatura e mesmo algumas vezes tendo reclamado que não gosta de ler ou escrever, assim que terminamos nosso projeto, alguns vieram perguntar qual seria a próxima autora que iríamos trabalhar.

A cada conto lido e discutido era uma viagem diferente ao fantástico mundo de Marina Colasanti, em o *Espinho de Marfim*, puderam relembrar contos de fadas que fizeram parte de suas infâncias, tecendo comparações, contando como se sentiam ao ouvir essas histórias e como acreditavam neles, ficaram decepcionados com a morte da protagonista, ainda estava um pouco difícil dar asas à imaginação, mas conseguiram compreender as simbologias apresentadas no texto.

Em *Para que ninguém a quisesse* o embarque decorreu para um tema sério e que faz parte de nossa realidade, fazendo com que eles compreendessem que a literatura não vai trabalhar somente com a imaginação, como também permitir reflexões sobre relações de poder e a construção/desconstrução da identidade feminina e como a submissão feminina pode refletir nessa perda de identidade e autoestima. As discussões realizadas em grupos também foi um ponto importante para que eles falassem de temas tão polêmicos de forma responsável, incialmente notamos que os meninos demonstraram uma certa insegurança para falarem sobre o assunto, por isso comentamos que por mais que sempre colocamos a mulher como o foco da violência, muitos homens também passam por situações assim e que eles também podem denunciar.

Em meio a fio de palavras e tramas de narrativas, A *moça tecelã* com sua riqueza de significados nos convidou a uma jornada de descobertas. Essa riqueza alusiva desde as cores vibrantemente escolhidas até as sutis transformações que ocorre durante o enredo nos transportou para um universo significativo, além de desvendar nuances da condição feminina, da submissão e da busca pela autonomia. A essa altura já era possível perceber que alguns alunos buscavam adentrar os caminhos que a leitura literária oferece, questionando, opinando e demonstrando

capacidade de assimilação com a realidade, outros precisavam de mais tempo para esse desenvolvimento. Essa etapa também nos permitiu momentos de expressões individuais, cada aluno tecia sua própria interpretação, a sala de aula pode ser comparada como o próprio tear em que a literatura se entrelaça com a vida, despertando emoções e instigando reflexões. Percebemos que os alunos foram desenvolvendo cada vez mais a oralidade, participando atividade das discussões e com mais anseio de participação, algo que não víamos anteriormente por parte da maioria da turma.

Em *Além do bastidor*, foi possível explorar a imaginação e criatividade dos alunos em inseri-los como a própria personagem do conto, por meio de cores eles transformariam uma folha branca em algo significativo, assim como a personagem faz com seu bastidor e suas linhas. Nas discussões muitos conseguiram realizar associações com o conto trabalhado anteriormente, *A moça tecelã,* ambas usam o bordado para se expressar, as personagens encontram-se envolvidas nessa magia de criar, tecer e se autodescobrir. Em suas expressões criativas, cada um por mais que representou o cenário construído pela personagem do conto, inseriu sua subjetividade, sua essência e particularidade, nos permitindo várias interpretações.

No encerramento do nosso projeto com o conto *Entre a espada e a rosa* os alunos foram convidados a realizarem reflexões sobre a natureza feminina e os papéis de gêneros, foi possível revisitar um conto de fadas tradicional, com uma heroína moderna complexa e multifacetada, ressignificando assim essa personagem aproximando-a da realidade contemporânea. Foi interessante eles perceberem a dualidade entre a espada e a rosa, simbolizando que a figura feminina ao mesmo tempo que pode ser forte, empoderada e independente também pode manter a sensibilidade, feminilidade e delicadeza, desconstruindo assim estereótipos e vislumbrando assim novas possibilidades para a construção da identidade feminina.

Acredito que com esse trabalho mesmo que de forma sutil foi plantado uma semente que deverá ser cultivada e desenvolvida ao longo dos anos, o resultado esperado talvez não seja algo que virá de um dia para o outro, é um trabalho contínuo e gradual, exigindo dedicação, motivação e principalmente acreditar que é possível, mesmo sabendo que nem sempre esse percurso será fácil, mas a cada fruto colhido sabemos que estamos no caminho certo. Assim como já dizia o célebre poeta e dramaturgo português Fernando Pessoa “tudo vale a pena quando a alma não é

pequena”, acreditamos que cada semente que deixamos no caminho, na vida de nossos alunos, pelo menos algumas irão florescer.

A pesquisa nos permitiu reavaliar nossas práticas em sala de aula e constatar que tornar a leitura e a escrita atividades prazerosas em sala de aula não é algo impossível. Com base nos resultados alcançados pretendemos ampliar esses trabalhos em outras turmas de forma mais efetiva, acreditando que incluir a leitura literária no dia a dia do aluno pode gerar resultados muitos mais significativos, tanto em sala de aula quanto para sua formação enquanto cidadão.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, V. T. A formação do leitor [p. 104-116]. In: **Caderno de formação**: formação de professores – didática dos conteúdos. São Paulo: Unesp, 2011.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular**. MEC. Brasília, 2018. Disponível em http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 16.04.2024.

BRASIL. Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). Relatório da Pesquisa Alfabetiza Brasil: Diretrizes para uma Política Nacional de Avaliação da Alfabetização das Crianças. Brasília, DF: Inep, 2023.

CANDIDO, A. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARVALHO, M. A. F. de; MENDONÇA, R. h. (orgs.). Práticas de leitura e escrita. Brasília: Ministério da Educação, 2006.

COLASANTI, M. **Além do Bastidor**. Disponível em https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/alc3a9m-do-bastidor.doc acesso em 06.05.2024.

COLASANTI, M. Para que ninguém a quisesse. In. **Um espinho de marfim e outras histórias**. L&PM Pocket Porto Alegre, 2009.

COLASANTI, M. Um espinho de marfim. A moça tecelã. Entre a espada e a rosa. In. **Mais de 100 histórias maravilhosas**. Global. São Paulo, 2015.

COLOMER, T**. A formação do leitor literário**. Narrativa infantil e juvenil atual**.** São Paulo, global, 2002.

COLOMER, T. **Andar entre livros**: a leitura literária na escola. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.

CORDEIRO. Maisa Barbosa da Silva.**Mulheres que (se) tecem:** metáforas do bordado em Marina Colasanti. Disponível em https://abralic.org.br/anais/arquivos/2018_1547734085.pdf. Acesso em 05/10/2024

COSSON, R. **Letramento literário**. Teoria e prática. Contexto, São Paulo, 2009.

FERREIRO, E. **Reflexões sobre a alfabetização**. Cortez, São Paulo, 2011.

_____. **O ingresso na escrita e na cultura do escrito**. Tradução Rosana Malerba. 26 ed. São Paulo: Cortez, 2013.

FREIRE, P. **Da leitura do mundo à leitura da palavra**; Entrevista concedida a Ezequiel Theodoro. *Leitura: teoria e prática*, Porto Alegre, v. 1, n. 0, nov., 1982, p. 3-9. Disponível em http://acervo.paulofreire.org:8080/xmlui/handle/7891/2842. Acesso em 02 ago. 2024.

_____ **A importância do ato de ler.** São Paulo: Cortez, 2011

GERALDI, J. W. **O texto na sala de aula**. Cascavel: Assoeste, 1984

GOULD. Joan. **Fiando Palha, tecendo ouro. O que os contos de fadas revelam sobre as transformações na vida da mulher.**São Paulo, 2007

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura – teoria & prática**. Campinas: Pontes, 1992

LAJOLO, M. **Do mundo da leitura para leitura do mundo**. São Paulo: Ática, 2000.

_____**O texto não é pretexto**.In ZILBERMAN, Regina (org. *Leitura em crise nas escolas: as alternativas do professor.* São Paulo. Mercado Aberto, 1988

MAFRA, N. D. F. **Leituras à revelia da escola** [livro eletrônico]. Londrina, Eduel,2003.

MARCUSCHI. Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** Parábola. 3ª Ed.2008

MARTINS, Maria Helena**. O que é Leitura**. São Paulo: Brasiliense, 2006

MORTATTI. **Entre a literatura e o ensino** - a formação do leitor. São Paulo: Unesp, 2018.

ORLANDI. Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. São Paulo. Unicamp. 1996

SOARES, L. L. **A importância do letramento literário para a formação do leitor.** Disponível em https://www.unifan.edu.br/unifan/aparecida/wp-content/uploads/sites/2/2020/07/A-IMPORT%C3%82NCIA-DO-LETRAMENTO-LITER%C3%81RIO-PARA-A-FORMA%C3%87%C3%83O-DO-LEITOR.pdf. Acesso em 13.11.2024.

SOARES, L. M. R.; Carvalho, D. B. A. **A representação da menina e da mulher no conto de fada moderno**: novos destinos em "Além do bastidor" e "A moça tecelã"**.** Disponível em: https://online.unisc.br/seer/index.php/signo. Acesso em 25.10.2024.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6ª ed. Porto Alegre-RS: Penso, 1998.

THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1986.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, *[S. l.]*, v. 31, n. 3, p. 443–466, 2005. DOI: 10.1590/S1517-97022005000300009. Disponível em: https://www.revistas.usp.br/ep/article/view/27989.. Acesso: 26.05.24.

VALL, Maria da Graça Costa. **O que é ser alfabetizado e letrado**?IN. Práticas de Leitura e escrita (org)Maria Angélica Freire de Carvalho, Rosa Helena Mendonça, Brasília, Ministério da Educação, 2006

APÊNDICES

Cronograma

Mês/Ano	Carga horária	Obra	Atividades
Julho/2024	6h	Um espinho de marfim	• Apresentação biográfica da autora Marina Colasanti; • Produção de uma história a partir dos personagens e espaço do conto “Um espinho de marfim”. • Leitura e interpretação do conto: “Um espinho de marfim”; • Recontar a narrativa em outro gênero; • Trabalhar a reescrita das produções.
Julho/2024	6h	Para que ninguém a quisesse	• Apresentação do vídeo “Amor que dói” de Simone e Simaria; • Discussão sobre o tema; • Leitura compartilhada e interpretação do conto “Para que ninguém a quisesse” relacionando com o vídeo; • Pesquisar índices e reportagens sobre violência contra mulher; • Produzir cartazes através do Canva com anúncios publicitários de conscientização sobre a violência contra a mulher; • Compartilhamento nas redes sociais.
Julho/2024	6h	A moça tecelã, Além do bastidor	• Dividir a turma em 3 grupos; • 1º Grupo: Realizar uma pesquisa sobre a personagem mitológica Penélope”; • 2º grupo: Leitura e interpretação do conto “A moça tecelã” • 3º grupo: Leitura e interpretação do conto “Além do bastidor”; • Solicitar que cada aluno traga para sala de aula uma peça artesanal confeccionada com linha, barbante ou lã; • Socialização dos trabalhos em uma roda de conversas; • Após a socialização realizar atividade escrita relacionando as apresentações. • Trabalhar a reescrita dos textos.
Agosto/2024	9h	Entre a espada e a rosa	• Leitura individual do conto “Entre a espada e a rosa”; • Socialização sobre o conto; • Produção de um outro final para o conto; • Trabalhar a reescrita dos textos. • Produção de rosas em EVA. • Entrega das rosas, registros fotográficos.
Agosto/2024	12h	Portfólio	• Organização dos trabalhos desenvolvidos pelos alunos para criação do portfólio.
Setembro/ outubro /novembro		Escrita da Dissertação	• Escrita dos resultados obtidos com a aplicação do projeto; • Revisão bibliográfica; • Envio da 1ª versão.

1 PLANOS DE AULA PARA OS CONTOS DE MARINA COLASANTI

1.1 “Um espinho de marfim”

Identificação

Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Eliane Pereira da Silva
Turma: 7º ano F
Carga horária: 6 aulas (cada aula 50 minutos)

Objetivos:

1. Ampliar e desenvolver as habilidades de oralidade, leitura e escrita;
2. Refletir sobre os simbolismos presentes no conto;
3. Expressão de ideias e criatividade por meio da linguagem oral e escrita.

Conteúdo:

- ✓ Apresentação da proposta de trabalho;
- ✓ Apresentação sobre a autora Marina Colasanti;
- ✓ O conto “Um espinho de marfim”;
- ✓ Elementos e estrutura do conto;
- ✓ Leitura e análise da obra;
- ✓ Recriação do conto por meio de outro gênero.

Metodologia:

- ✓ Apresentar a proposta da aula, irá expor sobre a autora dos contos que serão trabalhados Marina Colasanti, relembrar a estrutura e características do gênero conto;
- ✓ Incentivar que os alunos falem de suas experiências como leitores de contos de fadas tradicionais, citar os que eles conhecem e instigá-los a contar o que esses contos geralmente tem em comum;
- ✓ Apresentar na televisão imagens que correspondem aos elementos que compõem o conto a ser lido e pedir para que eles expressem suas percepções referente ao tema da narrativa;
- ✓ Realizar a leitura protocolada do texto, fazendo indagações referente ao que irá acontecer na sequência, após a leitura será aberto o espaço para que os alunos exponham suas considerações referente ao texto, distribuir cópias impressas para os alunos, solicitar que eles identifiquem a estrutura dessa narrativa, fazendo a análise da obra.

Atividades
Solicitar que os alunos produzam uma recriação do conto utilizando um outro gênero de sua escolha que será entregue ao professor; realizada a correção e posteriormente será realizado a reescrita.

Material
Texto impresso “Um espinho de marfim”, televisão para projeção de imagens, lousa.

Avaliação:
A avaliação será por meio da participação nos debates e interesse dos alunos nas atividades propostas.

Referências:
COLASANTI, MARINA. Um espinho de marfim. In Mais de 100 histórias maravilhosas. Editora Global. 2015.

1.2 “Para que ninguém a quisesse”

Identificação

Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Eliane Pereira da Silva
Turma: 7º ano F
Carga horária: 6 aulas (cada aula 50 minutos)

Objetivos

1. Ampliar e desenvolver as habilidades de oralidade, leitura e escrita;
2. Tecer reflexões sobre a temática da violência contra a mulher;
3. Observar a caracterização da figura feminina em posição de submissão;
4. Promover a participação ativa oralmente e escrita sobre temas relevantes.

Conteúdo

- ✓ Apresentação do vídeo “Amor que dói”;
- ✓ Exposição oral de ideias em momentos de interação;
- ✓ Leitura compartilhada do texto “Para que ninguém a quisesse”;
- ✓ Pesquisas com auxílio de *cromebooks*;
- ✓ Produção de cartazes.

Metodologia

- ✓ Iniciaremos a aula com a apresentação do vídeo “Amor que dói” de Simone e Simaria, após a projeção instigar que os alunos expressem suas opiniões referente ao tema abordado;
- ✓ Realizar a leitura compartilhada do texto “Para que ninguém a quisesse”, logo após abrir espaço para que os alunos relacionem o vídeo com a leitura do conto e realizem os apontamentos referente à temática abordada;
- ✓ Solicitar que os alunos pesquisem os índices de violência e reportagens sobre violência contra a mulher e posteriormente socializar com a turma por meio de uma roda de conversa.

Atividade

- ✓ Realizar a produção de cartazes com anúncios publicitários de conscientização sobre a violência contra a mulher e que eles poderão compartilhar em suas redes sociais.

Material

Texto impresso “Para que ninguém a quisesse”, músicas e vídeos.

Avaliação
A avaliação será por meio da participação nos debates e interesse dos alunos nas atividades propostas.

Referência
COLASANTI, Marina. Para que ninguém a quisesse. In. Um espinho de marfim e outras histórias. L e PM Pocket Porto Alegre,2009.
https://www.youtube.com/watch?v=5gsOumNuGLw. Acesso em 17/05/2024

1.3 “A moça tecelã” e “Além do bastidor”

Identificação

Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Eliane Pereira da Silva
Turma: 7º ano F
Carga horária: 6 aulas (cada aula 50 minutos)

Objetivos

1. Ampliar e desenvolver as habilidades de oralidade, leitura e escrita;
2. Compreender a intertextualidade;
3. Promover a reflexão crítica em relação a condição feminina em vários contextos.

Conteúdo

- ✓ Leitura e análise dos contos “A moça tecelã”, “Além do bastidor”;
- ✓ Produção textual.

Metodologia

Nesta aula a turma será dividida em 3 grupos, para o 1º grupo serão ofertados os cromebooks para que eles realizem uma pesquisa sobre a personagem Penélope, para o 2º grupo será entregue a cópia do conto “A moça tecelã”, o 3º grupo ficará com o conto “Além do bastidor”. Os alunos serão orientados a realizarem a leitura individualmente e depois com seus grupos irão tecer as suas considerações e posteriormente apresentarão para a turma. Para próxima etapa da atividade será solicitado que os alunos tragam peças confeccionadas manualmente, de preferência tapetes para serem estendidos no chão da sala de aula onde sentarão em círculo para realizar a socialização das atividades propostas instigando a participação de todos com mediação da professora.

Atividades

Após a socialização solicitar que os alunos realizem uma produção escrita referente a compreensão dos contos relacionando-os entre si e com a personagem Penélope, enfatizando a condição da personagem feminina em cada um dos contos.

Material

Texto impresso, cromebooks, vídeos

Avaliação

A avaliação será por meio da participação nos debates e interesse dos alunos nas atividades propostas.

Referências

COLASANTI, MARINA. A moça tecelã. In.Mais de 100 histórias maravilhosas. Editora Global. 2015.
COLASANTI, Marina. Além do Bastidor. Disponível em https://oportuguesdobrasil.files.wordpress.com/2015/02/alc3a9m-do-bastidor.doc acesso em 06/05/2024

1.4 “Entre a espada e a rosa”

Identificação

Disciplina: Língua Portuguesa
Professora: Eliane Pereira da Silva
Turma: 7º ano F
Carga horária: 9 aulas (cada aula 50 minutos)

Objetivos

1. Ampliar as habilidades de oralidade, leitura e escrita
2. Compreensão da construção dos significados por meio das metáforas;
3. Desenvolver a criatividade e a capacidade de expressão individual e em grupo.

Conteúdo

- ✓ Leitura e análise do conto *Entre a espada e a rosa*;
- ✓ Metáforas e simbolismos;
- ✓ Papéis sociais de gênero e identidade feminina;
- ✓ Produção textual;
- ✓ Criação artística.

Metodologia

- ✓ Será distribuído cópias do conto *Entre a espada e rosa* para que os alunos realizem a leitura individual, após a leitura daremos espaço para que cada um expressem suas compreensões referente à narrativa. Em seguida faremos a análise da obra, instigando os alunos a perceberem as metáforas presentes na narrativa,
- ✓ Para finalizar será feito uma oficina em que os alunos irão produzir rosas em EVA e que irão entregar para mulheres que compõem o quadro da escola.

Atividades

Solicitar que os alunos produzam um final para a narrativa, utilizando sua criatividade. Produção de rosas em EVA.

Material

Texto impresso “Entre a espada e rosa”, EVA, músicas, vídeos

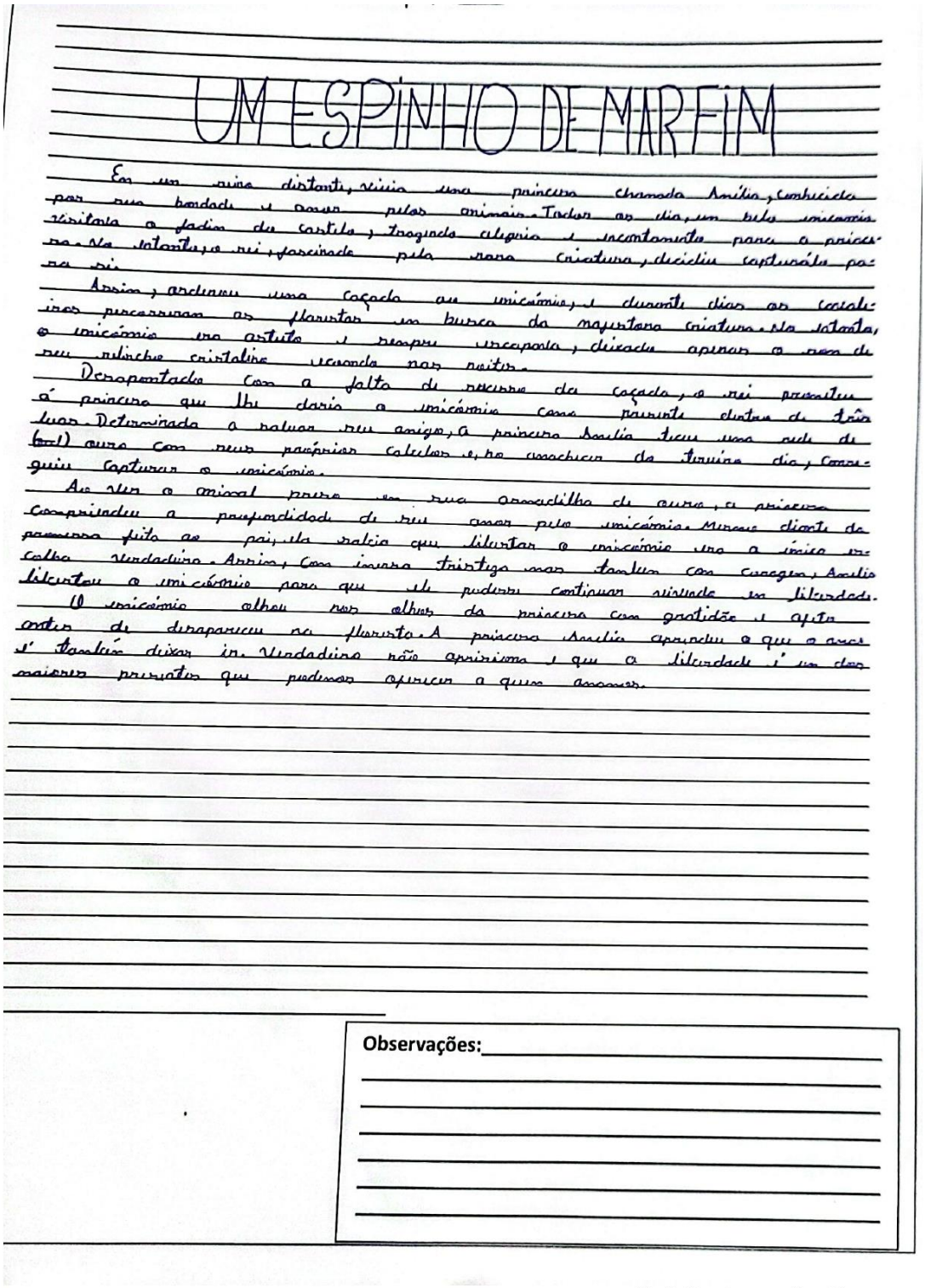
Avaliação

A avaliação será por meio da participação nos debates e interesse dos alunos nas atividades propostas.

Referência

COLASANTI, MARINA. Entre a espada e a rosa *Mais de 100 histórias maravilhosas*. Editora Global. 2015.

ANEXOS



UM ESPINHO DE MARFIM

Em um reino distante, vivia uma princesa chamada Amélia, conhecida por sua bondade e amor pelos animais. Todos os dia, um belo unicórnio visitava o jardim do castelo, trazendo alegria e encantamento para a princesa. No entanto, o rei, fascinado pela rara criatura, decidiu capturá-lo para si.

Assim, ordenou uma caçada ao unicórnio, e durante dias os cavaleiros percorreram as florestas em busca da majestosa criatura. No entanto, o unicórnio era astuto e sempre escapava, deixado apenas o som de seu relincho cristalino ecoando nas noites.

Desapontado com a falta de sucesso da caçada, o rei prometeu à princesa que lhe daria o unicórnio como presente dentro de três luas. Determinada a salvar seu amigo, a princesa Amélia teceu uma rede de (~~ouro~~) ouro com seus próprios cabelos e, no anochecer do terceiro dia, conseguiu capturar o unicórnio.

Ao ver o animal preso em sua armadilha de ouro, a princesa compreendeu a profundidade de seu amor pelo unicórnio. Mesmo diante da promessa feita ao pai, ela sabia que libertar o unicórnio era a única escolha verdadeira. Assim, com imensa tristeza mas também com coragem, Amélia libertou o unicórnio para que ele pudesse continuar vivendo em liberdade.

O unicórnio olhou nos olhos da princesa com gratidão e afeto antes de desapareceu na floresta. A princesa Amélia aprendeu o que o amor é também deixar ir. Verdadeiro não aprisiona e que a liberdade é um dos maiores presentes que podemos oferecer a quem amamos.

Observações:

Digitalizado com CamScanner

Noticiario. A historia da princesa e do unicórnio.

Princesa morre na tentativa de salvar o unicórnio que seu pai, o rei mandou caçadores capturá-lo. Segundo as ultimas informações a princesa foi encontrada morta com o espinho de mafim em seu coração. As possíveis causas dessa morte será investigada, mas o que se sabe até o momento é que a Princesa tirou a propria vida porque não queria que seu pai matasse o unicornio já que ela o amava muito.

Observações:

Digitalizado com CamScanner

UM ESPINHO DE MARFIM

Ao amanhecer, quando os primeiros raios de sol iluminaram os jardins do castelo, o unicórnio aproximou-se de Cecília, com lágrimas nos olhos. Ela sussurrou palavras de despedida e amor ao seu amigo fiel.

Em um gesto de coragem e determinação, o unicórnio cravou seu chifre no portão do castelo, abrindo uma porta mágica para a floresta.

Sem olhar para trás, o unicórnio galopou em direção à liberdade, desaparecendo na densa vegetação da floresta. Cecília sabia que ele estava livre para viver de sua forma natural e embora seu coração doesse com a partida, ela sentiu-se em paz por ter feito a coisa certa.

Observações:

Digitalizado com CamScanner

Atividade

A Moça tecelã

* Com a atitude de destecer tudo oque o ambicioso do marido dela exigiu, foi uma atitude muito boa. foi algo libertadora para ela, ela se livrou de um relacionamento tóxico, eu acho que todas as mulheres que vivem algo parecido devia fazer o mesmo se libertar, podemos ver no texto que não precisamos de ninguém para ser feliz, basta ser nós mesmo que seremos feliz do mesmo jeito.

* Eu achei uma atividade legal, mais se tivesse a colaboração melhor seria mais legal.

Digitalizado com CamScanner

D S T Q Q S S
D L M M J V S

16/08/2024

A moça tecelã

Essa atitude que ela tomou de desfazer o marido foi boa, porque niguem iria gostar em ter alguém forçado a amá-lo.

A atividade que fizemos hoje foi muito boa porque todo mundo fala seus desejos e oque eles queriam retirar de sua vida. e também porque é uma coisa diferente.

Digitalizado com CamScanner

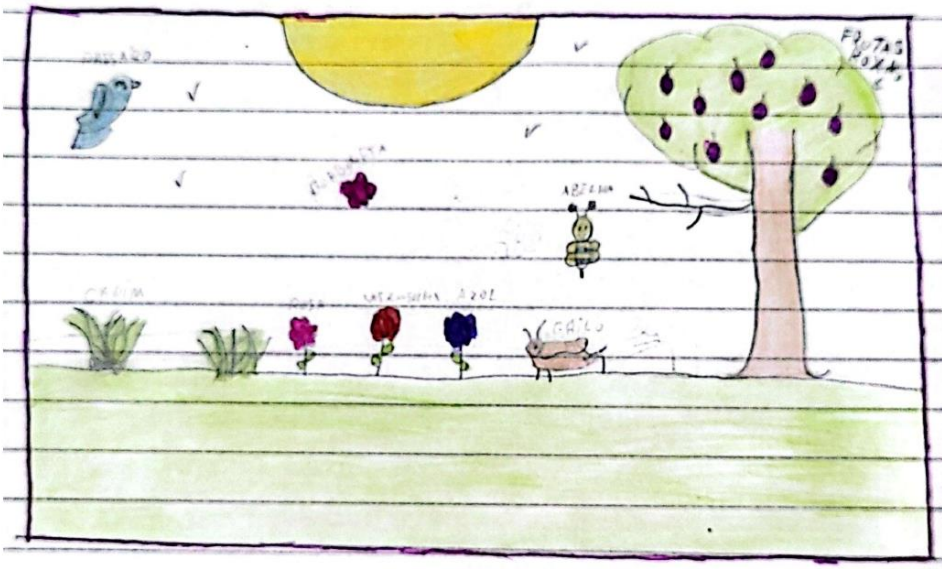
Entre a espada e a rosa

Dorcelu as escadarias que a levariam até o Rei, enquanto um perfume de rosas se espalhava no castelo. E ao chegar até o rei ele não a reconheceu, então ela se apresentou como o seu amigo cavalheiro) cavaleiro, mas ele duvidou e mandou que prendesse ela, o tempo passou e o Rei sentia falta do seu amigo, então correu foi até onde a Princesa estava presa e ali começou a interrogá-la, e a cada resposta dela, ele tinha certeza que o cavaleiro era ela, então o Rei mandou soltá-la e ali naquele momento ele entendeu o porque do sentimento dele pelo cavaleiro ela se declarou e ele também, mais não como tudo é um mar de rosas alguém a viu e desceu a notícia ao seu pai que foi com soldados buscá-la, mas dessa vez ela não conseguiu fugir, então seu pai a deixou e obrigou a se casar com o velho feio.

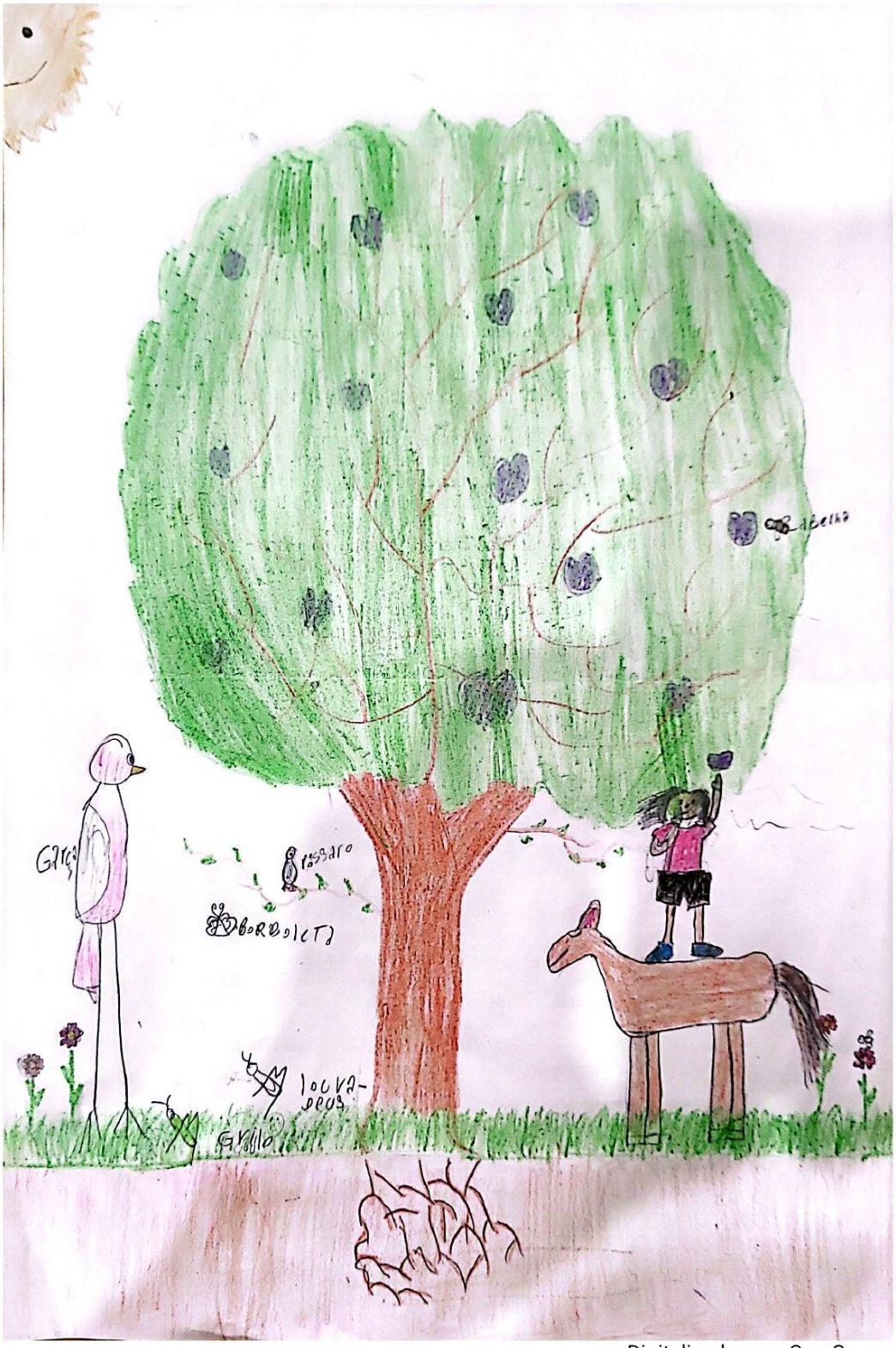
Jandaia

Digitalizado com CamScanner

Além do Horizonte



Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

Um espinho de Morfim

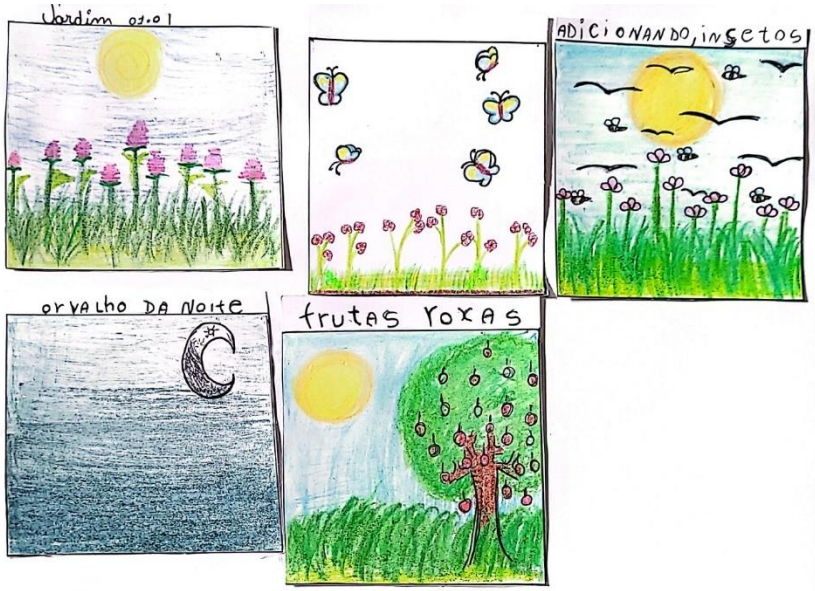
No dia 15/08/2017 a princesa da Inglaterra estava olhando pela sua janela pensando em arrumar o jardim que era muito pequeno só tinha 30 metros de comprimento e 40 metros de largura. Enquanto olhava suas moitas de flores, percebeu que tinha alguma coisa grande em uma das muitas. Imediatamente ela chamou seus guardas para averiguar o que era aquilo e viram que era um unicórnio era muito raro de ver aquele ser misterioso.

Naquele momento o pai da princeza não estava em casa quando ele chegou depois de ter ido tomar banho em seu cachoeiro que tinha no pátio, era muito baixo. só tinha 150 metros de queda livre, mais o rei não ceitou que a princeza tivesse o unicórnio consigo e eles entraram em conflito.

Mas a princesa não tinha um coração muito bondoso, pegou um espinho de morfim e sacou no peito do rei e a princesa e o unicórnio viveram felizes para sempre

Observações:

Digitalizado com CamScanner



Digitalizado com CamScanner

IFMT

parágrafo

Um espinho de marfim

Em um Certo dia, um rei vai a caça de um unicórnio, mas ele falha e fica desapontado, achando melhor recuar e voltar para casa. Sua filha deseja e promete dar de presente um unicórnio, ela corta seu cabelo e faz uma rede de ouro e ela usa essa rede para capturar o unicórnio, parágrafo | depois a captura, tornam-se eles viram amigos e começam a galopar juntos mas acontece um acidente e o unicórnio perde seu chifre e quando ela vai entregar o animal o pai fica decepcionado por achar que é um cavalo. a princesa tenta mostrar para o pai que é um unicórnio, mas ele não acredita e sacrifica o animal, parágrafo a princesa fica tão triste com o elementos fato que se tranca em seu quarto por 2 semanas, o pai tenta de tudo para fazer ela sair do quarto, porém ela se recusa ~~a sair~~. Um dia ela resolve sair do quarto e ir ao jardim e quando ela chega o unicórnio está lá, o pai vai ver como ela está e da de cara com o unicornio e que não hesita em se vingar e assassina o rei e leva a princesa em suas costas em direção ao céu.

Digitalizado com CamScanner

A moça Tecelã.

A atitude dela foi um pouco errada, por que se arrependeu do que fez, aque ela fez foi errada, mais o homem foi um machista, por que ele prendeu a moça numa torre e deixou ela trancada, mais ele também foi errou de desfazer ele, ~~mais depois por ela também~~

Atividade.

Eu achei legal por que agente se diverti com a professora e com os colegas, e também é muito bom fazer atividades diferentes na escola

Jandaia

Digitalizado com CamScanner